



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE TECNOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Rodrigo Augusto de Lima Rodrigues

**As variações do morar moderno e a assimilação da arquitetura moderna em residências de Belém entre as décadas de  
1950 e 1970**

Belém-Pará

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE TECNOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Rodrigo Augusto de Lima Rodrigues

**As variações do morar moderno e a assimilação da arquitetura moderna em residências de Belém entre as décadas de 1950 e 1970**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo. Área de concentração: Análise e Concepção do Espaço Construído na Amazônia; linha de pesquisa: Arquitetura, desenho da cidade e desempenho ambiental.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Celma Chaves Pont Vidal

Belém-Pará  
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a)

---

L732v Lima, Rodrigo Augusto de  
As variações do morar moderno e a assimilação da  
arquitetura moderna em residências em Belém entre as  
décadas de 1950 e 1970 / Rodrigo Augusto de Lima. — 2019.  
179 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dra. Celma Chaves  
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em  
Arquitetura e Urbanismo, Instituto de Tecnologia,  
Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

1. Arquitetura moderna. 2. Assimilação. 3.  
Residências. 4. Belém. I. Título.

CDD 724.6

---

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
 INSTITUTO DE TECNOLOGIA  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E  
 URBANISMO

Rodrigo Augusto de Lima Rodrigues

As variações do morar moderno e a assimilação da  
 arquitetura moderna em residências de Belém entre as  
 décadas de 1950 e 1970

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
 Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará, como requisito  
 parcial para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.  
 Área de concentração: Análise e Concepção do Espaço Construído na  
 Amazônia; linha de pesquisa: Arquitetura, desenho da cidade e  
 desempenho ambiental.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Celma Chaves Pont Vidal

Data: 05/07/2019

BANCA EXAMINADORA:




---

Presidente: Celma Chaves Pont Vidal  
 Doutora em Teoria e História da Arquitetura/ UPC  
 Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo – UFPA




---

Examinadora Interno: Cybelle Salvador Miranda  
 Doutora em Antropologia/UFPA  
 Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - UFPA




---

Examinadora Interno: Ana Klaudia Viana Perdigão  
 Doutora em Arquitetura e Urbanismo/USP  
 Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - UFPA

---

Examinador Externo: Fernando Luiz Camargos Lara  
 PhD em Arquitetura pela University of Michigan – Ann Arbor  
 School of Architecture - The University of Texas at Austin

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus que me guardou nessa caminhada e aos meus pais, Maria de Nazaré Lima e Marcelo Freire, por todo apoio e compreensão nesse período de mestrado.

Agradeço a minha orientadora Profa. Dra. Celma Chaves Pont Vidal, que me acolheu, ensinou, aconselhou, corrigiu, compreendeu meus deslizes e preencheu as lacunas do conhecimento científico com muita sabedoria e paciência e, de forma virtuosa, conduziu-me nessa dissertação.

Aos meus amigos Douglas Oliveira e Sávio Monteiro, os quais foram os primeiros companheiros de caminhadas no estudo de campo.

À Família LAHCA, a grande equipe que se une e se ajuda, que foram verdadeiros irmãos que cultivei nesse período de mestrado; iniciando por Rebeca Dias, Amanda Botelho e George Lima, que foram leitores dos meus textos iniciais. George ainda foi grande parceiro na produção de

mapas para a dissertação. A Bernadeth Beltrão, pelas discussões de temas e aproximação com os primeiros proprietários de residências. Também a Jaqueline Romaro e Luciane Oliveira pela produção de artigos em equipe. Muitos desses citados, juntamente com a orientadora, Profa. Dra. Celma Chaves Pont Vidal, produzimos uns dos maiores feitos de nosso laboratório, o ensaio para o Pavilhão do Brasil para a Bienal de Veneza, além do III Seminário de Arquitetura Moderna na Amazônia (SAMA) em 2018.

Agradeço aos meus companheiros de levantamentos de dados de campo: Stephany Pereira, Jacqueline Romaro e, principalmente, a Ronaldo Moraes e Rafaelle Navegantes, que também contribuíram no processamento de dados.

Agradeço ao CREA/PA pelo acesso aos arquivos de registros de projetos e a todos os proprietários e moradores das residências que foram estudadas, pela solicitude e compreensão sobre a minha pesquisa para a dissertação de mestrado.

## LISTA DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| Figura 1: Quadro esquemático de abordagem metodológica de estratégia combinada .....                                     | 16 |
| Figura 2: Diagrama de Procedimentos Metodológicos .....  | 21 |
| Figura 3: Grupo Escolar “Benjamin Constant” .....  | 36 |
| Figura 4: Edifícios em altura na Avenida 15 de Agosto (atual Presidente Vargas) .....                                    | 38 |
| Figura 5: Primeira residência moderna no Brasil .....  | 41 |
| Figura 6: Casa Henrique Xavier e Casa das Canoas .....   | 43 |
| Figura 7: Residência Gabbay (1954) .....   | 44 |
| Figura 8: Residência Moura Ribeiro (1949) .....  | 45 |
| Figura 9: Residência Belisário Dias (1954) .....   | 46 |
| Figura 10: Residência Presidente Pernambuco (dec. 60) ....   | 47 |
| Figura 11: Residência Guapindaia .....   | 47 |
| Figura 12: Residência Raio-que-o-parta .....   | 49 |
| Figura 13: Mapa geral dos bairros e residências identificadas .....  | 55 |
| Figura 14: Mapa de residências identificadas no bairro da Cidade Velha .....   | 57 |
| Figura 15: Residências na Av. Alm. Tamandaré, 211 (1); R. Arsenal, 885 (2); R. Dr. Malcher, 376; R. Arsenal, 929 (4) ... | 59 |
| Figura 16: Residências na R. Rodrigues dos Santos, 201 e Av. 16 de novembro, 760 .....                                   | 60 |
| Figura 17: Residências na Tv. Cap. Pedro Albuquerque .....   | 61 |
| Figura 18: Mapa de residências identificadas no bairro da Campina .....  | 62 |
| Figura 19: Residências na travessa Frutuoso Guimarães ....   | 64 |
| Figura 20: Residências nas ruas Padre Prudêncio e Ferreira Cantão .....  | 65 |
| Figura 21: Residência na rua Avertano Rocha, 358 .....   | 66 |
| Figura 22: Mapa de residências identificadas no bairro do Reduto .....   | 67 |
| Figura 23: Residências na travessa Benjamin Constant .....   | 69 |
| Figura 24: Residências na travessa Rui Barbosa .....   | 70 |
| Figura 25: Residências na travessa Quintino Bocaiuva, 837 e R. Sen. Manoel Barata, 1562 .....                            | 71 |

|  |    |   |     |
|--|----|---|-----|
| Figura 26: Mapa de Residências identificadas no bairro de Batista Campos .....                 | 73 | Figura 37: Residências na rua Antônio Barreto, 790 e na rua Boaventura da Silva, 1309 ..... | 85  |
| Figura 27: Residência na rua Arcipreste Manoel Teodoro, 30 e na travessa Tupinambás, 275 ..... | 75 | Figura 38: Residência na rua Diogo Mória, 853 .....   | 87  |
| Figura 28: Residência na avenida Eng. Fernando Guilhon ..                                      | 76 | Figura 39: Mapa de residência identificadas no bairro de São Brás .....                     | 88  |
| Figura 29: Residência na avenida Roberto Camelier .....  | 77 | Figura 40: Residências na travessa Francisco Caldeira Castelo Branco .....                  | 90  |
| Figura 30: Mapa de residências identificadas no bairro de Nazaré .....                         | 78 | Figura 41: Residência na avenida Gentil Bittencourt .....                                   | 91  |
| Figura 31: Residência na travessa Doutor Moraes .....  | 79 | Figura 42: Residências na avenida Conselheiro Furtado, 3453 e na Travessa 14 de abril ..... | 93  |
| Figura 32: Residência na Av. Nsa. Sra. de Nazaré e na Al. Paulo Maranhão .....                 | 80 | Figura 43: Plantas baixas e setorização da Residência Góes .....                            | 96  |
| Figura 33: Residências na alameda José Faciola .....   | 81 | Figura 44: Fachadas da Residência Góes .....  | 97  |
| Figura 34: Mapa de residências identificadas no bairro do Umarizal .....                       | 83 | Figura 45: Materiais aplicados na Residência Góes .....                                     | 98  |
| Figura 35: Residência na avenida Alcindo Cacela, 555 e na rua Diogo Moia, 786 .....            | 84 | Figura 46: Plantas baixas e setorização da Residência Fortes .....                          | 100 |
| Figura 36: Residência na rua Domingos Marreiros, 875 e na rua Boaventura da Silva, 1594 .....  | 85 | Figura 47: Fachada da Residência Fortes .....   | 101 |
|  |    | Figura 48: Materiais aplicados na Residência Fortes .....                                   | 102 |

|  |     |   |     |
|--|-----|---|-----|
| Figura 49: Plantas baixas e setorização da Residência Fonseca .....          | 104 | Figura 61: Plantas baixas e setorização da Residência Costa .....   | 121 |
| Figura 50: Materiais aplicados na Residência Fonseca .....                   | 105 | Figura 62: Materiais aplicados na Residência Costa .....  | 122 |
| Figura 51: Fachadas da Residência Fonseca .....                              | 106 | Figura 63: Fachadas da Residência Costa.....  | 123 |
| Figura 52: Plantas baixas e setorização da Residência Sodré .....            | 108 | Figura 64: Plantas baixas e setorização da Residência Couceiro .....  | 125 |
| Figura 53: Materiais aplicados na Residência Sodré .....                     | 109 | Figura 65: Materiais aplicados na Residência Couceiro .....   | 126 |
| Figura 54: Fachada da Residência Sodré .....                                 | 110 | Figura 66: Fachadas da Residência Couceiro .....  | 127 |
| Figura 55: Plantas baixas e setorização da Residência Romariz .....          | 112 | Figura 67: Plantas baixas e setorização da Residência Dopazo .....  | 129 |
| Figura 56: Fachada da Residência Romariz .....                               | 114 | Figura 68: Fachadas da Residência Dopazo .....  | 130 |
| Figura 57: Materiais aplicados na Residência Romariz .....                   | 115 | Figura 69: Materiais aplicados na Residência Dopazo .....   | 132 |
| Figura 58: Pisos em madeira aplicados na Residência Romariz .....            | 116 | Figura 70: Mapa geral dos bairros, vias e residências estudados .....   | 139 |
| Figura 59: Plantas baixas e setorização da Residência Avelino e Cabral ..... | 118 | Figura 71: Relação tipológica temporal do programa arquitetônico residencial – setores social e serviço ..... | 141 |
| Figura 60: Fachada da Residência Avelino e Cabral .....                      | 119 |   |     |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**CIAM** – Congresso Internacional de Arquitetura Moderna

**ENBA** – Escola Nacional de Belas Artes

**CREA/PA** – Conselho Regional de Engenharia e Agronomia - seção Pará

**UFPA** – Universidade Federal do Pará

## RESUMO

As políticas governamentais da década de 1930 incentivaram e patrocinaram a introdução da arquitetura moderna no Brasil. Desse modo, essas obras tornariam as cidades laboratórios para a implantação de um modelo de modernização. Na cidade de Belém, capital do estado do Pará, essas obras de modernização foram construídas na área central, mais precisamente na Avenida 15 de Agosto (atual Presidente Vargas), que se tornou símbolo da modernização nos anos 1940, com a construção de edifícios institucionais, comerciais e residenciais. A modernidade estava culturalmente incorporada às novas necessidades da sociedade, que buscava um novo modo de vida moderno. Dessa maneira, as soluções, formas e elementos característicos da arquitetura moderna tornaram-se instrumentos para concretização do sonho do novo estilo de vida, como forma de legitimação de grupos sociais, primeiramente, com a nova burguesia e, posteriormente, atingindo a classe média e os demais estratos sociais que buscavam modernizar seus espaços de morar. O objetivo

desta dissertação é estudar as tipologias residenciais, as quais nem sempre tiveram como autor um arquiteto ou engenheiro, inserindo-se na categoria denominada de arquitetura popular, mas que se apropriaram de certas referências formais e espaciais da arquitetura moderna local. O procedimento metodológico adotado foi à estratégia combinada, que utiliza as abordagens da pesquisa histórico-interpretativa e da pesquisa qualitativa. As técnicas de pesquisa foram o levantamento arquitetônico, o redesenho e a aplicação de questionários. A abordagem teórico-conceitual da dissertação relaciona a produção de arquitetura moderna erudita e popular sob os aspectos de apropriação e assimilação da linguagem moderna da arquitetura brasileira nas formas das residências, como anseio de materialização de uma cidade moderna.

**Palavras-chave:** Arquitetura moderna, assimilação, residências, Belém.

## **ABSTRACT**

Government policies of the 1930s encouraged and sponsored the introduction of modern architecture in Brazil. In this way, these works would make the laboratories of the cities the implantation of a model of modernization. In the city of Belém, capital of the state of Pará, these modernization works were built in the central area, more precisely on Avenue 15 de Agosto (today President Vargas), which became a symbol of modernization in the 1940s with the construction of buildings institutions, commercial and residential. Modernity was culturally incorporated into the new needs of society, which sought a new modern way of life. In this way, the solutions, forms and elements characteristic of modern architecture have become instruments for the realization of the dream of the new lifestyle, as a way of legitimizing social groups, first with the new bourgeoisie and later reaching the middle class and the other social extracts that sought to modernize their living

spaces. The purpose of this dissertation is to study the residential typologies which have not always been authored by an architect or engineer, falling into the category of popular architecture, but who have appropriated certain formal and spatial references of modern local architecture. The methodological procedure adopted was the combined strategy that uses the approaches of historical-interpretative research and qualitative research. The research techniques were the architectural survey, the redesign, and the application of questionnaires. The theoretical-conceptual approach of the dissertation relates the production of modern erudite and popular architecture under the aspects of appropriation and assimilation of the modern language of Brazilian architecture in the forms of the residences, as the yearning for the materialization of a modern city.

Keywords: Modern architecture, assimilation, residences, Belém.

## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>13</b>  |
| <b>1. PROCEDIMENTO METODOLÓGICOS.....</b>  | <b>16</b>  |
| <b>2. DEBATES HISTORIOGRÁFICOS SOBRE A ARQUITETURA DO MODERNO .....</b>                          | <b>22</b>  |
| 2.1. Diálogos sobre a modernidade, a arquitetura Moderna na América Latina e o caso de Belém ... | 22         |
| 2.2. O erudito e popular na produção da arquitetura moderna e brasileira .....                   | 26         |
| 2.3. Considerações .....   | 34         |
| <b>3. PERCURSO DA MODERNIDADE NA CIDADE DE BELÉM .....</b>                                       | <b>35</b>  |
| 3.1. A construção cultural da arquitetura moderna residencial em Belém .....                     | 35         |
| 3.2. A linguagem arquitetônica moderna e as residências em Belém do Pará .....                   | 40         |
| 3.3. Considerações .....   | 49         |
| <b>4. RELAÇÕES TIPOLÓGICAS: REFERÊNCIAS DA ARQUITETURA MODERNA EM RESIDÊNCIAS .....</b>          | <b>52</b>  |
| 4.1 Mapeamento e espacialização .....  | 52         |
| 4.1.1 Bairros da Cidade Velha, Campina e Reduto .....  | 56         |
| 4.1.2 Bairros de Batista Campos, Nazaré, Umarizal e São Brás .....                               | 72         |
| 4.2 Caracterização das residências: o moderno modo de morar.....                                 | 94         |
| 4.2.1 Residência Góes.....   | 94         |
| 4.2.2 Residência Fortes .....  | 98         |
| 4.2.3 Residência Sodré .....   | 103        |
| 4.2.4 Residência Romariz .....   | 107        |
| 4.2.5 Residência Avelino e Cabral .....  | 111        |
| 4.2.6 Residência Fortes .....  | 117        |
| 4.2.7 Residência Costa .....   | 120        |
| 4.2.8 Residência Couceiro .....  | 124        |
| 4.2.9 Residência Dopazo .....  | 128        |
| 4.3. Considerações.....  | 133        |
| <b>5. CONCLUSÕES .....</b>   | <b>136</b> |
| <b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>   | <b>143</b> |
| <b>7. APÊNDICE .....</b>   | <b>149</b> |

## INTRODUÇÃO

O processo modernizador da cidade de Belém iniciou com os primeiros edifícios que apresentam elementos modernizados na arquitetura na década de 1930, como a utilização da técnica do concreto armado, a racionalização do partido, maiores aberturas em vidro e ausência de elementos ornamentais nas fachadas.

A modernidade idealizada nessa época estendeu-se ao plano estatal até os anos 1950. Esse plano de modernização, por meio da construção de edifícios institucionais e vias nas cidades do país, ocorreu principalmente nas capitais. Nesse viés, a arquitetura moderna brasileira foi o meio escolhido para demonstrar o poder estatal na renovação dos edifícios institucionais, assim como incentivos para a construção da iniciativa privada com edifícios residenciais e comerciais. Essa tendência arquitetônica se estendeu para as residências unifamiliares que formalizaram um novo modo de morar.

A pesquisa buscou analisar e investigar exemplares residenciais de referência moderna entre as décadas 1950 e 1970, abrindo o debate sobre a valoração dessas tipologias. O estudo desses edifícios leva em conta os aspectos formais,

estruturais, funcionais e espaciais dos exemplares, e as condições simbólicas e reais, não apenas da arquitetura moderna erudita, bem como da arquitetura produzida pela população que, por meio de sua vivência, buscou atualizar à sua maneira os aspectos formais e estéticos de suas residências. Similar a esse estudo, destaca-se o caso discutido por Lara (2005) em Belo Horizonte, em que o mesmo identificou e tratou das terminologias de “re-apropriação”, “revisão” e “replicação” de elementos da estética modernista ocorrida em residências, destacando que esse processo ocorria nas cidades médias brasileiras a partir da década de 1950.

O estudo ressalta o legado modernista representado em residências unifamiliares na região amazônica ainda não contemplado pela historiografia, localizadas na cidade de Belém. Dessa maneira, a pesquisa contribui para a interpretação sobre o ideal moderno produzido na época, a ponto de identificar como essas manifestações ocorreram e desmistificando uma cadeia normativa do padrão de arquitetura moderna produzida apenas por arquitetos. Apresentando a pergunta: Que relação existe entre a

arquitetura moderna residencial produzida por técnicos-acadêmicos, engenheiros e arquitetos e a produzida por não-técnicos entre as décadas de 1950 e 1970?

A partir disso, buscou-se dados documentais e de campo para elucidar o objetivo geral dessa dissertação, que é estudar as tipologias residenciais produzidas no contexto da arquitetura erudita e popular em Belém e que apresentam formas, soluções e elementos da arquitetura moderna. Para a obtenção de objetivo geral, determinou-se os seguintes objetivos específicos:

- Estudar as análises tipológicas de Residências do Eng. e Arq. Camilo Porto de Oliveira com: Moura Ribeiro (1949), Belisário Dias (1956) e Res. Presidente Pernambuco (déc.1960), tomando-as como referência.
- Identificar e analisar os elementos formais recorrentes nos exemplares selecionados, a partir das séries tipológicas de Waisman (1972) e dos aspectos pertinentes ao caso de estudo em Gastón e Rovira (2007).

- Entender como a modernidade se manifesta nesses exemplares não somente de uma produção formal acadêmica.
- Identificar como ocorreu a recepção, apropriação, e/ou difusão das referências modernas nos casos estudados.

Dessa forma, as transformações ocorridas na cidade de Belém pelos processos de modernização nas vias e na edificação urbana, *a priori* pelas intenções governamentais de modernização das principais cidades brasileiras que foram sinalizadas dentro das políticas de Getúlio Vargas nos anos 1930. É nessa conjuntura econômica e sociocultural que emergem novos grupos sociais, no campo privado, adotam, por distintas razões, as formas e soluções da arquitetura moderna que se consolidaram nas residências unifamiliares no decorrer das décadas de 1950 e 1960, mas também as reverberações dessa arquitetura nos anos 1970.

Para isso, utilizou-se de uma abordagem histórico-interpretativa composta de uma pesquisa bibliográfica, histórica, teórica, crítica, cultural e social da historiografia da

arquitetura moderna, concentrando-se na produção brasileira. No capítulo 2, em seu tópico 1, introduz-se o debate teórico-conceitual sobre a modernidade e a modernização em processos e aplicação na cidade; no tópico 2, discute-se sobre os registros historiográficos da arquitetura moderna e seus princípios que causaram conflitos, com a tradição arquitetônica locais dos países europeus e americanos e a dicotomia entre o erudito e popular na produção arquitetônica brasileira.

No capítulo 3, direciona-se os diálogos para a cidade de Belém e em seu tópico 1 demonstra a atmosfera cultural produzida por agentes institucionais e técnicos em torno da arquitetura moderna como demonstração de poder e soluções ideais para o estilo de vida moderna. No tópico 2, mostra-se a arquitetura moderna como linguagem arquitetônica que se disseminou por meio das residências unifamiliares.

No capítulo 4, há uma abordagem qualitativa baseada num caráter tipológico do objeto de estudo, residência, na cidade de Belém. No tópico 1, em um âmbito macro, tivemos o estudo de campo na cidade buscando localizar e mapear os

exemplares com referências da arquitetura moderna em sete bairros na porção central da capital paraense e, para maior captação de informações, foram aplicados questionários e pesquisa documental sobre os edifícios encontrados. No tópico 2, em uma aplicação micro do objeto de estudo à residência, buscando analisar e investigar como a arquitetura moderna proporcionou um novo modo de viver no programa e partido arquitetônicos.

Nesse cenário, a modernidade por meio da arquitetura moderna foi incorporada culturalmente em Belém, inserindo um novo modo de vida, novas necessidades e uma nova forma de morar, primeiramente, pelo Estado, incorporado pelos projetistas e construtores em sua maioria engenheiros, e, posteriormente, absorvidos pela sociedade como ideal de modernidade. Mas, pretende-se ir além dos fatos narrados pelos historiadores até então, buscando uma aplicação de uma “história crítica” (PIZZA, 2002) que possibilita investigar o passado para fins do conhecimento e sendo capaz de identificar um novo hábito e novas expressões do moderno na arquitetura.

## 1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia para o estudo das residências de referência da arquitetura moderna buscou exemplares com elementos evidentes do “moderno” e onde eles se situam na paisagem urbana de Belém. A partir da afirmação de Waisman:

“uma obra [...] de arquitetura pode ser um documento para a análise de outra obra: quando se quiser estabelecer uma filiação, ou um caráter tipológico, ou a importância da obra em estudo em desenvolvimentos posteriores ou na difusão de uma ideia arquitetônica (WAISMAN, 2013, p.15)”.

Desta forma, a análise tipológica da arquitetura moderna residencial do período 1940 a 1970, partindo do exemplo das obras Engenheiro e Arquiteto Camilo Porto de Oliveira, dada a relevância na arquitetura moderna residencial, identificando os elementos e tipos mais presentes para a investigação de exemplares, de modo a compreender a trajetória da produção desta arquitetura.

Considera-se que a pesquisa se baseia em um método de estratégia combinada, por tratar de um recorte temporal específico aliado a uma abordagem histórico-interpretativa, que propõe traçar uma narrativa de eventos passados, e

consequentemente a necessidade de coletar evidências a fim de serem identificadas. Tão como a abordagem qualitativa que se refere aos fenômenos de natureza físico e social por meio da análise tipológica podendo identificar os exemplares de referência moderna na cidade. Desta forma, aprofundar a descrição do objeto a fim de explorá-lo com propósito de produzir informações iconográficas e reflexão crítica sobre o tema (GROAT; WANG, 2002).

Figura 1: Quadro esquemático de abordagem metodológica de estratégia combinada.

| Metodologia:   |   |   |   |
|--|---|---|---|
| ABORDAGEM  | SÍNTESE   | VARIÁVEIS   | PRINCIPAIS AUTORES  |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>Histórico-Interpretativa</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>Modernidade e Modernização no contexto latino-americano.</li> <li>Arquitetura Moderna em Belém.</li> <li>Caráter simbólico e cultural da arquitetura moderna.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>Ideal de modernidade.</li> <li>Apropriação do “moderno”.</li> </ul>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>Adrián Gorelik.</li> <li>Davis Harvey.</li> <li>Marina Waisman (2013)</li> <li>Fernando Lara.</li> <li>Celma Chaves.</li> <li>João J. P. Loureiro</li> <li>Pierre Bourdieu</li> <li>Garry Stevens</li> </ul> |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>Qualitativa</li> </ul>              | <ul style="list-style-type: none"> <li>Tipologia e História.</li> <li>Categorias de séries tipológicas.</li> <li>Caracterização tipológica do projeto arquitetônico moderno.</li> </ul>                         | <ul style="list-style-type: none"> <li>Elementos formais e soluções mais reproduzidos.</li> <li>Espacialidade dos exemplares no tecido urbano.</li> <li>Projeto arquitetônico moderno aplicado em residências.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>Angelique Trachana.</li> <li>Marina Waisman (1972).</li> <li>Cristina Gastón e Teresa Rovira</li> </ul>  |

Fonte: Rodrigo de Lima (2018).

Pretende-se, por um lado, aprofundar as questões relacionadas à Arquitetura Moderna em Belém, a partir dos temas já tratados por Chaves/Vidal (2008; 2012; 2016) como os conceitos de modernização e modernidade, discutindo as diferentes definições que se apresentam nos estudos sobre esse tema no contexto latino-americano abordados por Gorélik (2005; 2011). Por outro lado, direciona-se à noção de tipologia sob o aspecto histórico de Trachana (2011) e relacionada às categorias de séries tipológicas definidas por Waisman (1972), com o intuito de situar essa produção no desenvolvimento histórico da cidade de Belém no período estudado.

#### Etapas:

- 1) Pesquisa bibliográfica, buscando identificar a abordagem do tema em diferentes fontes, e a pesquisa histórica e documental necessária para análise da trajetória evolutiva do conteúdo.
- 2) Seleção dos exemplares que serão pesquisados analisando os aspectos formais, estruturais e espaciais.
- 3) Levantamento de elementos gráficos dos projetos - pranchas relativas aos projetos, e levantamento iconográfico de fotos de época, bem como realização de fotos atuais das obras.
- 4) Realização de entrevistas em forma de questionários para coleta de dados históricos dos exemplares selecionados com os proprietários.
- 5) Levantamentos físicos de exemplares autorizados pelos proprietários sob a condição de contribuição voluntária para a pesquisa científica.
- 6) Sistematização dos dados grafotécnicos e levantamentos pesquisados por meio de programas 2D (*AutoCAD*) e sistema de georreferenciamento de dados (QGIS) para o mapeamento dos exemplares.
- 7) Análise Tipológica dos elementos grafotécnicos e volumétricos (plantas originais e levantamentos físicos), assim como os referenciais arquitetônicos (obras como referências e estudo do campo). Dentro de um caráter tipológico dos exemplos, as residências de autoria de Camilo Porto de Oliveira, de arquitetura moderna produzida em Belém e o entendimento sob análise de “tipo” por Trachana (2011), como um sistema analítico da realidade constituída como uma forma de conhecimento e sendo um procedimento cognitivo por meio do qual a

realidade da arquitetura revela um conteúdo essencial. O autor afirma ainda que o “tipo” em um sistema operativo, tomado como um sistema de reprodução da realidade autorreferenciado que constitui a base do mesmo ato de projetar e ainda compreendendo o “tipo” como um dado histórico com uma “estrutura” profunda da forma, dotado de significação dos objetos que estabelece laços com o passado e com a sociedade.

A verificação dos exemplares de referência moderna baseia-se na metodologia de análise de tipo de Marina Waisman em seu livro *La estructura historica del entorno* (1972), que se atribuiu algumas séries tipológicas propostas por Waisman para o estudo como base fundamental da análise dos exemplares:

- **Tipologia Estrutural:** é fundamental que o termo "estrutura" seja usado em sentido estritamente tecnológico, de modo que significaria a maneira pela qual a construção é construída e os sistemas utilizados para sustentar e dar concretude a formas e espaços de acordo com as capacidades técnicas possíveis. Ao contrário da criação arquitetônica, que não pode ser repetida diretamente, mas a criação estrutural se

atinge o valor necessário, é imediatamente transformado em uma espécie de instrumento disponível para quem precisa.

Os tipos estruturais, portanto, podem ser considerados como elementos de uma série, que às vezes é utilizada de maneira direta, em busca de modelos já constituídos para serem utilizados no projeto arquitetônico, e em outros casos, a série é usada como ponto de partida para a concepção de novas estruturas, desta forma a instância tipológica, na qual, de um tipo, através de sua aprovação, desenvolvimento e/ou sua rejeição, são criados novas formas.

Os elementos dos tipos existentes podem ser perpetuados e também ser um ponto de partida para a inovação, que é realizado em aspectos parciais, até que se tenha segurança na concepção de novas formas estruturais propostas.

- **Tipologia Formal:** é necessário estabelecer as relações forma/função ou forma/conteúdo que afetam diretamente o processo de concepção que se pode ter da construção. Desta forma, a criação de formas pode

ser concebida como algo interno ao desenvolvimento do mundo das formas, seja como resultado de eventos fora ou como uma interação múltipla de fatores internos e externos.

A forma, ao definir o espaço, da existência cultural ao meio ambiente, possibilita a realização da função, qualifica e transmite seu significado para as várias funções relacionadas com o modo de viver e social, alcançando o seu carácter de função social.

Necessita de um ambiente definido que proponha uma estrutura física para a realização dos vários atos parciais, contribuem para a estruturação e caracterização da própria função concebida como um todo. Uma tipologia formal implica certa tipologia de relações com o ambiente físico, que é sempre, ao mesmo tempo, um ambiente cultural.

- **Tipologia Funcional:** A função para a arquitetura está para atender as diretrizes que a sociedade lhe apresenta no momento. Acrescente-se a esta função relacionamento mais direto entre arquitetura e sociedade, articulando discussões para definição do escopo, os limites, as relações, entre outros aspectos

que ocorreram no espaço. A função se torna um elemento cultural que defini a satisfação das necessidades sociais dentre de um uso prático e físico, individual e coletivo de cunho psicológico e social.

Estes aspectos funcionais são importantes da prática arquitetônica, seu carácter pode dar indicações sobre o tipo de resposta que a arquitetura oferece para mudar os estilos de vida. Podendo atender uma ampla gradação, desde a satisfação precisa de uma função de unidade e bem determinada, até a quase neutralização do carácter da tipologia para responder a uma situação multifuncional.

As tipologias funcionais servem como suporte positivo para formular novas funções e novas tipologias, e são estabelecidas continuidades na série. No entanto, a ruptura da continuidade na série das tipologias funcionais pode chegar a produzir uma nova caracterização de uma antiga função.

De mesma forma que novas demandas nem sempre produzem novas tipologias e funções antigas podem ser transformadas em novas tipologias, assim como, as tipologias antigas podem disfarçar novas

situações e assim e novas tipologias podem coexistir na mesma obra.

Outra abordagem que contribuiu para o estudo foi estrutura de análise de Gastón e Rovira (2007), realizando, quando necessário, adaptação de acordo com o volume de informações e material gráfico-textual obtido ao longo do levantamento, para compreensão de seu desenvolvimento à luz dos conceitos adotados.

Foi seguido o roteiro presente no livro *El proyecto moderno. Pautas de investigación*, de Cristina Gastón e Teresa Rovira (2007), direcionando a uma investigação profunda da catalogação de material para a análise, agrupando o maior número de informações sobre o edifício, como fotografias, dados de endereço do imóvel e a possibilidade de autoria e datação de projeto e construção.

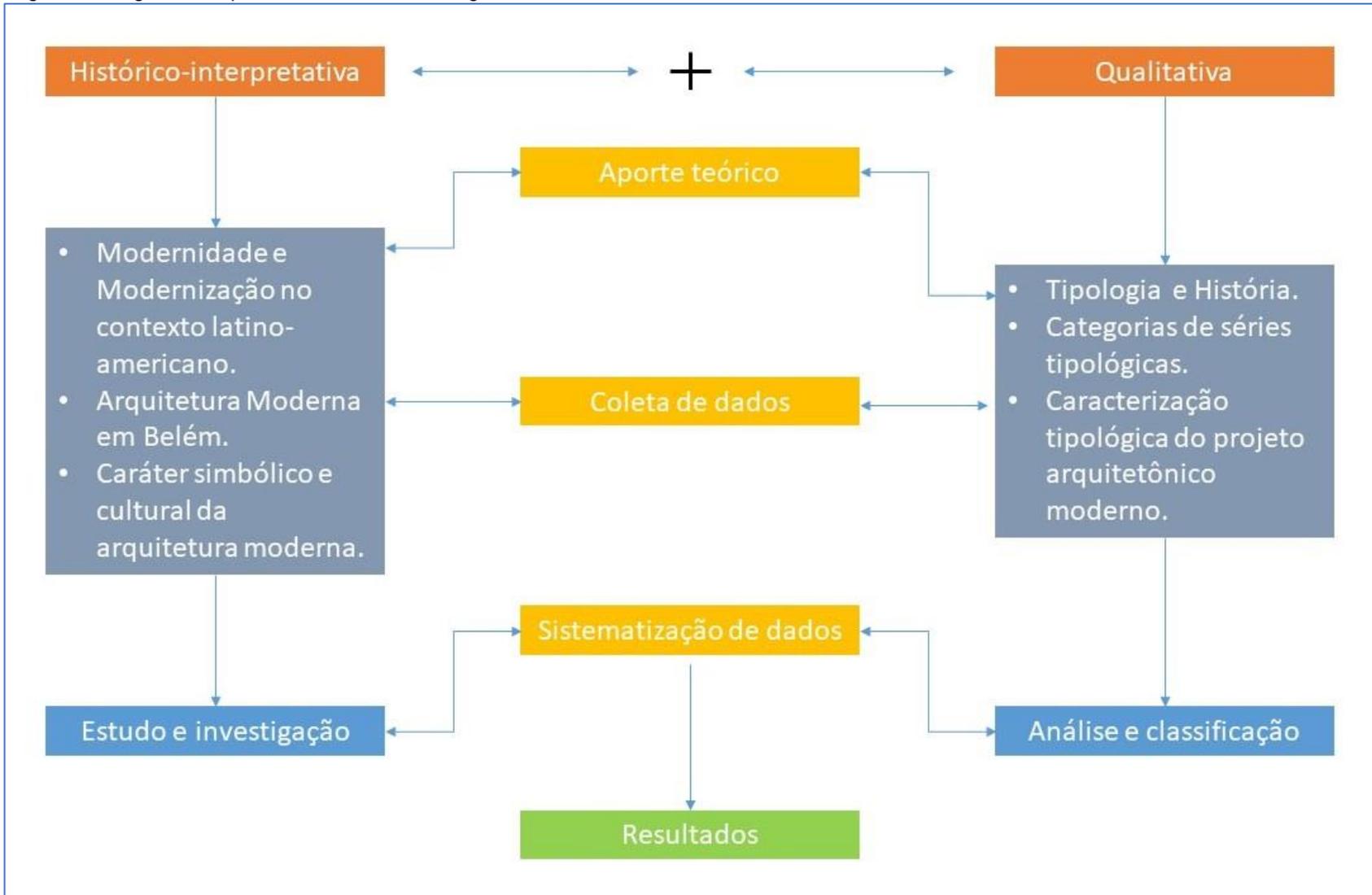
Gastón e Rovira (2007) recomendam a caracterização de forma geral e a possibilidade de realização do processo inverso do projeto arquitetônico por meio de esboços prévios que poderá indicar a hipótese de evolução e o caminho para as soluções projetuais. Isto foi possível por meio de levantamentos físicos nas residências e aplicação de

questionários com os moradores, também pesquisa documental no acervo do CREA/PA. Ao ponto de relacionar com os demais edifícios identificados que possibilita restituir a sentido histórico em que estavam inseridos.

A observação da concepção formal pela realidade física, geométrica, construtiva e implantação do edifício, considerando as relações de hierarquia e dimensões do edifício, elementos construtivos, assim como a relação da estrutura com a fachada do edifício, no entanto realizando a devida adequação para a realidade encontrada nos edifícios e a pesquisa. A visitação as residências visavam, também, observar possíveis adaptações e permanências ao projeto arquitetônico realizadas no transcorrer das décadas até o presente momento.

A edição das informações colhidas *in loco* e nos questionários devem ser revisadas, para não haja a superposição de informações e recomendável a digitalização dos dados, desta forma foi utilizado à ferramenta *AutoCAD Autodesk®* para os desenhos desenvolvidos que resultaram em plantas baixas e fachadas dos edifícios analisados para a pesquisa, aproximando o possível do projeto original.

Figura 2: Diagrama de procedimentos metodológicos.



Fonte: Rodrigo de Lima (2018)

## **2. DEBATES HISTORIOGRÁFICOS SOBRE A ARQUITETURA DO MODERNO**

Para o melhor entendimento da relação da modernidade e arquitetura moderna na construção civil, sobretudo, no novo estilo de morar da primeira metade do século XX, faz-se necessário a compreensão conceitual de terminologias teóricas e debates na historiografia da arquitetura que discutiam a modernidade, os processos de modernização e as produções arquitetônicas ocorridos nas cidades latino-americanas, neste contexto as brasileiras e, sobretudo, em Belém.

### **2.1. Diálogos sobre a modernidade, a arquitetura moderna na América Latina e o caso de Belém**

Os parâmetros conceituais apresentados por Gorelik (2003) indicam que a modernidade é algo da mentalidade e do pensamento do homem de cada época e a modernização é realização, os processos de concretização e materialização deste pensamento. Nesta abordagem, o processo de modernização no Brasil, como na América Latina, a cidade estava diretamente vinculada às esferas: estatal, ideológica e técnica.

O Estado se torna o grande patrocinador da arquitetura moderna, como instrumento formal de seu poder, pelas obras urbanas e renovação da edificação institucional. Esta atitude governamental se prolonga até os anos 1950, com a política do Estado desenvolvimentista. “Assim, por meio da arquitetura, vanguarda e estado confluem na necessidade de construir uma cultura, uma sociedade e uma economia *nacionais* (GORELIK, 2005, p.16)”, assim como reafirma o “poder simbólico” do Estado apontado por Bourdieu (2011), em que o poder permite obter pela força física e econômica alcançar o reconhecimento e desta forma nortear nossas representações sociais por meios sistemas simbólicos, no caso a arquitetura moderna.

Bourdieu atribui ao Estado imposição de classificações cognitivas do mundo social que reforçam a aceitação espontânea da ordem social em uma decisão “de cima para baixo”, como uma ordem natural das coisas (SWARTZ, 2017). Isto estimulou as necessidades do *moderno* na cultura, na sociedade e na economia e conduziram a um “estilo de vida moderna” (HARVEY, 2006). Desta forma, a modernidade nos anos 1930 direcionava a uma renovação de pensamento do

homem, já expressado por meio das artes e da literatura na década anterior. No entanto, a arquitetura aliando-se ao Estado põe à prova todos os postulados anteriores, onde a vanguarda é ligada a um caráter destrutivo da instituição e da tradição. Pois a arquitetura na América Latina está enlaçada em uma origem cruzada da “nostalgia para ordenar o caos do presente e plano para neutralizar o medo do futuro (GORELIK, 2005, p.15)”. Gorelik indica que:

[...] o problema de uma cultura arquitetônica cuja configuração moderna reconhece essa origem cruzada, porque ela afeta a própria noção de vanguarda. [...], enquanto materialização urbana de seus postulados, a encanar e a ressignifica. A vanguarda arquitetônica não oferecerá seu Plano ao conjunto da vanguarda, como modo de configurar o ordenado mundo moderno que ela imaginava ou pressupunha, mas também introduzirá, por definição, o ator fundamental da renovação vanguardista na América Latina: o estado, promotor privilegiado daqueles impulsos contraditórios (GORELIK, 2005, p.15)

A reformulação da ideia de vanguarda a partir da arquitetura torna-se evidente com relação à “construtividade”, em vez da clássica inclinação europeia a “destrutividade” (GORELIK, 2005). Na América do Sul, trata-se de um ponto positivo da dialética produtiva da vanguarda, em que o lugar é propício a construção, pronto para uma experiência local dos

processos modernizadores. Desta maneira, a modernidade não pode poupar nem o seu próprio passado e nem o seguimento da história, tendo o inexorável e contínuo processo de ruptura e fragmentação das condições históricas. Ratificado pelo pensamento de Berman:

Ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de si e do mundo – e, ao mesmo tempo, que ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que promete tudo que sabemos, tudo que somos. Os ambientes e experiências modernos cruzam todas as fronteiras da geografia e da etnicidade, da classe e da nacionalidade, da religião e da ideologia; neste sentido pode-se dizer que a modernidade une toda a humanidade (HARVEY, 2006, p.15 apud BERMAN, 1982).

Dentro desta construção, cabe a relação que Harvey (2006) faz quando relata a intervenção de Nietzsche, no começo do século XX, contida em uma nova compreensão do projeto modernista, incluindo o arquiteto, de uma forma que o artista moderno tinha uma função criativa a realizar no sentido da essência da humanidade. O autor ainda afirma que a “destruição criativa” é uma qualidade essencial da modernidade, caberia ao artista como parte deste todo uma função heroica, por mais que isso tivesse consequências negativas.

Este movimento atribuído à modernidade toma uma proporção que Gorelik (2003) denomina de um *ethos* cultural, que movimenta a organização social e o modo de vida que vêm se institucionalizando progressivamente desde sua origem europeia dos séculos XV e XVII, onde a modernização transforma materialmente a cidade, tornando-a o grande palco dos acontecimentos dessa revolução cultural e material. Neste embasamento a cidade latino-americana, é o lugar onde “a modernidade foi o caminho para a modernização, tendo de apresentar a vontade ideológica de uma cultura para produzir um determinado tipo de transformação estrutural” (GORELIK, 2003, p. 15), contribuindo desta maneira a para com que a América se tornasse um campo propício para as manifestações do moderno.

Nos anos 1930, o Brasil passava por um período de vigor econômico, sobressaindo-se um esforço governamental no sentido da modernização. Desta maneira, o governo de Getúlio Vargas desejava imprimir sua marca nas formas da arquitetura moderna da capital federal, Rio de Janeiro, e elegeu como uma das prioridades a construção de palácios para abrigar ministérios e órgãos públicos da nova

administração e, desta forma, a arquitetura moderna brasileira se instituiu por meio de encomendas estatais (CAVALCANTI, 2006). Assim, os países latino-americanos foram onde surgiu uma das maiores expressões do modernismo arquitetônico, em que o Estado almejava, patrocinava e muitas vezes empreendia as obras, desta forma contribuiu para a quantidade expressiva de exemplares de arquitetura moderna nos países como México, Argentina e Brasil (GORELIK, 2005).

O ideal de modernidade se insere a partir da ruptura de paradigmas arquitetônicos, em consequência da inovação dos métodos e tecnologias em edificar, e na representação de grupos políticos e sociais na cidade de Belém. As primeiras transformações ocorreram em meados do século XIX, com a “primeira modernidade” (VIDAL, 2016) sob o governo do intendente Antônio Lemos que “aproveitando a crescente demanda pela borracha, sua alta nos preços e sua comercialização no exterior, realizaria na cidade, por meio de seus dividendos e empréstimos feitos em bancos internacionais” (SARGES, 2008; CASTRO, 2010, *apud* VIDAL, 2016, p.02).

Nos primeiros anos do século XX, com o grande endividamento que culminaria na saída de Lemos e no fim da economia da borracha, sucedem-se tempos de dificuldades econômicas, em face dos escassos recursos disponíveis para o melhoramento da cidade e de seus serviços (PENTEADO, 1968). Mesmo neste período de carência de recursos econômicos o ideário da modernidade permanecia nos anseios institucionais e sociais de uma cidade “moderna”.

A partir da década de 1930 as políticas governamentais federais, sob o governo de Getúlio Vargas e o interventor estatal Magalhães Barata, incentivadas por planos de modernização edilícia urbana e financiadas pelo governo norte-americano (VIDAL, 2016). Estas impulsionaram mudanças significativas na cidade de Belém, a exemplo da avenida 15 de Agosto (atual Av. Presidente Vargas) teve traçado “racional” implementado, e desta forma demonstra a similaridade das cidades latino-americanas, sendo estas fruto “de uma cadeia de valores político-sociais que potenciam a obra pública como a imagem de progresso e que, portanto, dão ao Estado um lugar fundamental no desenvolvimento da arquitetura moderna” (GORELIK, 2011, p.11).

Neste incentivo governamental junto ao processo de modernização da cidade possibilitou a inserção de um novo modo de viver, principalmente com a divulgação de novas moradias verticalizadas, esta nova tipologia residencial que gerou certo receio da sociedade, pela nova concepção de moradias típicas das cidades americanas, bem diferenciada da realidade da capital paraense. (MACHADO; CHAVES, 2013, p.03).

Na demonstração desta nova tipologia no decorrer das décadas percebe-se o predomínio da atuação de engenheiros como Judah Levy e Laurindo Amorim. Outro engenheiro se destaca no viés das residências modernas a partir dos anos 1950, era Camilo Porto de Oliveira que contava com o incentivo e prestígio de uma burguesia abastarda que possibilitou em suas obras uma maior liberdade projetual e uma rica composição formal, satisfazendo os anseios modernistas desta classe, no que tange este assunto, Gorelik (2011) ressalta o “ethos” progressista e cosmopolita da representação deste grupo social pela nova arquitetura. Onde a arquitetura produzida nesse período, sobretudo as praticadas por Porto de Oliveira, inclinava-se a uma

metodologia que ressaltava a seleção dos elementos formal-constructivos, que atendia as expectativas de seus clientes e de sua maneira de associa-los ao contexto regional. Deste modo seus projetos no decorrer das décadas de 1940 a 1960 respondem aos propósitos constructivos e tipológicos de tal forma em que converte “o espaço doméstico em uma expressão dos novos modos de vida (CHAVES; DIAS, 2016a, p.03)”.

Esta representação social por meio da arquitetura moderna na classe média alta acaba lançando um ideal de modernidade que passa a ser desejado pelas classes de menor poder aquisitivo, ocasionando uma apropriação desta estética modernista produzindo uma diversidade de representações nas residências (LARA, 2002).

## **2.2. O erudito e popular na produção da arquitetura moderna e brasileira.**

A discussão sobre o erudito na arquitetura moderna vem desde os primeiros debates e dos fundamentos da “nova” arquitetura na Europa. Dada sua base ligada ao progresso industrial, o distanciamento dos estilos anteriores, o racionalismo e funcionalismo do programa arquitetônico, além

da supremacia da máquina e de novas técnicas construtivas. Todavia, estas premissas não garantiram a plenitude no movimento moderno.

Rossi (2015a) afirma que desde o primeiro CIAM de 1928, observam-se posições contraditórias que destacavam a natureza pluralista e um primeiro posicionamento de predominância intelectual afirmada pelas declarações oficiais dos grupos de pesquisa de evento. Havendo a imposição de padrões funcionalistas que conduziram para as primeiras crises desde o surgimento do moderno na Europa, tendo sua integralidade ameaçada por novas direções que emergiram, principalmente, na Espanha e Itália. Nestes países e na maioria dos países do mediterrâneo, os arquitetos estavam menos ansiosos em abandonar as técnicas tradicionais e o artesanato. O autor afirma ainda que nessas regiões a industrialização ainda não havia atingido o desenvolvimento de países como a Alemanha, permitindo encontrar mão de obra qualificada, por baixo custo, que permitisse que os arquitetos explorassem as qualidades plásticas da parede rebocada em vez de novos materiais industrializados como o

cimento, o vidro e o aço. Demonstrando a supremacia da antiguidade presente na tradição desses países.

Deste modo, afirma Rossi (2015a) que arquitetos italianos e espanhóis se inspiraram em fontes mediterrâneas para a arquitetura moderna e houve a partir disto a invenção de um “mito”, elaborando uma ideia para redimir uma posição subordinada em favor da afirmação de uma posição de supremacia, submetendo a linguagem racionalista e moderna a uma ideia que deriva da cultura mediterrânea, decodificando em volumes puros, em concepções geométricas, funcionalidade e essencialidade.

Estes embates circunstanciais do processo introdutório do moderno não impediu que este pensamento fosse assimilado em um contexto geral na Europa. O moderno conhecido como o “novo”, ou por Banham o “ultimo” estilo arquitetônico, foi se sobrepondo à tradição de outras culturas europeias (ROSSI, 2015a). Apesar do avanço pelo território, o moderno cultivou resistências de pensadores com publicações que ressaltavam a arquitetura vernacular, tradicional e rural dos países europeus e também nos Estados Unidos, como Rossi ressalta:

Publicações de Sibyl Moholy-Nagy de meados da década de 1950, e numerosos artigos e pesquisas sobre a arquitetura vernacular publicadas nas capas mais aclamadas "Architectural Review", "Casabella", "Architetur Forum", "Architecture d'Aujourd ' hui, o estudo sobre arquitetura "Dogon", o "Cabah organisée de van Eyck, o trabalho do Time X, no congresso do CIAM de Otterlo de 1959, de George Candilis, Shadrach Woods, de Peter e Alison Smithson de Jacob Bakema, Giancarlo de Carlo, James Stirling, a exposição no MoMA Architecture Without Architects e a obra do arquiteto Bernard Rudofsky, são algumas das ocasiões para demonstrar a oposição à arquitetura moderna codificada pelo CIAM e pelo MoMA entre as duas guerras à rebelião para a civilização ocidental que, como é evidente depois de Hiroshima e Nagasaki, não foi capaz de derivar da mecanização e progresso que a felicidade deveria ter sido dispensadora (UGO ROSSI, 2015a, p.10, tradução do autor).

A exposição intitulada “*Architecture Without Architect*”, em português, “Arquitetura sem arquitetos”, com curadoria de Bernard Rudofsky em 1964, teve grande repercussão no cenário da arquitetura, mostrando outros valores arquitetônicos, além dos demonstrados pela arquitetura moderna. Esta exposição em Nova York, segundo Ferlenga (2015), trouxe na época uma nova visão para a paisagem já esgotada do pós-racionalismo, mostrando a existência de um mundo de diferenças e interseções nas quais as

necessidades funcionais e simbólicas, sem produzir a normatização, mas riqueza formal, favorecida e sem entraves, por regras, hábitos, tradições. O autor ainda reforça que esta visão demonstrou que existia alternativas ao moderno, outras habitações, o entrelaçamento de arquitetura e territórios, climas, produções, símbolos, o que garante aos lugares uma vitalidade distante tanto do aspecto cinza funcional presentes nas cidades americanas.

“Arquitetura sem arquitetos” tenta quebrar nossos conceitos estreitos da arte de construir, introduzindo o mundo desconhecido da arquitetura sem expressão. É tão pouco conhecido que nem sequer temos um nome para isso. Por falta de um rótulo genérico, podemos chamá-lo de vernáculo, anônimo, espontâneo, indígena, rural e conforme o caso (BERNARD RUDOLFSKY, 1964: prefácio, tradução do autor).

Rudolfsky, ainda faz uma crítica ao posicionamento da academia:

Tal preocupação com a nobre arquitetura e nobreza arquitetônica, excluindo todos os outros tipos, pode ter sido compreendida até uma geração atrás, quando as relíquias e ruínas de edifícios antigos serviram ao arquiteto como seus únicos modelos de excelência (aos quais ele se ajudou como uma questão de curso e conveniência), mas hoje, quando a cópia das formas históricas está em declínio, quando os

bancos ou as estações ferroviárias não precisam necessariamente se assemelhar a orações em pedra para inspirar confiança, essa limitação auto-imposta parece absurda (BERNARD RUDOLFSKY, 1964: prefácio, tradução do autor).

[...] Parte de nossos problemas resulta da tendência de atribuir aos arquitetos - ou, aliás, a todos os especialistas - uma visão excepcional dos problemas de vida, quando, na verdade, a maioria deles se preocupa com problemas de negócios e prestígio. Além disso, a arte de viver não é ensinada nem encorajada neste país. Nós vemos isso como uma forma de deboche, pouco consciente de que seus princípios são frugalidade, limpeza e respeito geral pela criação, sem mencionar a Criação (BERNARD RUDOLFSKY, 1964: prefácio, tradução do autor).

A exposição "Arquitetura sem Arquitetos" tornou-se uma referência exemplar para investigar as transformações da relação entre modernidade e vernáculo nos anos 1960. E segundo Rossi (2015b) a exposição marcou na história da cultura arquitetônica mostrando uma abordagem diferenciada e inovadora para historiadores, críticos e arquitetos por uma arquitetura "sem *pedigree*", assim denominada por Bernard Rudolfsky, que ainda ressalta:

Em menor grau, esta situação surgiu através da diligência do historiador. Por enfatizar invariavelmente as partes desempenhadas pelos

arquitetos e seus patronos, isso obscureceu os talentos e conquistas dos construtores anônimos, cujos conceitos às vezes se aproximam do utópico, cuja estética se aproxima do sublime. A beleza dessa arquitetura há muito tempo é descartada como acidental, mas não poderíamos reconhecê-la como resultado de um raro bom senso em lidar com problemas práticos. As formas de casas, às vezes transmitidas através de cem gerações [...], parecem eternamente válidas, como as de suas ferramentas (BERNARD RUDOLFSKY, 1964: prefácio, tradução do autor).

Desta forma, Rudolfsky inaugurou uma temporada dedicada à pesquisa e reflexão sobre o vernáculo, que atinge o auge no livro, "*Learning from Las Vegas*", em português, "Aprendendo com Las Vegas", de Denise Scott Brown, escrito em colaboração com Robert Venturi e Steven Izenour (ROSSI, 2015a) e colocando a cultura popular e rural em uma nova interpretação e posicionamento dentro do debate acadêmico, corresponde à ideia de uma ligação entre a cultura vernacular e o consumo. Segundo os autores do livro, a massa, o público participa da construção do ambiente através dos artefatos da vida cotidiana. Esta relação entre o moderno e o vernacular encontra-se na ideologia e estética populista de *Pop e Kitsch*, presente em Las Vegas e Disneylândia, de "*Celebration Seaside*", a nova tradição.

No decorrer da civilização o processo de globalização da arquitetura pode-se observar as experiências que possibilitam identificar o contraste entre a modernização e tradição, em um processo espontâneo de crescimento da cidade. Percebe-se a presença de uma arquitetura sem arquitetos, na identificação e concepção das formas e dos processos construtivos, mostrando uma herança do comum, vernáculo e popular no moderno. Segundo Rossi (2015b), o conflito ideológico entre modernidade e tradição origina-se no choque pela individualização das raízes da própria modernidade, em suas diferentes e controversas manifestações. O debate é entre a mecanização e sua rejeição, entre a arquitetura e a tradição do ferro-vidrimento, entre internacional e regional.

Estes conflitos ideológicos também estão presentes na produção da arquitetura brasileira, permeada de condições que põem à prova a classificação de erudito e popular, por meio dos materiais e técnicas empregados, agentes atuantes nas arquiteturas e das escolhas históricas dos historiadores.

Weimer (2012) introduz o debate sobre o erudito e popular na historiografia da arquitetura brasileira, enfatizando

a lacuna no registro da arquitetura popular na história da arquitetura e da marginalização das construções populares. O autor destaca o termo “popular”, em vez de “vernacular”, como o mais adequado para a classificação das construções, por ser algo que emana da cultura de um povo. Atribui também que juízo histórico dos responsáveis pelos registros históricos elevarem apenas a arquitetura erudita com vínculo europeu, salvos alguns mestiços como o caso de Aleijadinho no barroco mineiro.

O autor ainda retoma a discussão, o que é o erudito e popular na arquitetura no Brasil? Sobretudo pela valorização da arquitetura erudita, por estar ligada à formação técnica-acadêmica, que devido a isto, se sobrepõe a produção da arquitetura popular, por esta teria por princípio a simples necessidade do abrigo, sem quaisquer aspectos tecnológicos e/ou estéticos. Ressalta também a dicotomia conceitual com exemplos das construções jesuíticas em tempos coloniais com mão de obra indígena, que tentavam reproduzir técnicas europeias, porém deixava sua característica cultural nativa no produto final edificado. Além de citar o caso de Aleijadinho e seu pai como artistas de origem popular na produção de arte

e arquitetura barroca luso-brasileira, sem ao menos terem frequentado uma escola de ofício, e mesmo assim, sua arte é considerada erudita.

Outro episódio abordado por Cavalcanti (2006) em que por volta de 1900 foi criado um órgão na prefeitura do Rio de Janeiro para o melhor controle das construções, o “setor de censura de fachadas”, dado o volume constante no campo da construção e o melhor desempenho arquitetônico das edificações, estabeleceram-se algumas regras para o seu exercício. Entre estas, a regulamentação da atividade por meio da obrigatoriedade do registro para construir e desta maneira a prefeitura carioca confere a licença para edificar aos pedreiros portugueses por meio do título de arquiteto-construtor.

Demonstrando assim a linha tênue entre a análise da arquitetura erudita e popular, em que ambas contribuíram para produção arquitetônica. No entanto, a produção arquitetônica popular não é reconhecida como virtuosa, pelo fato do menor poder econômico e posse de insumos, como pontuado por Weimer:

A divisão da arquitetura em erudita e popular pode facilmente levar à concepção de que a primeira é peculiar das pessoas de grandes recursos, enquanto a segunda é característica dos desvalidos. Ainda que esse entendimento possa ter um fundo de razão, também é verdade que muitos homens ilustres tiveram origem humilde ou remediada. Por outro lado, nem sempre a posse de recursos garante a alta qualidade arquitetônica da moradia. Um segundo fator que influi nessa questão é a diversidade dos recursos arquitetônicos e técnicos disponíveis que possam garantir a qualidade da obra. (WEIMER, 2012, p.278)

Desta forma, Weimer exalta a figura do construtor com notória capacidade intuitiva, como o do baiano de José Zanine Caldas que se destacou em Brasília como “fazedor” de maquetes e comprador de materiais de demolição para a composição de suas casas “estranhas” à revelia da métrica acadêmica. O autor ainda relata certo menosprezo crítico dos arquitetos *modernos* sobre as qualidades das obras de Zanine Caldas, considerando-as apenas respeitáveis. Suas práticas mais se aproximavam do fazer arquitetura das escolas alemãs do que os cânones da tradição francesa vigentes nas escolas de arquitetura brasileiras, na confecção de maquetes em vez de desenhos. Ademais, Weimer afirma que arquitetos populares são os maiores responsáveis pela

produção de moradias, os quais merecem o digno reconhecimento e a devida qualidade de suas arquiteturas.

Os estudos de Weimer (2012) apontam características da produção da arquitetura popular, como a “simplicidade” pela utilização dos recursos naturais disponíveis, mantendo sua proximidade com a natureza devido a limitações econômicas e se afastando da mesma proporcionalmente em que os recursos econômicos disponíveis aumentam. Aponta também a “adaptabilidade”, quando a população se utiliza de técnicas tradicionais e de seus modos de edificar adaptados as circunstâncias locais, e também por gozar de uma liberdade “criativa” da arquitetura popular em termos do emprego dos materiais e a imaginação formal. Esta limitaria a arquitetura erudita aos recursos tecnológicos e sofisticados dos materiais disponíveis, assim como a “intenção plástica” em que a erudição propõe nos projetos arquitetônicos. Enquanto para a arquitetura popular a forma plástica seria o resultado da técnica e dos materiais empregados acessíveis.

Não somente Weimer (2012), mas também Lara (2002; 2005; 2018) elevam o debate sobre o erudito e popular na historiografia da arquitetura brasileira. Lara concentra seus

estudos pioneiros, desde 1999, sobre a valoração da apropriação popular da arquitetura moderna brasileira pela classe média na cidade de Belo Horizonte.

A arquitetura moderna brasileira erudita, produzida por arquitetos e engenheiros, foi o meio inicial escolhido pelo Estado para demonstrar seu poder por meio da renovação dos edifícios institucionais, assim como incentivos para a construção da iniciativa privada com edifícios residenciais e comerciais. Essa nova arquitetura se desenvolveu também para as residências unifamiliares que formalizaram um novo modo de morar, assim fazendo parte do cotidiano da sociedade.

Desta forma a apropriação da arquitetura moderna se iniciou com o debate sobre a impossibilidade de reprodução em larga escala da arquitetura produzida no Brasil. Lara (2002) relata que o questionamento foi feito por Walter Gropius em 1955, sobre a arquitetura moderna produzida por Oscar Niemeyer, diretamente ligada ao projeto da residência denominada “Casa das Canoas”, o qual não favorecia a pré-fabricação de moradias, procedimento típico na Europa. O autor ainda afirma que no Brasil houve a reprodução de

fragmentos dos elementos da estética do modernismo, que foram reproduzidos maciçamente por meio de processos e técnicas adaptáveis a realidade local.

A apropriação da estética modernista publicitada intensamente pelo governo veio atender inicialmente as elites locais nos anos 1950, as quais podiam custear a prática desta arquitetura moderna, tornando-a signos de *glamour* e *status* (LARA, 2005). Semelhante caso ocorreu em Belém, em que grupos sociais oriundos da elite tradicional e de uma nova burguesia composta de comerciantes e profissionais liberais formaram a principal clientela consumidora da arquitetura moderna erudita.

Esta elite utilizou-se desta arquitetura como afirmação e legitimação perante a sociedade local, materializando em suas residências, e se utilizando desta estética em suas residências modernas. Isto ressalta a relação capitalista e limitada da arquitetura moderna erudita, produzida por engenheiros e arquitetos, que produziram um número significativo de exemplares na cidade de Belém.

Esses exemplares de arquitetura moderna também despertavam olhares de um público de classes de menor

poder econômico. No Brasil, a apropriação popular da arquitetura moderna, segundo Lara (2002), não reproduziu residências modernistas por completo, e sim partes. Desta forma, os elementos compositivos do partido arquitetônico da estética modernista nas residências nos anos 1950 foram reproduzidos maciçamente por meio de processos e técnicas condicionadas à realidade de cada local.

Assim a arquitetura moderna superou as limitações monetárias e deste modo sendo incorporada por outras camadas da sociedade, como a classe média. Esta demanda popular buscava atualizar e adaptar à nova estética da arquitetura e isto se reproduziu em seu espaço de moradia, podendo ser notada nas inúmeras residências de classe média. Isto evidencia uma identificação com a estética modernista por meio da *re-apropriação* de elementos estético-formais da arquitetura moderna brasileira presentes nas fachadas das casas de classe média (LARA, 2002/2018).

Segundo Lara (2018), pouco é evidenciado ou até nulo o registro desta apropriação popular da arquitetura moderna brasileira na historiografia. O autor ainda ressalta a importância da investigação deste fenômeno como

contribuição para a literatura sobre a arquitetura no século XX.

Este fenômeno de apropriação popular da arquitetura moderna já foi denominado de *kitsch* (GUIMARÃES e CAVALCANTI, 2006; MARTINS, 2010), que reduziu sua relevância como contribuição à história da arquitetura nacional, mas também pode ser visto como o contraponto transgressor de aspiração e prosperidade de uma classe média em contínua ascensão sociocultural.

Em estudos realizados por Lara (2002) detectou-se também que esta apropriação popular se expressava como uma “modernidade de fachada”, deste modo as casas apresentavam construções e reformas com a adição de elementos estético-formais modernistas, sendo produzida por não-técnicos, trabalhadores pouco qualificados como construtores e desenhistas. O autor também afirma em entrevistas com os moradores, relatos de que a casa havia sido projetada por um parente ou amigo que era formado ou era concluinte do curso de arquitetura ou engenharia. Além de um sinal de “contaminação” deste estilo, pela vizinhança e a repetição dos elementos compositivos nas casas.

Esta situação em uma perspectiva sociológica proposta por Bourdieu trata-se de “estratégias de reconversão”, “quando as condições objetivas da realização da prática não são dadas ou onde há a imprevisibilidade relativa das possibilidades, o *habitus* pode ser o lugar de forças inventivas e de capacidades criativas (NASCIMENTO, 2017, p.290)”. Desta forma, a adequação a situação para alcançar uma porção de modernidade se sobrepõe a simples necessidade de abrigo e moradia.

### **2.3. Considerações**

No processo de modernização da cidade de Belém prevaleceu a premissa de Harvey (2006), em que o artista, o arquiteto modernista, se torna responsável pelas ideias modernizantes, sem precedentes e consequências futuras, por uma “destruição criativa”, já que as obras prevaleceram nas áreas centrais da cidade e aliada às políticas governamentais que fomentaram as construções apontadas por Gorelik (2005). Obras do passado foram destruídas, em sua maioria no estilo eclético, para construir o novo, o moderno.

Isto colaborou para a criação de uma atmosfera de modernidade que vislumbrou muitos olhares, dos governantes, da elite local e de admiradores de classes sociais menos privilegiadas economicamente.

Historicamente, os registros desta produção arquitetônica vinham privilegiando os agentes técnico-acadêmicos (arquitetos e engenheiros), deixando muitos agentes não-técnicos (artífices, construtores e desenhistas) de fora desta seara, os quais contribuíram imensamente para construção e disseminação de ideias arquitetônicas, incluindo a arquitetura moderna, produzidas no mundo e no Brasil. Isso contribui para debates constantes que se prolongaram pelo século XX, reafirmando as lacunas históricas de arquiteturas de culturas tradicionais apontados por Rudolfsky (1964), de agentes produtores de arquiteturas no Brasil, como indagou Weimer (2012) e da relevância da arquitetura moderna de apropriação popular levantada nos estudos de Lara (2002, 2005, 2018), principalmente, da modernidade de fachada de residências de classe média que provocou uma disseminação da arquitetura moderna nunca antes relatada em outra parte do mundo.

### **3. PERCURSO DA MODERNIDADE NA CIDADE DE BELÉM**

#### **3.1. A construção cultural da arquitetura moderna residencial em Belém**

A arquitetura foi um instrumento de construção cultural que pode ser percebida em Belém com a ideia de modernidade proposta por iniciativas públicas e privadas desde o princípio do século XX, como obras no centro da cidade. Posteriormente, como símbolo de prosperidade social com as construções de técnicas modernas e de uma nova arquitetura, as quais demonstravam um novo estilo de vida e morar, veiculados de maneira intensa nos meios de comunicação.

Na cidade de Belém observou-se uma “primeira modernidade” (VIDAL, 2016) no final do século XIX até a primeira década do século XX, por meio de obras de revitalização e de embelezamento de áreas centrais da cidade que se empregava o grande sonho da riqueza e da cidade aos moldes europeus, subsidiada pela intensa atividade extrativista da borracha e promovida pelo intendente Antônio Lemos.

Deste modo, incentivou-se “novos hábitos e modos de vida da sociedade urbana local, entre eles a importação de modelos arquitetônicos do ecletismo, presentes nas residências e palacetes do pequeno grupo de endinheirados da cidade: comerciantes, negociantes e políticos (VIDAL, 2008, p.1)”. Este “mito” não durou por muito tempo, devido às oscilações do mercado e a concorrência com a goma vinda do oriente, e principalmente aos grandes empréstimos de bancos europeus adquiridos para cobrir todas as suas aspirações. Isso custou um preço caro para a economia e a cidade, que em 1912 culminaria na saída de Antônio Lemos do governo, levando a cidade a tempos de restrição econômica.

Este processo de modernização da cidade de Belém, similar nas cidades latino-americanas, não foi baseado na industrialização dos processos produtivos como propulsor do crescimento das cidades, na instalação de indústrias de base que viabilizassem o desenvolvimento e modernização da cidade, importando boa parte dos produtos industrializados e técnicas construtivas. Desta maneira segundo Gorelik (2003), a cidade torna-se um produto criado como uma máquina para

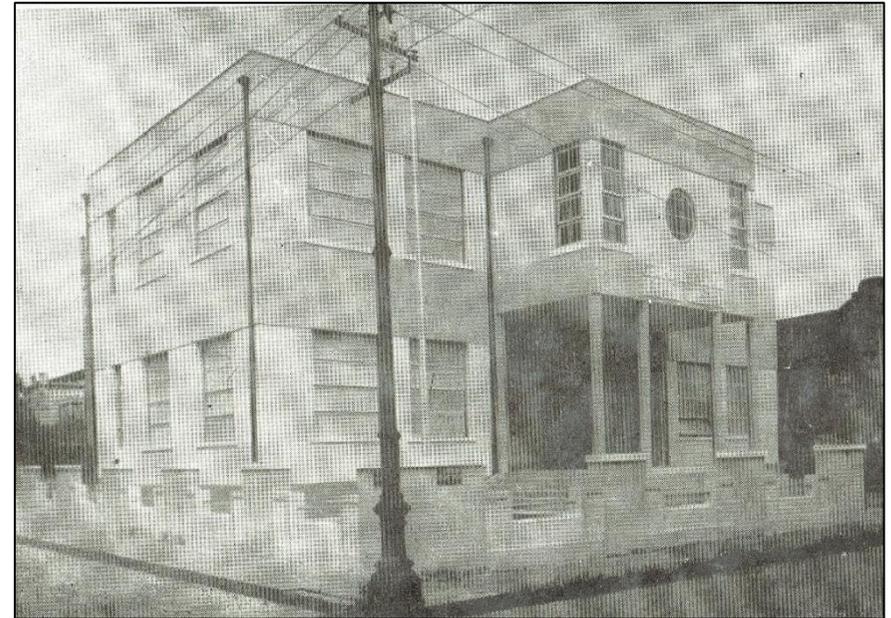
inventar e reproduzir a modernidade, também reafirmado por Chaves:

A incipiente industrialização brasileira não chegaria a Belém até os anos sessenta, retardando e diferenciando assim as iniciativas modernizadoras de maior amplitude nos moldes que se verificavam em capitais como Rio de Janeiro e São Paulo. Em Belém, estas se realizaram nas áreas centrais e nas de futuros investimentos imobiliárias. Nesse processo modernizador, se observa a valorização dos terrenos situados ao longo da Avenida 15 de Agosto principal eixo do crescimento em altura e de onde se expande para os bairros fronteiriços. (CHAVES, 2004, p. 146)

Nos anos 1930 as medidas propostas pelo governo central de Getúlio Vargas planejavam a modernização das cidades por meio da renovação da edificação institucional. Neste momento, Belém estava sob a gestão dos interventores federais no estado do Pará, Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, e posteriormente em 1936 José Carneiro da Gama Malcher (CRUZ, 1967). Estes gestores locais cumpriam com as políticas determinadas pelo governo federal, que pretendiam lembrar a Belém progressista da extinta economia da borracha, apesar das limitações financeiras, realizaram reformas e construção de hospitais e grupos escolares.

No período de 1937-39 uma série de edifícios novos foram construídos para Grupos Escolares como, “Benjamin Constant”, “Vilhena Alves”, “Dr. Freitas”, “Justo Chermont”, “Augusto Montenegro” e “Professor Camilo Salgado”, entre outras. Essas instalações descritas pelo interventor federal Gama Malcher como “novas e modernas casas de ensino” com salas amplas, iluminadas e ventiladas e com capacidade para um mil alunos cada (PARÁ, 1940).

Figura 3: Grupo Escolar “Benjamin Constant”.



Fonte: PARÁ. Interventor Federal (1938-1942: J. C. Gama Malcher). Álbum do Pará. Belém: H. Rodrigues, 1939. 268 p. il.

Nos anos 1940 houve o anseio pelo moderno que culminou com o processo de verticalização das edificações institucionais, comerciais e residenciais. A transição de estilos arquitetônicos dessas décadas do século XX demonstrou o que Loureiro (2007) aponta como uma “conversão semiótica”, uma atitude de transgressão, resultada “de um estado atual por outro se lhe sobrepõe e substitui”. O autor também assinala que este processo possibilita um estado de pensamento simbólico, veículo de recepção da realidade por meio de significações que são consequências do recebimento dos objetos e sua transformação em formas compreensivas para o pensamento do homem.

Isto ocorreu também devido aos incentivos estatais à modernização urbana que foram estabelecidos em forma de lei. O exemplo do decreto-lei nº 166 de 03 de novembro de 1943, que autorizou a elaboração do Plano Urbanístico da Cidade para remodelar e definir zonas de usos distintos, cinturão verde de circulação rápida, entre outras medidas. Ademais da lei nº 3450 de 6 de outubro de 1956 de incentivo à verticalização, que determinava que as construções da Av.

15 de agosto (atual Av. Presidente Vargas) deveria obedecer ao gabarito de no mínimo 12 pavimentos (VIDAL, 2008).

Essas intenções pretendiam promover a capital do estado à cidade moderna como alargamentos de vias e a construção de edifícios de linhas modernas com técnicas inovadoras. Além do processo de verticalização dos edifícios institucionais, a princípio com a construção de edifício-sede dos Correios e Telégrafos em 1938, e, posteriormente, com o edifício do IAPI, posteriormente INSS, em 1958 (VIDAL, 2016). Assim seguiu-se construções e seus atores por toda a extensão da avenida 15 de agosto e adjacentes como afirma Vidal:

Novos edifícios, institucionais e privados, são construídos para atender as expectativas de um “futuro-presente”: a sede dos Correios de 1938 [...], o edifício Bern também dos anos 40, o primeiro a incluir elevador na cidade, o Dias Paes inaugurado em 1945, o Piedade (1949) e o Renascença (1950), os dois do engenheiro Judah Levy, o edifício do IAPI hoje INSS inaugurado em 1958 obra do arquiteto Edmar Penna de Carvalho, e o bastião mais visível desse moderno, o edifício Manoel Pinto da Silva, construído em três fases distintas, a primeira inaugurada em 1951 e a última em 1960 (VIDAL, 2016, p.05)

Esta relação do Estado e arquitetura moderna pode ser notada por meio de duas modalidades estabelecidas por Freire (2015), como, “via construção direta” e “via condicionantes de legislação”, na construção dos edifícios institucionais e na promoção dos edifícios privados. Dentre estes, os edifícios residenciais tiveram uma intensa publicidade que mostrava esta nova tipologia residencial como ideal de modernidade, pois apresentava um novo “espaço de moradia e oferecia uma nova concepção de habitar típica das cidades americanas de ritmo diferenciado da capital paraense (MACHADO; CHAVES, 2013, p.3)” e por meio de técnicas construtivas inovadoras que possibilitaram a construção dos edifícios modernos e os anseios de seus usuários.

Essa viabilidade permitiu a produção de projetos e construções de edifícios de arquitetura moderna brasileira em Belém no período de 1940-60. Essa arquitetura derivada da interpretação de engenheiros, sobretudo, com inclinação à “escola carioca”, com o estudo da composição formal, utilização de *brise soleil* e elementos vazados que melhoram as condições do conforto ambiental nos edifícios. A partir

disso, houve a necessidade futura de legitimar a atividade de arquiteto, o que possibilitaria um campo de atuação maior nos anos 1960. Em 1964 houve a fundação do Curso de Arquitetura, na Universidade Federal do Pará, que habilitou em dois anos engenheiros a atuarem como arquitetos (CHAVES, 2012).

A atuação de engenheiros, pioneiros na projeção de arquitetura moderna em Belém, destacou-se nos anos 1940 e 1950 na construção de edifícios comerciais e residenciais, dessa forma, atraindo um novo público a essa nova tipologia de edifícios em altura, que primeiramente atendeu à elite local.

Figura 4: Edifícios em altura na avenida 15 de Agosto (atual Presidente Vargas).



Fonte: <http://www.nostalgiabelem.com/2015/06/imagem-antiga-da-avenida-presidente.html>

Stevens (2003) afirma a respeito da relação do “capital” e arquitetura; esta, no campo cultural, aparece subjugada por um capital cultural “institucionalizado”, em que a capacidade intelectual está ligada à formação acadêmica. Desse modo, a classe privilegiada, possuidora de capital econômico, e os técnicos acadêmicos, capital intelectual, não limitam o capital simbólico, no caso a arquitetura moderna. Essa relação delimita quem terá acesso ao bem cultural intrínseco do valor econômico. Os frutos dessa arquitetura erudita são produzidos diretamente para os membros legítimos individuais que fazem parte da rede social, simplesmente porque seu capital social é maior, oriundo dos seus laços privilegiados.

Desse modo, para Freire (2015), o papel empreendido pela incorporação imobiliária e suas relações com a arquitetura moderna, torna-se como difusor dessa linguagem arquitetônica dentre os grupos privilegiados. A construção de edifícios em altura, de condomínios residenciais, o processo acelerado de crescimento urbano, os novos programas arquitetônicos, como: clubes recreativos, edifícios de uso

múltiplo, entre outros, foram pontos essenciais na adequação das cidades brasileiras nos anos 1950 e 1960.

Apesar das inaugurações, havia ainda certa resistência a edifícios em altura. Nesse sentido, o edifício São Miguel (1957), do engenheiro Edmar Penna de Carvalho, e também o edifício Dom Carlos (1956/1957), do engenheiro Camilo Porto de Oliveira, atraíram olhares mais receptivos pela concepção mais reduzida em altura, apenas 4 pavimentos, que causava uma familiaridade com as residências unifamiliares (DERENJI, 2001). Assim, os traços da arquitetura moderna brasileira, como o térreo em pilotis, o racionalismo do partido arquitetônico sem que retirasse sua leveza, com elementos vazados na fachada criando maior conexão entre o interno e o externo (MACHADO; CHAVES, 2013).

Chaves (2012) afirma que a arquitetura moderna nos anos 1940 e 1950 foi tomada por uma demanda de grupos sociais como comerciantes, empresários bem-sucedidos e profissionais liberais que ascenderam economicamente e por meio dela buscavam sua representação e legitimação social por meio de suas residências modernistas. Ainda aponta que

esses grupos sociais, movidos pelo anseio “pelo ‘novo e moderno’, no qual figuratividade e funcionalidade, localização privilegiada e novas espacialidades, comporão o cenário do padrão de modernidade da ‘Belém modernista’” (CHAVES, 2012, p. 2) e, devido a isso, a cidade crescia para áreas suburbanas, onde as dimensões mais generosas dos terrenos, estes eram adquiridos pelos grupos sociais mais abastados de famílias tradicionais e por grupos imobiliários que ali construíam os primeiros condomínios horizontais em Belém.

Nesse cenário, as residências unifamiliares de arquitetura moderna se tornaram objeto de desejo. Isso demonstra uma “transfiguração cultural simbólica” apontada por Loureiro (2007), em que “converte o objeto no outro de si mesmo”, que envolve uma comunicação cultural que constrói e forma a coletividade, tendo a construção cultural do indivíduo e da compreensão coletiva. Tomando, assim, a arquitetura como um meio representatividade social e de transformação da estética da paisagem urbana.

Da mesma forma que essa cultura da arquitetura moderna residencial contribui para a integração da classe

dominante, simultaneamente, há a distinção de outras classes, por mais que de forma fictícia a cidade esteja moderna para todos sob as políticas governamentais nas áreas centrais da cidade de Belém. A arquitetura moderna como cultura, por meio de seus edifícios no princípio do século XX, comunica com sua atuação o que analisou Bourdieu:

[...] a cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem- pela sua distância em relação à cultura dominante (BOURDIEU, 2011, p.11)

Cabendo também, a análise de Canclini (1997) atribuindo a este processo uma “hibridez cultural”, em que o moderno distinguiu o direito à cultura. Desta forma, as artes e as grandes obras, incluímos a arquitetura, são designadas aos “cultos”, entretanto, para o “popular”, seria o folclore ou algo sem o rebuscamento necessário e o sentido desses objetos e mensagens produzidos são para essa comunidade mais ou menos fechada de um bairro ou de uma classe. Nessa tentativa de inserção de uma cultura arquitetônica, portanto, “não chegamos a uma modernidade, mas a vários

processos desiguais e combinados de modernização” (CANCLINI, 1997, p.154).

### 3.2. A linguagem arquitetônica moderna e as residências em Belém do Pará

A linguagem arquitetônica moderna no Brasil iniciou-se com a aproximação de arquitetos com os artistas das artes plásticas e da literatura, as quais promoveram nos anos 1920 uma demonstração modernista em São Paulo com a Semana de Arte Moderna em 1922, onde segundo Segawa (2014), o arquiteto Gregori Warchavchik, conhecedor das vanguardas europeias, foi que mais se inclinou ao movimento inicialmente.

Outro acontecimento citado por Segawa (2014) que marcou essa revolução do pensamento arquitetônico foi à visita de pesquisadores e arquitetos estrangeiros ao Brasil. Destacando para a vinda de Le Corbusier à América do Sul em 1929, que realizou palestras em Buenos Aires, São Paulo e Rio de Janeiro, onde manteve contato com arquitetos brasileiros e atuantes no movimento da arquitetura, e Le Corbusier convida Warchavchik para ser o representante da América do Sul no CIAM, após visitas as casas modernas

projetadas por ele, entre elas, a Casa do Arquiteto (1927-28) na rua Santa Cruz (Figura 5) e a casa de Max Graf (1928-29). Essa primeira passagem de Le Corbusier pela América do Sul teve o objetivo de disseminar seu tratado da Nova Arquitetura em seus cinco pontos fundamentais: o térreo em pilotis, o terraço jardim, a planta livre, a fachada livre e a janela em fita.

Figura 5: Primeira residência moderna no Brasil



Fonte: José Tavares, 2007, disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-17010/classicos-da-arquitetura-casa-modernista-da-rua-santa-cruz-gregori-warchavchik/5627b6b5e58ece127a000253-classicos-da-arquitetura-casa-modernista-da-rua-santa-cruz-gregori-warchavchik-imagem>. Acesso em: 15/05/19.

Segre e Barki (2008) citam que no final do mesmo ano, Lúcio Costa assume a ENBA, ele era defensor de uma visão moderna da arquitetura e em 1931 realiza um Salão com artistas e arquitetos da vanguarda moderna, entre alguns que ministravam aulas na escola a seu convite, como Warchavchik, Alexandre S. Buddeus, Celso Antônio e Leo Putz. E em setembro do ano 1931 Lúcio Costa é demitido e substituído por Archimedes Memória. Devido a isso houve um levante dos estudantes, os quais decretaram greve.

No mês seguinte, ocorreu na ENBA o julgamento da premiação do concurso do Farol de Colombo pela União Pan-Americana, que tinha no júri Frank Lloyd Wright, membro da banca internacional, o mesmo apoiou o movimento estudantil. Wright veio a convite de Jorge Machado Moreira, diretor acadêmico, para realizar uma palestra na ENBA (SEGRE; BARKI, 2008). Dentre esses acontecimentos, o estudante Oscar Niemeyer estava diretamente e indiretamente inserido em uma atmosfera que o cercava, por influência de seus mestres na academia e o mais próximo, Lúcio Costa, ligado ao método “corbusiano” de projetar e a ruptura do paradigma

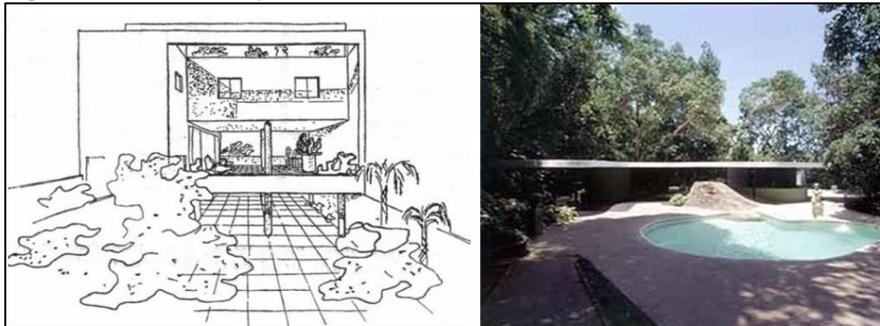
da modernidade estava ligada somente aos “neos”, ou releituras da arquitetura realizadas no Brasil.

Diante desse cenário, a residência se tornou um marco histórico no movimento moderno brasileiro, a protagonista, haja vista a Casa do Arquiteto Gregori Warchavchik em 1928, dada como a primeira construção moderna no Brasil. Assim sendo no que afirma Will Jones (2016), “a casa, a moradia unifamiliar, é a tipologia construtiva em que os arquitetos desfrutaram de maior liberdade de projeto em toda a história da arquitetura”.

A linguagem arquitetônica moderna, a exemplo do engenheiro-arquiteto Oscar Niemeyer, em seus projetos de residências unifamiliares dos anos 1930 respiravam suas influências. Percebe-se a princípio um rigor “corbusiano”, em que permeia o sistema “Dom-ino” e os cinco pontos da “nova arquitetura”, assim como Comas (2002) destaca o projeto da “Casa Henrique Xavier” de 1936, pelo rigor geométrico que remete a Adof Loos e Terragni, e demonstra a habilidade de Niemeyer na síntese de suas referências para um programa residencial e de menor escala sem que perca a monumentalidade.

Até a plenitude profissional de Oscar Niemeyer ocorre nos anos 1950, quando sua carreira esteve consolidada, vindo de grandes projetos dos anos 1940 como o conjunto da Pampulha, em Belo Horizonte (1940-42), passa para década seguinte com o parque Ibirapuera (1951-54) e finaliza com o projeto da nova capital federal, Brasília (1957-61). Em uma busca incessante pela curva livre e criada onde reafirma sua plasticidade e potencializa o concreto armado como tecnologia estrutural, como se destaca, é realizada uma criação para ele mesmo, a “Casa das Canoas”, projetada em 1950 e concluída em 1953 (SANTOS, 2003).

Figura 6: Casa Henrique Xavier e Casa das Canoas.



Fonte: Marcos Almeida (2005) e Cessa Guimarães (2003).

Stroeter (1986) relata que os arquitetos utilizam os termos com certa frequência como “gramática”, “vocabulário”, “código”, “sintaxe”, e referem-se à “linguagem” quando estão

tratando de arquitetura, pois, dessa forma, demonstram a intenção de aproximar-se da linguagem verbal, falada ou escrita. A linguagem arquitetônica moderna considera preceitos quanto à forma do partido arquitetônico, concepção da planta e elementos estético-formais que são representados e descritos por elementos grafotécnicos no projeto.

O autor ainda complementa que “a linguagem serve à lógica, que serve ao raciocínio, que serve à linguagem, e assim se completa o circuito. Sendo a base do pensamento, a tal ponto que se pode afirmar que nenhum pensamento pode ser mais preciso do que a linguagem que se utiliza” (STROETER, 1986, p. 60). A arquitetura, em sua linguagem não ocorre apenas do intelecto do projetista que a escreve, ou desenha, ela é sentida e também é vivenciada, principalmente como é transmitida, como alerta Waisman:

Pois bem, a linguagem como instrumento de comunicação requer uma cota de redundância que sirva de base ao receptor para entender a quantidade de informação que lhe é proposta. Sabe-se que uma mensagem composta exclusivamente de informação dificilmente é compreensível (WAISMAN, 2013, p. 135).

Lara (2018) destaca que este vocabulário da arquitetura moderna brasileira se disseminou em uma relação

dicotômica de alto/baixo nas residências, isso se torna uma exceção para o mundo, pois se transformou em regra apenas no Brasil. O alto vocabulário procede de uma arquitetura produzida por arquitetos, com os elementos representativos de telhados invertidos, *brise-soleils*, finas colunas metálicas, azulejos e marquises atendiam a uma pequena e privilegiada parcela da sociedade. O baixo, produzidos por agentes populares, que por sua vez não eram arquitetos, apesar de alguns serem profissionais envolvidos na execução do projeto e construção de casas, foram receptores da mensagem da arquitetura, sendo que a produção dessas casas com os elementos arquitetônicos acima citados sofreram rejeição pela historiografia da arquitetura, pelo fato de não haver o envolvimento de um profissional, arquiteto, no processo.

As residências foram um dos principais veículos de assimilação da linguagem da arquitetura moderna brasileira. Alguns elementos dessa linguagem, como o racionalismo do partido arquitetônico, os afastamentos do limite do terreno, a dimensão generosa do terreno e a presença de jardim, foram observados em exemplares em Belém. Além de elementos estético-formais como a presença de pilotis e elementos

vazados na fachada que promovem uma maior relação entre os ambientes internos e o externo. Esses aspectos se tornaram uma categoria de análise do estudo, sendo encontrados nos projetos de residências de linhas modernas produzidos pelos engenheiros e arquitetos na cidade.

A partir desse entendimento, foi possível o levantamento de exemplares situados além do eixo da modernização da cidade apontados por Vidal (2016). Primeiramente, na porção central, cujo principal foi a Avenida Presidente Vargas (antiga avenida 15 de Agosto), para em seguida desenvolver-se em direção às Avenidas Nazaré e Magalhães Barata e, por fim, estabelecer-se ao longo da Avenida Almirante Barroso (antiga Tito Franco) no decorrer da década de 1950, de sorte que se consolida um eixo de expansão de caráter metropolitano. Nessas vias, há um conjunto de elementos formais e funcionais que representam a arquitetura moderna erudita de Belém.

Figura 7: Residência Gabbay (1954).



Fonte: Davi Santos (2018).

Nesse cenário, ressalta-se a figura do engenheiro Laurindo Amorim e seu projeto da Casa Gabbay (1954) (Figura 7) e do engenheiro e arquiteto Camilo Porto de Oliveira, que introduziu inovações da arquitetura moderna brasileira, a partir da construção de sua primeira casa com referências modernas, a Casa Moura Ribeiro, em 1949 (Figura 8).

Figura 8: Residência Moura Ribeiro (1949).



Fonte: Rodrigo de Lima (2018).

Essa residência destaca-se pela concepção formal e elementos construtivos, de maneira a atender a expectativa de seus clientes e adequando-a ao contexto regional. Desde a implantação no terreno com afastamentos laterais, promovendo melhor circulação do ar, incluindo a utilização de *brise soleil* e cobogós para protegê-la da insolação e a utilização da elevação de piso para conter a umidade do solo (CHAVES; DIAS, 2016a). Camilo Porto, a partir desse momento, recebeu várias encomendas de clientes ávidos pela

modernidade e se torna a principal referência nesse segmento.

As condições para a projeção estavam favoráveis nos anos 1950, além da carta de clientes abastados, como a dimensões dos terrenos, maiores que das áreas centrais, que possibilitaram uma maior liberdade volumétrica entre adições e subtrações para que se alcançasse o equilíbrio. A exemplo, o projeto da casa “Belisário Dias” (1954) (Figura 9), pela rica composição de elementos estéticos-estruturais dentro do conjunto formal da obra.

Figura 9: Residência Belisário Dias (1954).



Fonte: Beniellton Gomes, Luiz Otávio Pantoja Jr. e Edlon Correa (2018)

O projeto apresenta uma marquise em concreto armado, combinada com um conjunto de arcos que sustentam o volume semicircular em casca de concreto, que está sobre o ambiente estar/jantar da residência e acompanhada de *brises* enfileirados serpenteando até o limite do terreno e a cobertura em telhado em “V” (CHAVES; DIAS, 2016a). Uma característica do projeto é a elevada quantidade de aberturas promovendo a conexão do ambiente externo e interno, além dos afastamentos laterais com jardim que promovem a ventilação e também a contemplação da residência.

Nos anos 1960, Porto de Oliveira aposta em elementos de fachada, pontuados por Vidal *et al* (2017), como platibandas em plano reto e plano inclinado, janelas com venezianas e uma grande diversidade de texturas aplicadas, entre pedras e revestimentos cerâmicos. Dessa maneira, demonstra uma maior simplicidade e regularidade da forma na composição de seus projetos, sem a habitual reprodução sistemática de elementos de referências modernas.

A residência “Presidente Pernambuco” (década 1960) (Figura 10), apresenta características como panos de vidro linear na fachada em sua extensão, protegida da isolamento por

um frontão em plano inclinado. Indicando uma valorização das transparências, já presente no repertório do autor, apresenta um maior refinamento na utilização dos acabamentos em pedras polidas e um pilar em formato trapezoidal na fachada, além de marquise que servia como abrigo para automóvel e o partido arquitetônico ainda compõe com jardins frontais e laterais (CHAVES; DIAS, 2016b).

Figura 10: Residência Presidente Pernambuco (dec. 60).



Fonte: Site Fragmentos de Belém – Imagem da Revista Belém 350 anos, 1966.

Durante a pesquisa de campo foi encontrada uma residência com referências da arquitetura moderna localizada

na rua Antônio Barreto, no número 795 (figura 11), visualmente com o dobro de dimensões de terreno das residências próximas.

A residência apresenta características do moderno na arquitetura, como o gradil baixo com afastamento frontal com jardim; o térreo, com generosa garagem e pátio à frente da entrada principal, além de revestimento em pedra em paredes e pilares. Nota-se a ênfase no partido arquitetônico no segundo pavimento posicionado com pequeno balanço e emoldurado com elementos estruturais, como lajes e suportes laterais inclinados que apoiam a platibanda em avanço. Ainda há revestimentos cerâmicos aplicados como painel central na fachada e janelas deslizantes em madeira e vidro.

Segundo o Sr. Fernando Guapindaia Neto, engenheiro civil e proprietário da residência, o projeto arquitetônico foi uma encomenda ao colega engenheiro civil Camilo Porto de Oliveira em 1958, pois gostava bastante da arquitetura produzida por ele, mas a construção é de sua autoria. Isso aponta que Camilo Porto de Oliveira, já nos anos 1950, estudava a simplificação formal em seus projetos, o que se tornou sua marca nos anos 1960. Relatou também que os

ambientes do programa arquitetônico permanecem os mesmos, houve apenas a substituição de pisos no térreo, taco em madeira por piso cerâmico, porém os do segundo pavimento mantêm-se os mesmos.

Figura 11: Residência Guapindaia (1958).



Fonte: Rodrigo de Lima (2018)

O conjunto compositivo-formal demonstra a revolução projetual presente neste momento de atuação profissional de Porto de Oliveira, que o tornou um expoente na produção da arquitetura moderna residencial na cidade e contribuiu para a disseminação da arquitetura moderna em residências presentes nas ruas de Belém, as quais, despertaram novos olhares de camadas sociais menos privilegiadas economicamente para adquirir essa arquitetura.

Esses exemplares se caracterizam por apresentar uma linguagem arquitetônica que, em um levantamento preliminar, percebeu-se pelo uso do concreto armado em diversidade de aplicações, assim, apresentaram-se nessa arquitetura residencial moderna, como marquises em concreto, arcos, pilotis, brises horizontais e verticais. Além das maiores aberturas nas fachadas em panos de vidro, utilização de venezianas e elementos vazados, como cobogós e tijolos de vidro. Nas coberturas, observa-se telhados “borboleta” e platibandas.

Esses elementos estão presentes tanto na arquitetura erudita, produzida por engenheiros e arquitetos, já relatado anteriormente, quanto na arquitetura popular, produzida por *não-técnicos*. Dessa maneira, “o artefato construído pelo saber fazer não pode ser dissociado do contexto de necessidades e usos daqueles que o pensaram, e também é passível de modificações” (COSTA, 2015, p.26).

A apropriação popular do moderno em residências é mais evidenciada em estudos com denominação *raio-que-o-partá*. Essa representação da arquitetura, ainda é presente na cidade de Belém com a composição de mosaicos de azulejos

nas fachadas, que em sua maioria são com desenhos de raios (Figura 12).

Figura 12: Residência Raio-que-o-partá.



Fonte: Rodrigo de Lima (2018)

Segundo Costa (2015), havia uma concordância nos estudos sobre a arquitetura *raio-que-o-partá*, tratando-a como uma apropriação estética da arquitetura moderna no estado

do Pará em residências de classe média. Essa manifestação ocorreu por volta dos anos 1940 e 1950, confirmado por entrevista a moradores sobre a construção e reforma das residências. A autora ainda cita o estudo de Santos (1995) que afirma que os próprios moradores quebravam os azulejos para compor os mosaicos.

Dessa maneira, pode-se inferir que apropriação popular da arquitetura moderna nas residências ocorreu de várias formas. Primeiro, pela simplicidade formal do partido arquitetônico, assim como pela eleição de alguns elementos formais para destaque. Além de adornos estéticos com os mosaicos coloridos de azulejos que revestem as fachadas das residências.

As residências com referências da arquitetura moderna estão presentes na paisagem da capital paraense. Estas foram mapeadas, analisando-se, primeiramente, a presença de elementos estético-formais em seus partidos por completo e/ou parcialmente, notando a existência da disseminação dessa arquitetura do século XX, ainda presente em sete bairros da cidade de Belém selecionados para a pesquisa.

### 3.3. Considerações

A inserção cultural da arquitetura moderna em Belém iniciou-se como ideal de modernidade, algo transformador da cidade e do modo de vivenciar o ambiente construído. Conquistou agentes governamentais que vislumbraram, por meio da arquitetura, a cidade moderna, com leis permissionárias que viabilizaram as construções em altura pela iniciativa privada. Essa modernidade na arquitetura atendeu a elite local e também profissionais ascendentes economicamente, que traduziram em suas residências em linhas modernas seu almejado alcance socioeconômico, deixando a visão anterior de requinte dos casarios em arquitetura eclética.

As linhas modernas se tornaram constantes nas novas construções, como um símbolo de prosperidade e realização pessoal. A modernidade cultural na arquitetura moderna mostrou inicialmente a quem servia, distinguindo quem tinha acesso a ela e proporcionando processos desiguais e díspares nos bairros da cidade segregados economicamente e, dessa forma, criando um cenário fictício de uma cidade moderna.

As linhas modernas na arquitetura erudita chegaram a Belém pelos edifícios institucionais nos anos 1930, diferentemente do princípio da arquitetura moderna registrada no Brasil com a residência do arquiteto Gregori Warchavchik em 1928. No final dos anos 1940, consuma-se essa expectativa com a residência Moura Ribeiro (1949) do engenheiro e arquiteto Camilo Porto de Oliveira. Esse processo criativo da arquitetura moderna no Brasil representado, primeiramente, pelas linhas com influência europeia e estadunidense que se misturaram a cultura brasileira, transformando-as em linhas arquitetônicas brasileiras, em que linhas de ângulos retos transgrediram para ângulos de curvas sinuosas, assim tornando uma arquitetura moderna em uma arte tropical, a exemplo do arquiteto Oscar Niemeyer.

A linguagem arquitetônica moderna brasileira transcreveu em novas formas e harmonias de elementos estéticos nos edifícios em altura e, principalmente, nas residências. Não obstante, a assimilação da arquitetura moderna, conjuntamente com a contribuição popular na disseminação dessa estética arquitetônica e de seus agentes

construtores das representações nas fachadas de mosaicos de azulejos, denominadas de “raio-que-o-parta”. Por fim, ambas as representações da arquitetura moderna, em maior ou menor grau, contribuíram para enriquecer o repertório dessa arquitetura brasileira presente na paisagem urbana de Belém nas décadas de 1950 e 1960.

Essa transfiguração da arquitetura moderna no Brasil demonstrou o caráter permeável da arquitetura moderna. Isso acontece quase por acidente, que certos padrões arquitetônicos, devido a arquitetura moderna permitir flexibilizar-se e/ou adaptar-se ao clima, ambientes sociais, tecnologias e a população, assim absorvendo novas culturas em que era introduzida, traduzindo-se em formas, tipologias e possibilidades de recursos na diversidade da produção arquitetônica em cada local.

Essa permeabilidade com base estrutural das diretrizes da arquitetura moderna europeia, principalmente em se tratando da racionalidade na concepção quanto à planta, foram conservados na produção da arquitetura moderna erudita brasileira. No entanto, a concepção formal dos elementos estético-estruturais que compõem as fachadas de

edifícios, e principalmente as residências, formaram-se ao gosto e talentos dos engenheiros e arquitetos nativos, mas também de estrangeiros que de certa forma absorveram uma parcela da cultura brasileira.

Não somente esses técnicos acadêmicos produziram a nova arquitetura, mas também houve a contribuição popular que se aventurou entre a necessidade de morar e a possibilidade de se integrar a esse movimento arquitetônico publicitado e materializado na cidade, converte-se a ideia e flexibilizam-se um pouco mais esse caráter permeável da arquitetura moderna no Brasil. Podendo assim dizer que essa ideia pulverizou nas áreas não assistidas pelos técnicos acadêmicos nas cidades grandes e médias; dessa forma, assimilando parte desse repertório estético arquitetônico e reproduzindo à sua maneira nas fachadas de suas residências, enriquecendo ainda mais as possibilidades de expressões dessa arquitetura.

## **4. RELAÇÕES TIPOLÓGICAS: REFERÊNCIAS DA ARQUITETURA MODERNA EM RESIDÊNCIAS**

### **4.1 Mapeamento e espacialização**

O estudo das residências permitiu a percepção de significativos números de exemplares e a necessidade de realizar o mapeamento dos mesmos. Isso nos faz notar o quanto essa tipologia arquitetônica disseminou a linguagem da arquitetura moderna brasileira na cidade. Deste modo, foi estabelecido um juízo histórico, apontado por Waisman (2013), considerando o período histórico analisado entre as décadas de 1950-70, os objetos de análise são as residências com referências da arquitetura moderna. A autora também afirma que “a história, portanto, é continuamente reescrita, e a historiografia permite a dupla leitura da matéria tratada e da ideologia do momento histórico em que foi estudada” (WAISMAN, 2013, p. 3).

A partir desse juízo histórico, o mapeamento baseou-se pela localização do eixo de modernização apontado por Vidal (2016), anteriormente citado, e em expandi-lo para áreas próximas ao centro da cidade em busca dos registros de exemplares de arquitetura moderna para o estudo de campo.

Waisman (2013) afirma que a atuação do historiador da arquitetura parte da possibilidade de presenciar o fato a ser pesquisado, que possui uma extensão física e permanência no tempo, desde o período de origem até o momento em que se mostra aos sentidos do historiador. Dessa forma, a autora explica que a obra de arquitetura se torna um documento, um testemunho histórico, que reúne dados significativos para o conhecimento do historiador.

A partir disso, a busca para esta pesquisa por exemplares de residências de referência moderna iniciou pelos bairros do centro da capital paraense e próximos à avenida Presidente Vargas (antiga Avenida 15 de Agosto). Os primeiros selecionados foram os bairros da Cidade Velha, Campina e Reduto e, posteriormente, Batista Campos, Nazaré, Umarizal e São Brás, totalizando em sete os bairros analisados durante os anos de 2017-18.

A análise das obras de referências modernas presentes nos bairros nos instigou a realizar estudos sobre suas representações e conhecer exemplares, ainda não apreciados pela historiografia, admitindo “leituras críticas e históricas como elementos que se agregam à obra,

reconstituindo-a por sua inserção à trama que recoloca e reconverte o objeto de análise (MARTINS, 2010, p.135)". Essa análise contribui para a estruturação de um arcabouço teórico e formal sobre essa arquitetura de caráter popular, porque muito provavelmente não foram derivadas de projeto arquitetônico erudito, de procedência acadêmica.

As residências e formas pesquisadas trazem uma conotação simbólica e uma referência histórica, representando uma imagem de modernidade de um determinado conceito de vida urbana. As análises dos elementos formais trazem uma funcionalidade de um tipo, em um ponto de partida de uma invenção formal e uma intenção estética (WAISMAN, 1972).

Os registros dos exemplares foram feitos por meio de um levantamento inicial com a ferramenta *Google street view*, para a construção de um roteiro inicial para o estudo de campo. Posteriormente, fez-se um levantamento fotográfico a partir do roteiro e do estudo dos elementos da arquitetura moderna erudita brasileira, que resultou em um conjunto significativo de 74 exemplares de referência moderna nos sete bairros estudados (figura 13), verificando como se deu a

assimilação e a apropriação dos elementos modernos da arquitetura neles encontrados.

Após esses levantamentos e seleção dos exemplares, foi-se em busca dos agentes produtores da arquitetura moderna na cidade por meio de pesquisa nos arquivos do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia - seção Pará (CREA/PA), no intuito de constatar nos livros de registro de vistos de projetos a autoria dos mesmos, dentro do recorte temporal proposto, desde o livro Nº 1 (1947-50) ao livro Nº 21 (1971) e dentro das possibilidades permitidas pelo órgão, no caso, a lacuna do livro Nº 5 (05/1956 a 02/1957).

Previamente, foram relacionadas vias onde se observam mudanças de nomenclatura, com a finalidade de encontrar os registros de projetos dos exemplares identificados em campo pelos seguintes exemplos:

1. Travessa Capitão Pedro Albuquerque, anterior Travessa de Cintra (Bairro da Cidade Velha);
2. Rua Ferreira Cantão, anterior rua Bailique (Bairro da Campina);
3. Rua Avertano Rocha, anterior rua Bragança (Bairro da Campina);

4. Avenida Nazaré, anterior avenida Independência (Bairro de Nazaré);
5. Rua Fernando Guilhon, anterior rua Conceição (Bairro de Batista Campos);
6. Avenida Roberto Camelier, anterior, Travessa dos Jurunas (Bairro do Jurunas).

Na pesquisa realizada nos arquivos do CREA/PA, percebeu-se a produção intensa da construção civil nas vias onde se localizavam as residências e foram detectadas algumas variações de nomenclatura dessa tipologia, como por exemplo, “prédio residencial de dois pavimentos”, ou “prédio residencial de um pavimento” ou, simplesmente, “casa”.

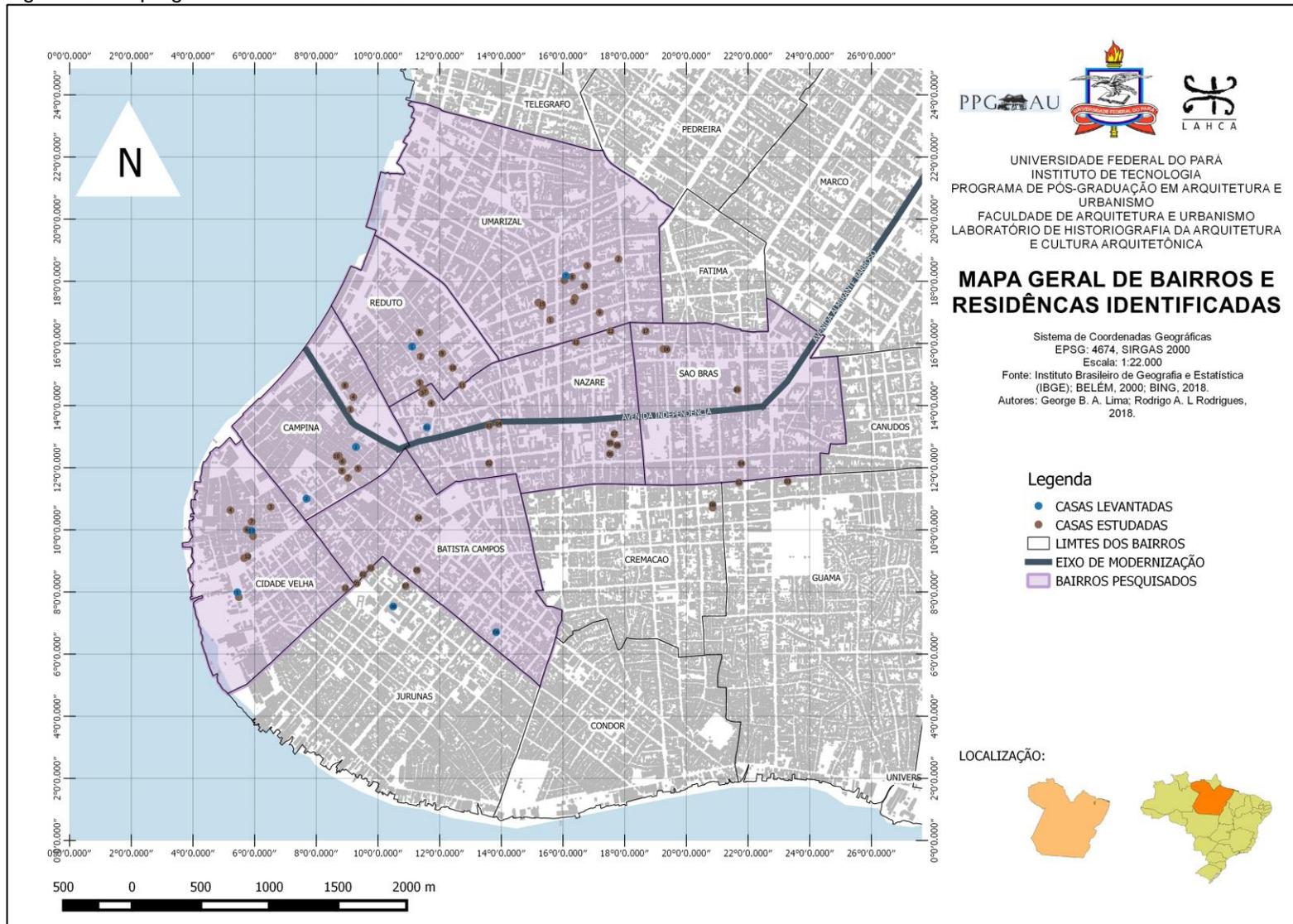
Os “livros de vistos de projetos” nos anos 1950 e “livros de registro de vistos de projetos” a partir dos 1960 apresentaram imprecisões que restringiram a obtenção das informações desejadas pela pesquisa, tais como:

- a) A descrição apenas do perímetro entre vias do logradouro do projeto/execução do edifício;
- b) A descrição da via, porém sem o número do respectivo lote.

Apesar das imprecisões dos endereços, constatou-se o intenso registro da atividade dos técnicos acadêmicos, principalmente engenheiros, no projeto e execução de residências, destacando a atuação predominante de Sebastião de Oliveira, no final dos anos 1940 e durante os anos 1950. Durante os anos 1960, houve uma maior diversidade de atuações, como as de Carlos Damasceno, Milton Souza, Milton Monte, Josué Freire, Camilo Nasser, Camilo Porto de Oliveira, Judah Levy e Jofre Lessa e, posteriormente, alguns desses se tornariam arquitetos também, com a fundação do Departamento de Arquitetura e Urbanismo na UFPA, em 1964.

Para a obtenção de informação mais precisas sobre as residências, elaborou-se um questionário com onze perguntas que remetessem a relação do proprietário com sua residência e com a estética e programa arquitetônico que a residência apresenta. Com esse conjunto de informações, buscou-se identificar algumas circunstâncias que envolviam a construção dessas residências, arrojando luz sobre alguns aspectos da assimilação da arquitetura moderna na sociedade da capital paraense, tanto no nível técnico e cultural, como no social.

Figura 13: Mapa geral de bairros e residências identificadas.



Fonte: Adaptado de IBGE (2018) por Rodrigo de Lima e George Lima.

#### 4.1.1. Bairros da Cidade Velha, Campina e Reduto

Os bairros da Cidade Velha, Campina e Reduto pertencem ao centro histórico da cidade de Belém, por apresentarem arquiteturas dos séculos XVII, XVIII e XIX de importância para o patrimônio histórico da cidade. A pesquisa foi feita com o objetivo de se constatar se a arquitetura moderna atingiu esses bairros.

O estudo de campo iniciou-se pelo bairro da Cidade Velha, este conhecido por ser o local de fundação da cidade de Belém, com suas ruas estreitas, tortuosas e cheias de histórias, com representações arquitetônicas deste o século XVII, tendo limites com os bairros da Campina, Jurunas e Batista Campos. Durante o estudo foram identificadas 12 residências, entre estas, em duas foi possível fazer levantamentos físicos apontados no mapa (figura 14).

O bairro da Cidade Velha demonstra como a modernidade inseriu-se culturalmente nesse parcelamento da cidade. Por meio do levantamento, pode-se observar como o bairro com um centro histórico consolidado foi um campo em que a arquitetura moderna também se inseriu. A Cidade Velha também apresenta residências em terrenos estreitos,

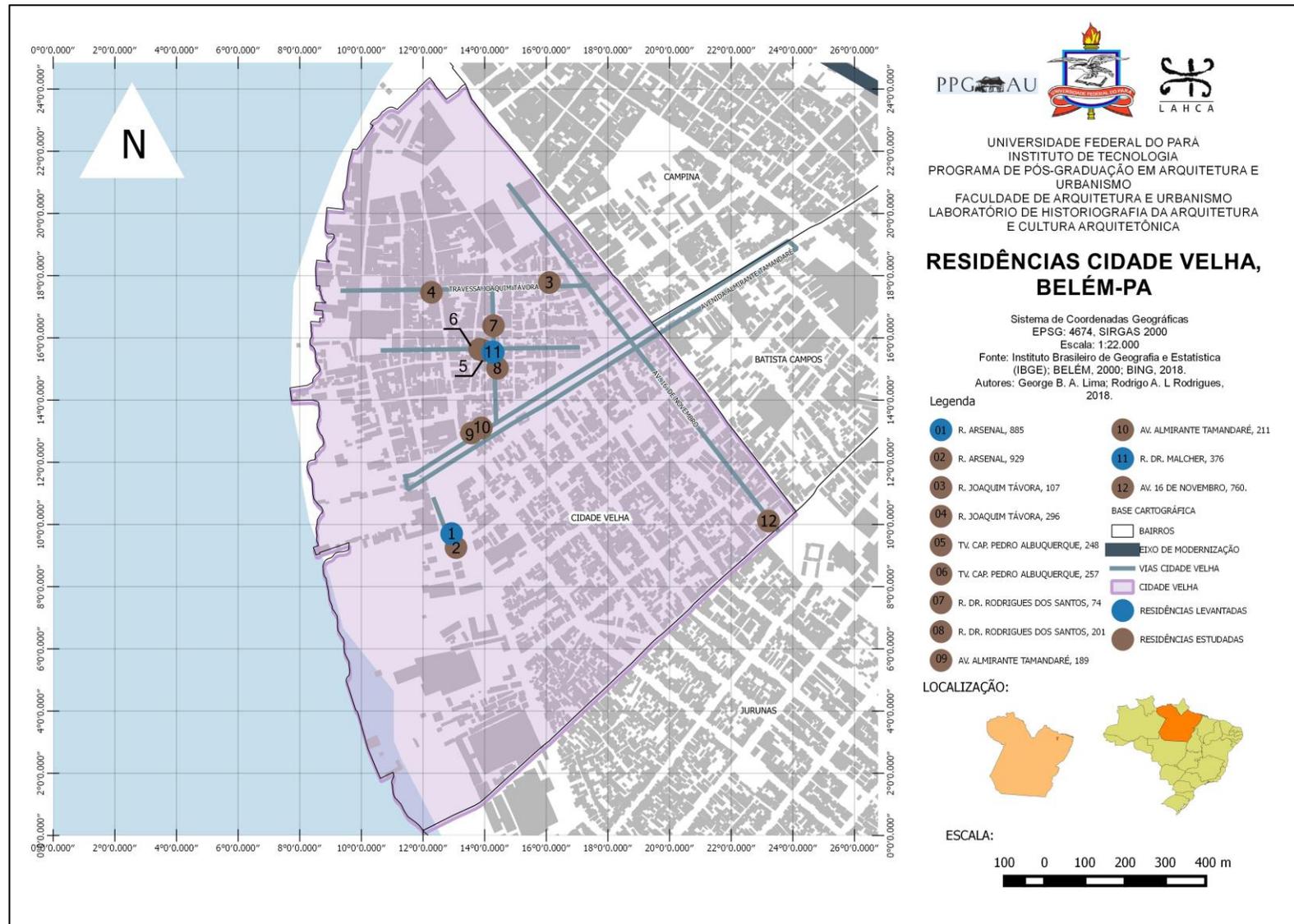
com testadas curtas, comprimento longo, além de irregularidades no formato. No entanto, a exceção são os exemplares encontrados na avenida Almirante Tamandaré, por possuírem terrenos de maiores dimensões.

As residências nesse bairro possuem em sua maioria o aproveitamento das testadas por completo com pequenos afastamentos frontais e em alguns exemplares há a presença de jardins, em outros não, o que proporciona uma pequena contemplação do edifício nas ruas estreitas do bairro.

A concepção formal do partido é mais racional, com volumes de formas puras e com a aplicação de revestimentos cerâmicos e texturas, entre pastilhas, pedras e chapisco pintado.

A maioria das residências identificadas possui dois pavimentos com varandas ou sacadas e em algumas observou-se o uso de planos inclinados na fachada, conjuntamente com as platibandas e alguns casos de empena, muito utilizados na arquitetura moderna dos anos 1960.

Figura 14: Mapa de residências identificadas no bairro da Cidade Velha.



Fonte: Adaptado de IBGE (2018) por Rodrigo de Lima e George Lima.

Foi possível identificar algumas temporalidades de residências presentes no bairro da Cidade Velha por meio de entrevistas com proprietários e registros do CREA/PA contribuíram para constatação desses dados dos projetos modernistas nas residências.

A residência nº 211 da Avenida Almirante Tamandaré (Figura 15) apresenta térreo em pilotis que sustentam um generoso volume do pavimento superior em formato prismático trapezoidal e a fachada rica em elementos vazados. Seu proprietário, Sr. José Fonseca, relatou que gosta bastante do estilo da casa, deduz que ela seja dos anos 1950, pois é morador há 55 anos no imóvel e que o mesmo já era neste estilo (moderno) quando o adquiriu. Essa residência apresenta similaridades com a localizada na rua Arsenal nº 885 (Figura 15), quanto ao partido arquitetônico em relação ao volume trapezoidal com elementos vazados e as características do telhado. Outro aspecto que se destaca nessa residência é o gradil do guarda corpo superior com um elemento *kitsch* que remete aos pilares do Palácio da

Alvorada. Segundo a proprietária, Sra. Sônia Fonseca, moradora há mais de cinquenta anos no imóvel e que aos 5 anos foi morar nele, por volta de 1965; dessa forma, o atribuímos à década de 1960.

Outra residência localizada na rua Dr. Malcher nº 376 (Figura 15), o qual, segundo a moradora, Sra. Antônia Costa Rosa, que é a terceira proprietária, disse em entrevista que seu pai, Sr. Ademir Costa, comerciante madeireiro, adquiriu o imóvel no ano de 1982 e que a residência já tinha essas características da arquitetura moderna. Pela escritura do imóvel, pode-se comprovar que o primeiro proprietário do imóvel foi em 1969. Essa residência, situada na esquina que privilegia a contemplação do edifício, sobrado com recuos e jardineiras, de forma cúbica e fachadas com grandes aberturas em esquadrias em vidro, além de revestimentos em pedra e cerâmicos e a cobertura em platibanda reta, o que ocorre também na residência localizada na rua Arsenal nº 929 (Figura 15), que demonstra com evidência linhas exatas e apelo estrutural das marcações de linhas de pilares e lajes.

Figura 15: Residências Av. Alm. Tamandaré, 211 (dec. 1950) (1); R. Arsenal, 885 (dec. 1950) (2); R. Dr. Malcher, 376 (1969) (3); R. Arsenal, 929 (indeterminado) (4).



Fonte: Rodrigo de Lima (2017).

Essas similaridades formais ocorrem também nos casos com as residências localizadas na rua Rodrigues dos Santos nº 201 e na Avenida 16 de novembro nº 760 (Figura 16), em que os suportes laterais em planos inclinados em avanço que compõem a fachada, comportam-se de forma similar, mas com maneiras e recursos diferentes para o mesmo fim. Nesse caso, podendo-se notar a proposta erudita, com conjunto de elementos compositivos e jogo de níveis, e a popular, em que o elemento quase isoladamente compõe com a mureta inclinada a proposta de fachada.

No entanto a modernidade de fachada também se enquadra em projetos eruditos, como o caso da residência localizada na travessa Capitão Pedro Albuquerque nº 248 (figura 17) que, segundo o atual proprietário, Sr. Edilson Rodrigues, na matrícula do imóvel, que registra o ano de 1971, porém encontramos o registro de um projeto e execução, descrito como “projeto a um acréscimo do prédio com 2 pavimentos” de autoria do engenheiro civil Josué Freire, datado de 1963 (CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA E AGRONOMIA/PA, 1963a). Dessa forma, há evidências que apontam à ampliação e reforma da fachada.

Figura 16: Residências R. Rodrigues dos Santos, 201 e Av. 16 de novembro, 760.



Fonte: Rodrigo de Lima (2017)

Isso foi notado na aplicação do questionário com o proprietário, pois havia uma modificação parcial do imóvel, apenas a porção frontal era em alvenaria e laje em concreto, que atendia somente os cômodos da sala de estar e a garagem; conseqüentemente, os cômodos acima destes, os restantes, apresentavam o assoalho em madeira, régua de acapu e pau amarelo, mais presentes nas residências de arquiteturas anteriores à moderna. Essa evidenciada pelo volume trapezoidal no segundo pavimento e cobogós na varanda.

Figura 17: Residência Tv. Cap. Pedro Albuquerque.

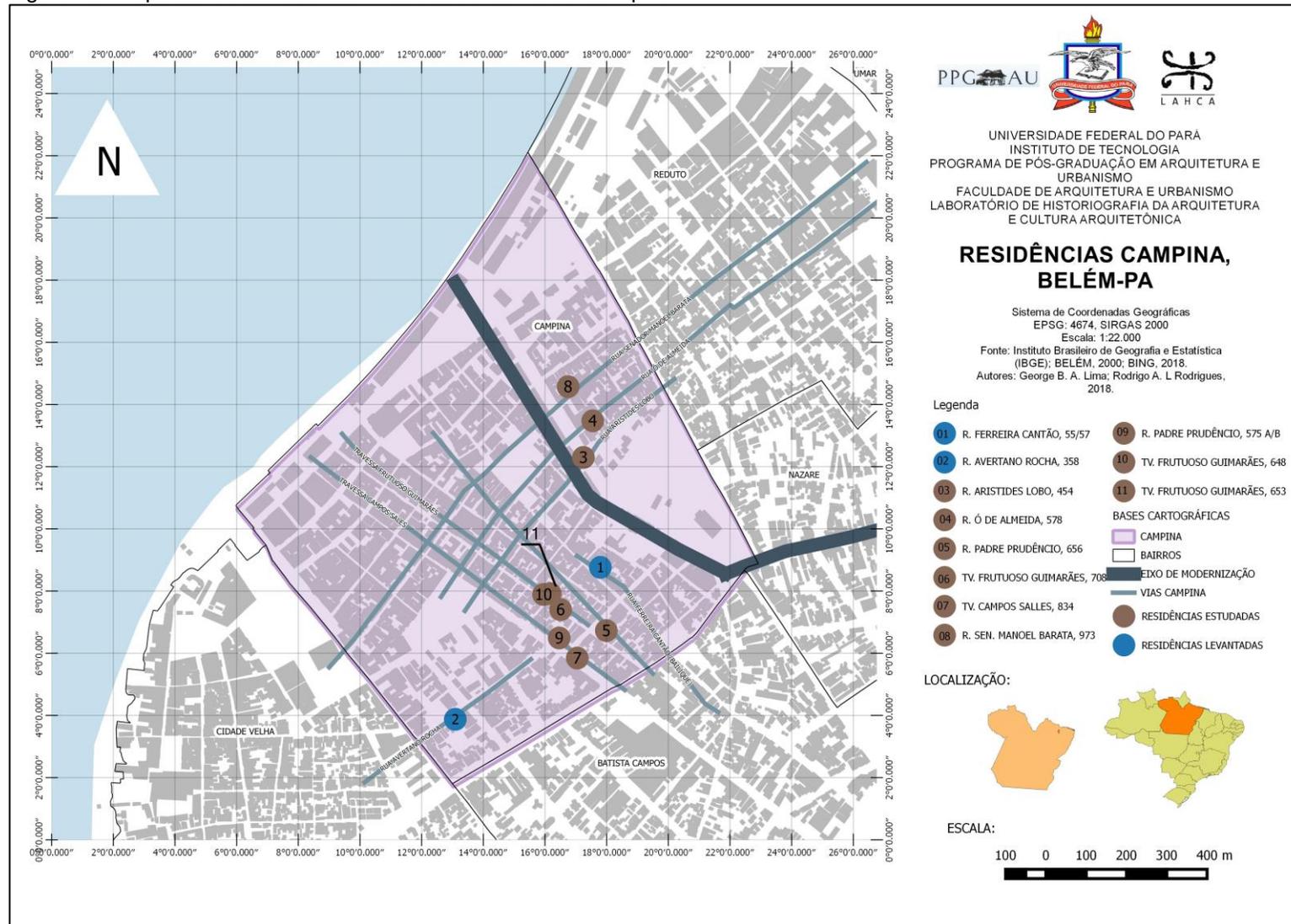


Fonte: Rodrigo de Lima (2017)

O segundo bairro estudado, a Campina, conhecido pela intensa atividade comercial que ocupa boa parte de seus imóveis, também, como o bairro da Cidade Velha, faz parte do centro histórico de Belém. A Campina foi o bairro cenário de modernização dos anos 1930, 1940 e 1950, onde se localiza a avenida Presidente Vargas (antiga 15 de Agosto), com o alargamento da via e a construção de edifícios em altura, descritos no tópico 3.2 desta dissertação.

A Campina, por sua vez, apresentou residências de arquitetura moderna localizadas em porções menos comerciais do bairro. Essas residências apresentam terrenos em geral estreitos, que os diferenciam dos demais terrenos do bairro. Os partidos arquitetônicos se consolidam em volumes de formas cúbicas e puras, destacando-se uns por sua maior dimensão com avanços de platibandas em planos diagonais, e outros, menores em dimensão, que se destacam pelo colorido dos revestimentos de fachadas.

Figura 18: Mapa de residências identificadas do bairro da Campina.



Fonte: Adaptado de IBGE (2018) por Rodrigo de Lima e George Lima.

Foi possível perceber a assimilação da cultura da arquitetura moderna entre as diferentes classes socioeconômicas presentes nesse bairro, onde foi encontrado o maior número de residências e, posteriormente, a porção mais a nordeste do bairro, totalizando 11 exemplares identificados, sendo que em dois destes foi realizado o levantamento físico, como apresentado no mapa (figura 18). O bairro apresentou mais claramente a constatação das arquiteturas, a erudita e a popular, localizadas nos exemplares encontrados em um mesmo logradouro, na travessa Frutuoso Guimarães, com três exemplares localizados no mesmo perímetro da via; os dois primeiros com números 648 e 653 (Figura 19). O primeiro, de esquina com a rua General Gurjão, apresenta o partido arquitetônico em volume cúbico definido no pavimento superior com pequeno balanço sobre o pavimento térreo, tem frisos marcando a platibanda do telhado e térreo com afastamento frontal e pequeno pátio na entrada. Sua fachada, com esquadria em madeira e vidro deslizante, possui revestimentos similares à residência anteriormente citada, com pastilhas cerâmicas e

azulejos com composição alegórica. Esse aspecto se assemelha com a residência 653, que complementa a fachada com elementos vazados, cobogós, em sua pequena sacada no pavimento superior, seu partido arquitetônico rente ao limite do terreno, similar às demais residências vizinhas de arquiteturas anteriores, que nos leva a crer se tratar de uma adaptação de fachada.

A terceira residência, identificada na travessa Frutuoso Guimarães, número 708 (Figura 19), apresenta o lote três vezes maior que as residências vizinhas, com partido arquitetônico bastante robusto implantado em generoso terreno, pouco comum no bairro. Esse exemplar, com referência da arquitetura moderna, tem o afastamento frontal com jardim e seu partido apresenta dois pavimentos; tendo no térreo duas entradas para carros e abrigo para os mesmos. No andar superior, há uma ampla varanda frente aos dormitórios com robustez de platibanda que avança além do limite do piso, apoiada por paredes laterais e pilar inclinados ao limite da platibanda, muito similar às obras produzidas por Porto de Oliveira no final dos anos 1950 e 1960.

Figura 19: Residências travessa Frutuoso Guimarães.



Fonte: Rodrigo de Lima (2017).

Foi identificada uma tipologia residencial em dois casos no bairro da Campina, o sobrado com duas moradias (Figura 20), uma em cada pavimento com entradas independentes, como encontrados na rua Padre Prudêncio, número 575 A/B, e residência número 55/57 da rua Ferreira Cantão. Ambas têm suas referências modernas na marcação dos elementos estruturais com os pilares em formato triangular e na aplicação de revestimentos; no térreo, materiais cerâmicos aplicados na parede em segundo plano da fachada e no primeiro plano da fachada a aplicação de pastilhas cerâmicas multicoloridas. Percebe-se, ainda, um pequeno pátio; no pavimento superior; há uma varanda com guarda-corpo em ferro e uma platibanda como frontão.

A proprietária da residência da rua Ferreira Cantão, Sra. Patrícia Góes, informou que o imóvel tem em torno de 70 anos, informação confirmada pelo pai dela, Sr. Sérgio Góes, morador do pavimento superior, o que nos levou a crer que se trata de uma reforma nos anos 1950. Segundo eles, moradores a 7 anos do imóvel, houve uma grande reforma na residência; na fachada, foram feitos pequenos ajustes, pois o bairro é tombado pelos órgãos do patrimônio histórico. O Sr.

Sérgio Góes, engenheiro civil, complementou que quando fez a reforma teve que reforçar a estrutura da residência, pois percebeu que não havia estrutura em concreto, mas, sim, em alvenaria de tijolo cerâmico maciço. Ele acredita que a casa teve uma reforma anterior na fachada.

Figura 20: Residências das ruas Padre Prudêncio e Ferreira Cantão.



Fonte: Rodrigo de Lima (2017)

Outra residência encontrada na Campina foi localizada na rua Avertano Rocha, número 358 (Figura 21). Nesse sobrado, no térreo, percebe-se um pequeno pátio com aplicação de painel em madeira e um *hall* de entrada, na

lateral o abrigo para automóveis. Há pilares na fachada frontal em forma triangular que suporta o volume com borda de marcação retangular que sobressai ao partido do edifício, que abriga uma pequena varanda. Na cobertura, uma platibanda que circunda por completo o telhado.

Figura 21: Residência na rua Avertano Rocha, 358.



Fonte: Rodrigo de Lima (2017)

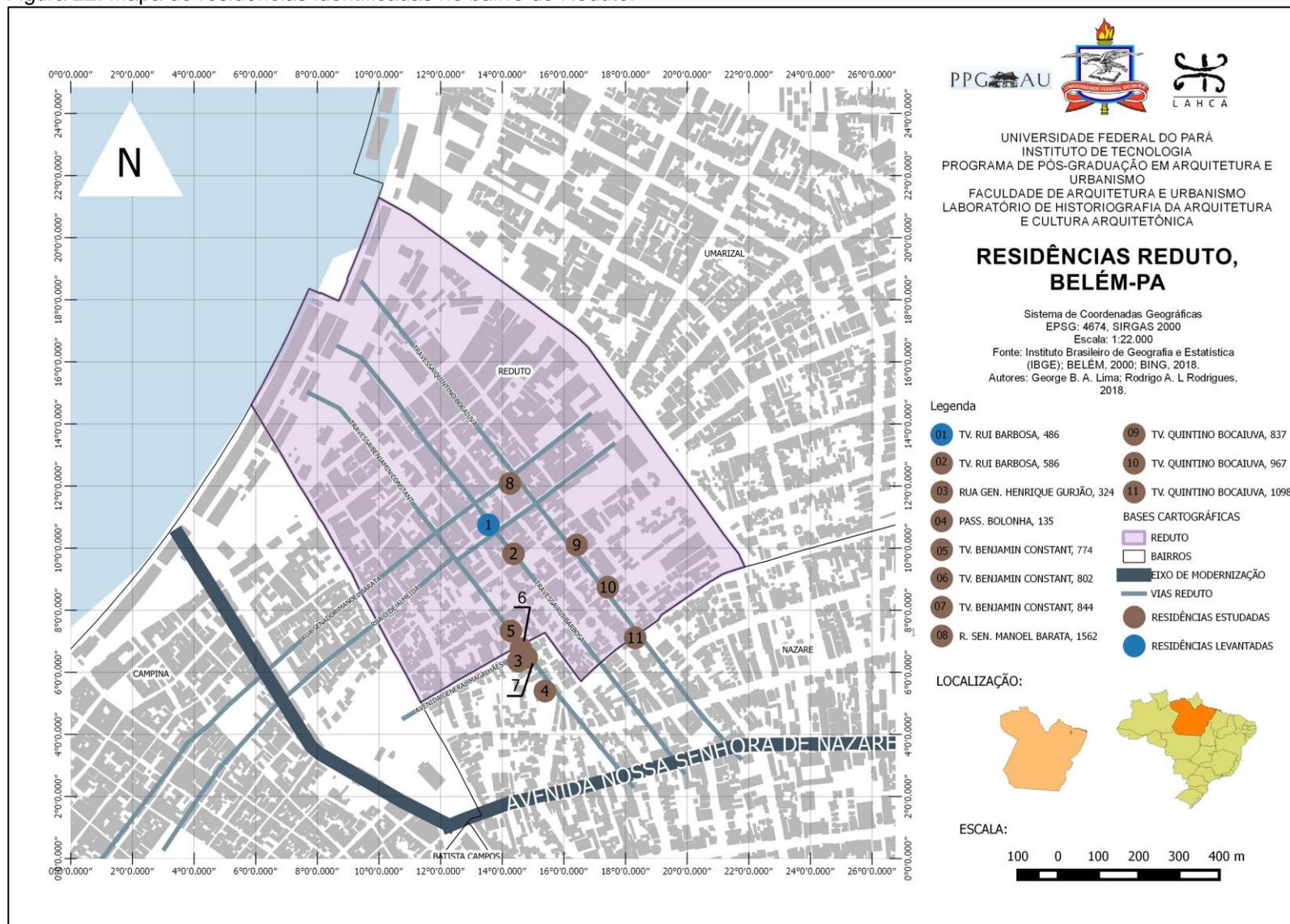
Segundo o proprietário, Sr. Florival Sodré Sobrinho, o imóvel tem construção de 1962, e foi seu pai, Sr. Florival Sodré, oficial do Exército, quem projetou a casa, pois tinha habilidades com desenho e tinha estudado no Liceu de ofícios “Lauro Sodré”. Complementou também que a construção foi apenas com o direcionamento de seu pai e o auxílio de um mestre de obra, porém com o aval de um engenheiro amigo

da família. Esse caso demonstra como a arquitetura moderna foi incorporada na sociedade de tal maneira que ao ponto de não-técnicos, de iniciativa popular, arriscarem-se no desafio de projetar sua própria residência à moda da época.

No bairro do Reduto (Figura 22), onde se localiza ainda grandes terrenos de fábricas do século XIX e princípio do século XX, identificamos elementos da arquitetura moderna em suas residências, que apesar dos lotes residenciais apresentarem uma menor dimensão, a busca resultou em 11 exemplares identificados, entre estes, em um foi realizado levantamento físico. O bairro se localiza nas proximidades da avenida Presidente Vargas (antiga Avenida 15 de Agosto) com limites para as avenidas Assis de Vasconcelos e Visconde de Souza Franco.

No bairro do Reduto, puderam-se notar os elementos da arquitetura moderna em suas residências. Os lotes residenciais do bairro na sua maioria não apresentam grandes dimensões, no entanto, há o aproveitamento dos partidos arquitetônicos sobre toda a extensão do lote, pode-se até afirmar que, em alguns casos, a residência moderna fez uso de mais de um lote para o projeto.

Figura 22: Mapa de residências identificadas no bairro do Reduto.



Fonte: Rodrigo de Lima e George Lima

O bairro apresentou uma variedade estilística na utilização dos elementos compositivos e formais da arquitetura moderna brasileira. As residências apresentam elementos de arquiteturas diferentes, com composição formal transitiva e com a incorporação de soluções da arquitetura moderna. Também há exemplares com uma rica composição de elementos como pilotis e cobogós em seus partidos arquitetônicos, além de composições de telhados com empenas e platibandas nas fachadas.

Percebeu-se que há uma variação de elementos apresentados em cada exemplar. Por exemplo, na travessa Benjamin Constant, no perímetro da Avenida Governador José Malcher até a área portuária, na Avenida Marechal Hermes, apresentam-se três residências com características de apropriação da arquitetura moderna em seus partidos arquitetônicos (Figura 23). As duas primeiras identificadas nessa via, o exemplar nº 844, apresenta uma característica transitiva de estilos, da cobertura em telhado tipo bangalô, um momento anterior à arquitetura moderna. Porém, possui elementos estruturais em evidência, como a marcação de linha de laje e pilares em forma 'V' que sustentam a varanda

do pavimento superior e a cobertura acima dela. Seguindo para a residência nº 802, que nos mostra uma apropriação maior dos elementos formais da arquitetura moderna, com o térreo em pilotis, ultrapassando a varanda superior e apoiando a marquise em concreto armado da cobertura. Esta possui telhado "borboleta" e a utilização de elementos vazados, todavia sem a presença de platibanda, mas, sim, com a empena com ventilação de forro. Importa ressaltar que nos dois casos já há a presença de recuos frontais e laterais. Ademais, a residência nº 774, sobrado, com partido arquitetônico com robusto volume prismático, que se destaca em balanço, ocupando toda a extensão do terreno, faz menção ao movimento brutalista na arquitetura moderna brasileira. Além de elementos vazados em abundância na fachada, do revestimento em pastilhas cerâmicas e esquadrias em madeira e vidro.

Os casos encontrados na Tv. Benjamin Constant demonstram as análises tipológicas, estrutural e formal, apontadas por Waisman (1974) quanto à aplicabilidade de elementos estruturais e compositivos da forma das residências, além a da apropriação (LARA, 2018)

Figura 23: Residências na travessa Benjamin Constant.



Fonte: Rodrigo de Lima (2017).

dos elementos da arquitetura moderna em um mesmo perímetro de via.

Figura 24: Residências na travessa Rui Barbosa.



Fonte: Rodrigo de Lima (2017)

Na travessa Rui Barbosa há mais dois exemplares (figura 24), os números 586 e 486, que apresentam algumas referências modernas similares, quanto ao jogo volumétrico do partido arquitetônico retangular, com um mais à frente e um mais recuado, com platibandas retas, além de revestimento cerâmico marcando lateralmente o partido. Na residência número 586, há uma dimensão maior do terreno destacada principalmente pelo elemento formal que compõe parte da cobertura em forma de “V” do pavimento térreo, este similar à produção do engenheiro e arquiteto Camilo Porto de

Oliveira e a residência número 486, com partido mais reduzido com a presença da marquise frontal com apoios de paredes laterais.

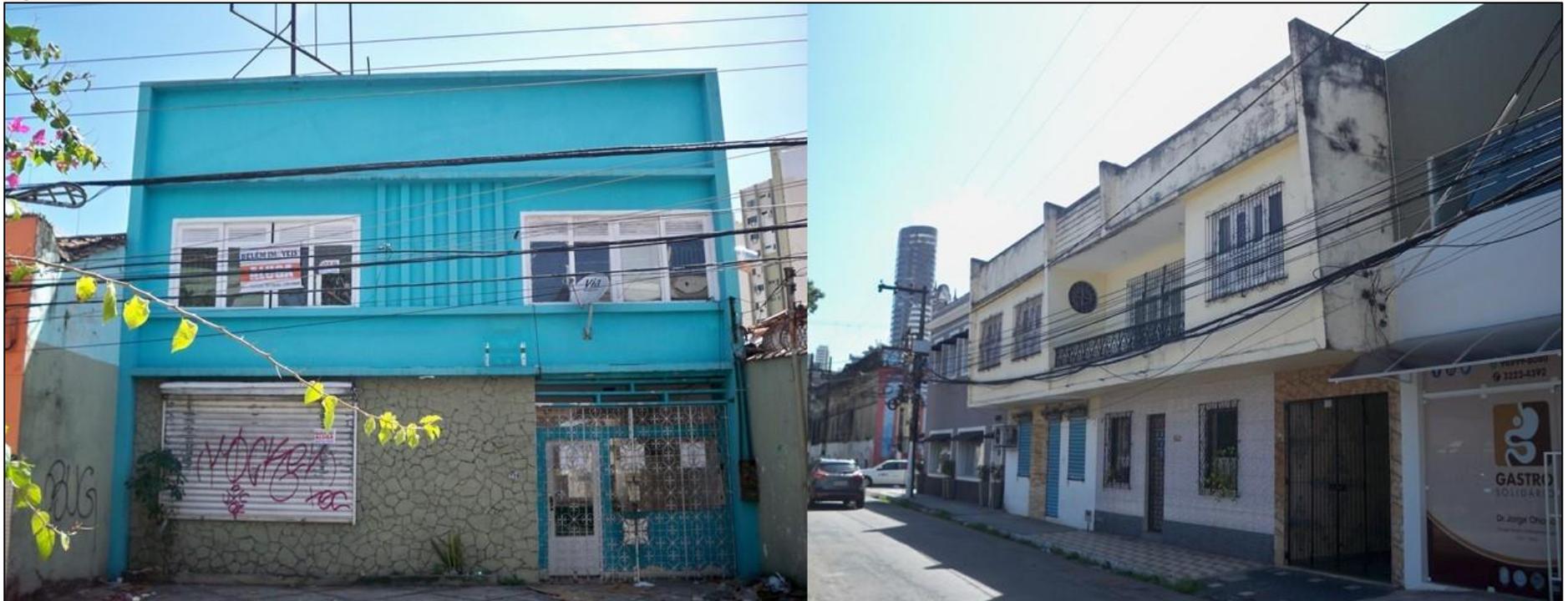
Foi possível constatar algumas autorias de projetos no bairro do Reduto por meio dos arquivos de registro do CREA/PA, como identificado na travessa Quintino Bocaiuva, número 837 (Figura 25) que apresenta o partido arquitetônico em volume único com elementos de marcação de estruturas, lajes e platibanda, revestimento em pedra e janelas em madeira e vidro com bandeiras em venezianas. Nessa residência, constatou-se um “projeto de construção digo reforma de prédio existente”, de propriedade de Mavaço Indústria e Comércio Ltda. e projeto e construção da Construtora Cabral Albuquerque datado de 1954 (CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA E AGRONOMIA/PA, 1954). Assim como na rua Senador Manoel Barata, número 1562 (Figura 25), apesar do térreo bastante alterado, seu pavimento superior carrega as referências da arquitetura moderna com a marcação de elementos estruturais e elementos em plano inclinado que vão desde a base, na laje, até a platibanda. Atualmente, tem uso misto e

multifamiliar, apesar do registro encontrado de “projeto para a construção de prédio residencial” de autoria do engenheiro Rudolph Fiuza de Melo, datado de 1962 (CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA E AGRONOMIA/PA, 1962).

Pode-se perceber que na maioria dos casos encontrados a escala do edifício, residência unifamiliar, de referência moderna se sobrepõe às escalas dos edifícios de

arquitetura antecessoras existentes nos bairros estudados. Nos três bairros (Cidade Velha, Campina e Reduto) a tendência da destruição do passado pela sobreposição do novo, arquitetura moderna. As arquiteturas produzidas com as características dos anos 1950 e 1960 foram as que mais se referenciaram nesses bairros, comprovado o número expressivo de exemplares encontrado.

Figura 25: Residências na travessa Quintino Bocaiuva, 837 e na rua Sen. Manoel Barata, 1562.



Fonte: Rodrigo de Lima (2017)

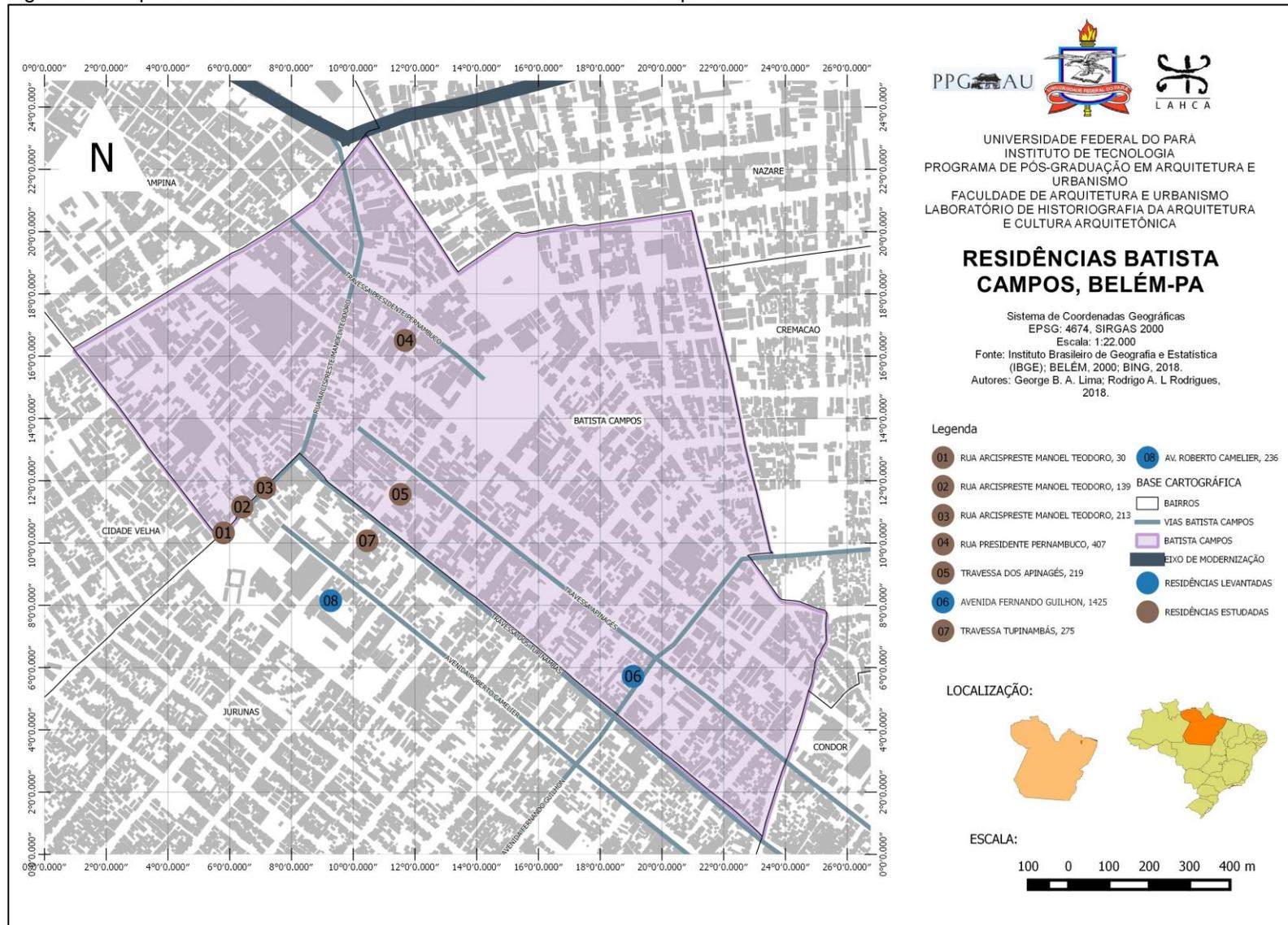
#### **4.1.2 Bairros de Batista Campos, Nazaré, Umarizal e São Brás.**

Os bairros estudados neste tópico se encontram no entorno do centro histórico e também dois deles, Nazaré e São Brás, estão no eixo de modernização proposto por Vidal (2016) e os bairros de Batista Campos e Umarizal; o primeiro, pela localização de obras, como a Casa Gabbay, citada anteriormente; o segundo, por suas fronteiras com os bairros de Nazaré e São Brás. Esses bairros nos estimularam em buscar até onde essas residências poderiam ser encontradas e outras de relevância para o estudo.

O bairro de Batista Campos, onde se localiza uma das praças mais bonitas do país, de mesmo nome, faz fronteiras com os bairros da Cidade Velha, Campina, Jurunas, Condor, Cremação e Nazaré, por seus limites em desenho assimétrico (Figura 26). O estudo de campo desse bairro nos apresentou oito exemplares de referência moderna, sendo um deles em área fronteira e, dada a relevância de sua arquitetura, foi incluída ao estudo, entre estes, em dois foi possível o levantamento físico.

O bairro nos apresentou uma variedade de exemplares que demonstram a transitoriedade da arquitetura moderna nas residências apresentadas, até exemplares que por completo efetivam as características desse movimento da arquitetura. Os terrenos onde se encontram os exemplares são de maior dimensão que os demonstrados nos bairros anteriormente estudados.

Figura 26: Mapa de residências identificadas no bairro de Batista Campos.



Fonte: Adaptado de IBGE (2018) por Rodrigo de Lima e George Lima

O primeiro exemplar destacado está localizado na rua Arcipreste Manoel Teodoro no número 30 (Figura 27), nas proximidades da praça Amazonas. Esse exemplar apresenta um pequeno recuo frontal e abrigo para automóvel com jardins laterais, destaque para a fachada em volume do pavimento superior retangular e elementos vazados no peitoril da varanda seguindo em painel vertical completando o vão, além do mosaico de azulejos, com as representações de raios e bumerangues, tão típicas do *raio-que-o-partá*. Esse aspecto assimilatório da arquitetura ao moderno é também percebido na residência encontrada na travessa dos Tupinambás, número 275 (Figura 27). A residência também apresenta um pórtico de entrada assimétrico revestido de mosaico composto de pedaços de azulejos, há ainda uma série de frisos formando um pequeno painel. Ainda o telhado com empena e beiral do telhado aparente, a ventilação de forro é feita por venezianas em concreto tanto na porção anterior do partido, quanto na porção posterior. Segundo informações dadas pela Sra. Eni Faciola de Souza, de 83 anos, e que é moradora há 65 anos, levando-nos à provável data de 1953, ainda informou que o esposo, advogado e procurador do

INSS, encomendou o projeto e construção da residência ao engenheiro Monte (Milton Monte).

Nesses dois exemplos, em que ambos se utilizam de mosaicos azulejados para compor a fachada, demonstra-nos que essa manifestação artística e arquitetônica de cunho popular, afirmado por Costa (2015), foi absorvida por técnicos-acadêmicos por um aspecto estético enriquecedor da forma, havendo, assim, um movimento simbiótico entre o erudito e o popular às avessas, do popular para o erudito, ainda que essa prática decorativa possa habitar as duas iniciativas arquitetônicas.

Figura 27: Residência na rua Arcipreste Manoel Teodoro, 30 e a residência na travessa dos Tupinambás, 275.



Fonte: Rodrigo de Lima (2018)

A próxima residência identificada localiza-se na avenida Engenheiro Fernando Guilhon, número 1425 (Figura 28), que ocupa quase a totalidade da secção transversal do terreno, sendo a maior testada encontrada no estudo de campo. Nota-se os generosos afastamentos frontais com jardim dividido pelos degraus da escada de entrada que direcionam à porta principal, também há hierarquia do partido arquitetônico em jogo de volumes, um mais alto e à frente e o outro mais baixo e recuado. As estruturas das paredes laterais acompanham o avanço das platibandas utilizadas com elementos estéticos e como anteparos de sombreamento da fachada, que demonstra a opção pela horizontalidade na concepção formal do partido, além de painel cimentício pintado e as grandes áreas de fachada com esquadrias.

Figura 28: Residência na avenida Eng. Fernando Guilhon.



Fonte: Rodrigo de Lima (2018)

Na outra residência identificada nas proximidades do bairro de Batista Campos, em área já é pertencente ao bairro do Jurunas e dada à relevância dos elementos compositivos presentes no exemplar, esta foi incluído na dissertação. Esta residência localiza-se na avenida Roberto Camelier, número 236 (figura 29). O sobrado apresenta generoso recuo frontal, hoje usado para garagem por completo; quanto ao partido arquitetônico, possui uma variedade de elementos compositivos, como marquise inclinada apoiada por pilares em “V” sobre o pátio, chegando o elemento em planos inclinados que formam um trapézio na fachada. Sobre parte dessa marquise há uma pequena varanda do dormitório que é protegida por uma marquise apoiada por suporte triangular em concreto na linha de laje e segue protegendo as demais esquadrias. Estas em madeira e vidro com folhas laterais em venezianas, além de azulejos revestindo a parede do pátio. O telhado, em duas águas de telha cerâmica, é o elemento tradicional que permaneceu na arquitetura do exemplar.

Segundo relatou o Sr. João Fortes, proprietário e morador a 60 anos do imóvel, seu pai, João da Costa Fortes, contador da Caixa Econômica Federal, adquiriu o terreno em

1956, obtendo a escritura em 1957, ainda com o endereço antigo, correspondendo à travessa Jurunas, número 114.

Figura 29: Residência na avenida Roberto Camelier.



Fonte: Rodrigo de Lima (2018)

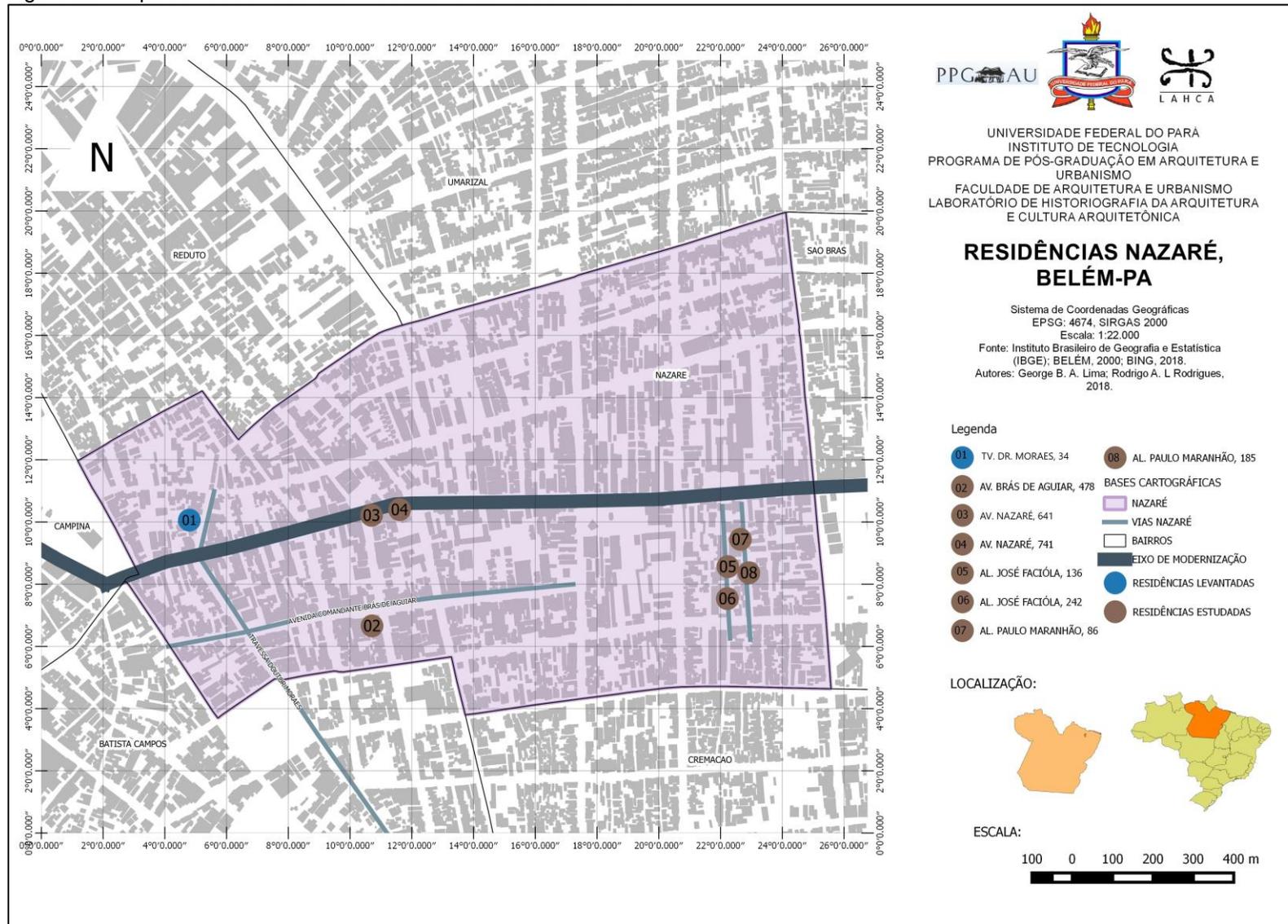
O proprietário possuía o projeto de acréscimo de prédio de 1959, de autoria de engenheiro civil Mário Jurandir Reis, que nos leva a crer que a residência seja de 1958. O projeto apresenta similaridades no térreo e diferenças no segundo pavimento, que atualmente a residência apresenta na

primeira porção referente àquela década. Pois houve um projeto de ampliação na década de 1980, que corresponde à porção posterior da residência. Essas informações serão mais exploradas no próximo tópico de caracterização das residências.

O bairro de Nazaré recebe esse nome pelas demonstrações de fé e devoção católica a Nossa senhora de Nazaré, padroeira da cidade, e também por ser o bairro em que se localiza a Basílica Santuário dedicada à santa. No estudo de campo desse bairro, identificou-se 8 exemplares com referências da arquitetura moderna e em um destes foi realizado o levantamento físico (Figura 30). Percebe-se que os exemplares estão, atualmente, conservados, uns à venda e outros com uso comercial; os que permanecem em uso residencial, os usuários têm uma relação afetiva e familiar com o imóvel.

Notou-se uma diversidade de representações do moderno na arquitetura nesse bairro, alguns exemplares na região fronteira aos bairros históricos, provavelmente, substituíram residências de arquiteturas anteriores, as residências da vizinhança carregam estilos de outrora.

Figura 30: Mapa de residências identificadas no bairro de Nazaré.



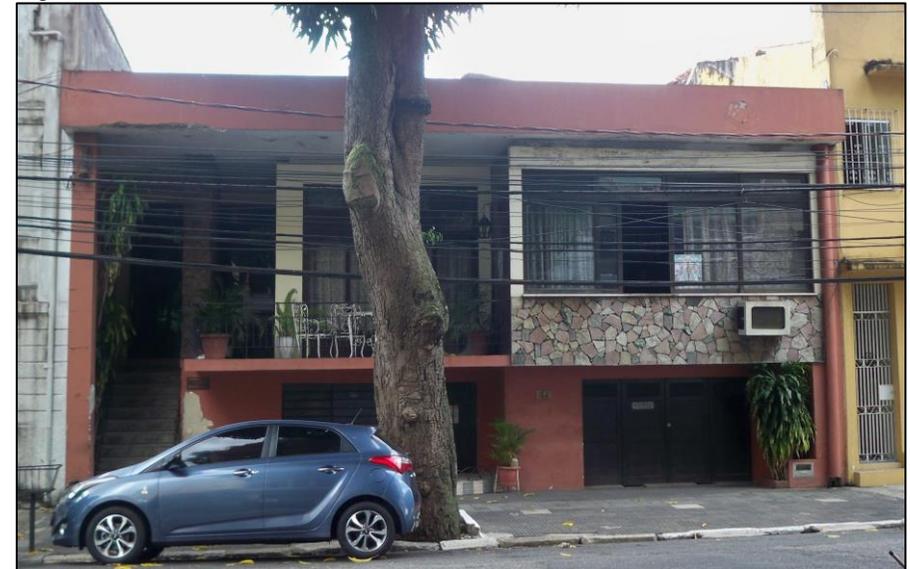
Fonte: Adaptado de IBGE (2018) por Rodrigo de Lima e George Lima.

Nessa área, fronteira entre os bairros de Batista Campos e Reduto, foi identificada uma residência na travessa Doutor Moraes, número 34 (figura 31), cujo proprietário, Sr. Rui Romariz, relatou que esta já havia sido um casarão no estilo eclético, mas seu pai, Rui Romano Romariz, médico e professor universitário, resolveu modernizar a casa na década de 1960. Por meio de projeto arquitetônico desenvolvido por seu irmão, Dimitri Romariz, que tinha grande habilidade em desenhar e era requisitado como desenhista por alguns escritórios de engenheiros em Belém, como Alcyr Meira, Camilo Porto de Oliveira e Milton Monte. Este último foi parceiro do projeto da casa e também foi responsável pela execução do projeto. O Sr. Rui Romariz conserva as características originais da residência, informou-nos que trocou apenas as instalações elétricas e sanitárias.

A residência apresenta partido arquitetônico em jogo volumétrico de formas cúbicas, hierarquizando-se em três planos visuais, com destaque para a platibanda frontal e uma pequena dilatação abaixo que provoca efeito de soltura do restante do partido. No primeiro plano, um dos cômodos apresenta janela deslizante em fita e peitoril em acabamento

em pedra, sendo acompanhado por uma linha de laje onde há uma varanda anterior a mais e um cômodo com portas deslizantes que, lateralmente, conduz para a entrada principal com portas deslizantes onde se encontra a escadaria em lioz, pertencente à antiga casa, e uma jardineira lateral. Todas as esquadrias em madeira e vidro com bandeiras alternando vidro e venezianas, e destaca-se para o pilar robusto com acabamento em pedra. E no térreo, encontra-se a garagem, um depósito e um canil.

Figura 31: Residência na travessa Doutor Moraes.



Fonte: Rodrigo de Lima (2018).

Na avenida Nossa Senhora de Nazaré, pôde-se identificar uma residência no número 741 (Figura 32) pelo jogo volumétrico de dois cubos em seu partido arquitetônico no pavimento superior bem definido pelas molduras revestidas por pastilhas azuis, além das pastilhas amarelas no restante da fachada. No volume maior, a cobertura fica escondida pela platibanda retilínea em prumo da fachada, e no segundo volume, que avança à frente, o partido principal e sua cobertura assumem a telha em fibrocimento. Esse elemento compositivo também é notado na alameda Paulo Maranhão, número 185 (Figura 32), na cobertura do abrigo para automóveis. Neste, observou-se três níveis e três planos de fachada do partido arquitetônico. O primeiro, para acesso de veículos; o segundo, para o acesso principal e o último pavimento superior, definidos pelas linhas de cobertura em platibandas e telha de fibrocimento.

Figura 32: Residências na av. N. S.de Nazaré e na al. Paulo Maranhão.



Fonte: Rodrigo de Lima (2018).

As próximas residências identificadas se encontram no condomínio Jardim Independência, entre as avenidas Nossa Senhora de Nazaré e Gentil Bittencourt. Na alameda José Faciola, foram encontrados dois exemplares que apresentam similaridades quanto à composição formal do partido arquitetônico na utilização da cobertura em tesoura invertida e o uso de platibanda frontal, dadas as devidas proporções escalares dos edifícios. No primeiro caso, da residência número 136 (Figura 33), a cobertura toma praticamente o partido por completo. A linha de telha desenha a fachada lateral do edifício térreo seguindo até a platibanda frontal, em plano inclinado e, ainda na fachada, há uma marquise para a proteção solar e o diferencial da parede curva da sala de estar, que conduz à entrada principal, ao lado da garagem. A cobertura, no segundo caso, da residência número 242 (Figura 33), toma proposta de dar monumentalidade pela altura da platibanda que compõe juntamente com as molduras que marcam, não somente a platibanda como o segundo pavimento, mas também, lateralmente, percebe-se a linha de telhado com calha central em forma de “V”.

Figura 33: Residências na alameda José Faciola.



Fonte: Rodrigo de Lima (2018).

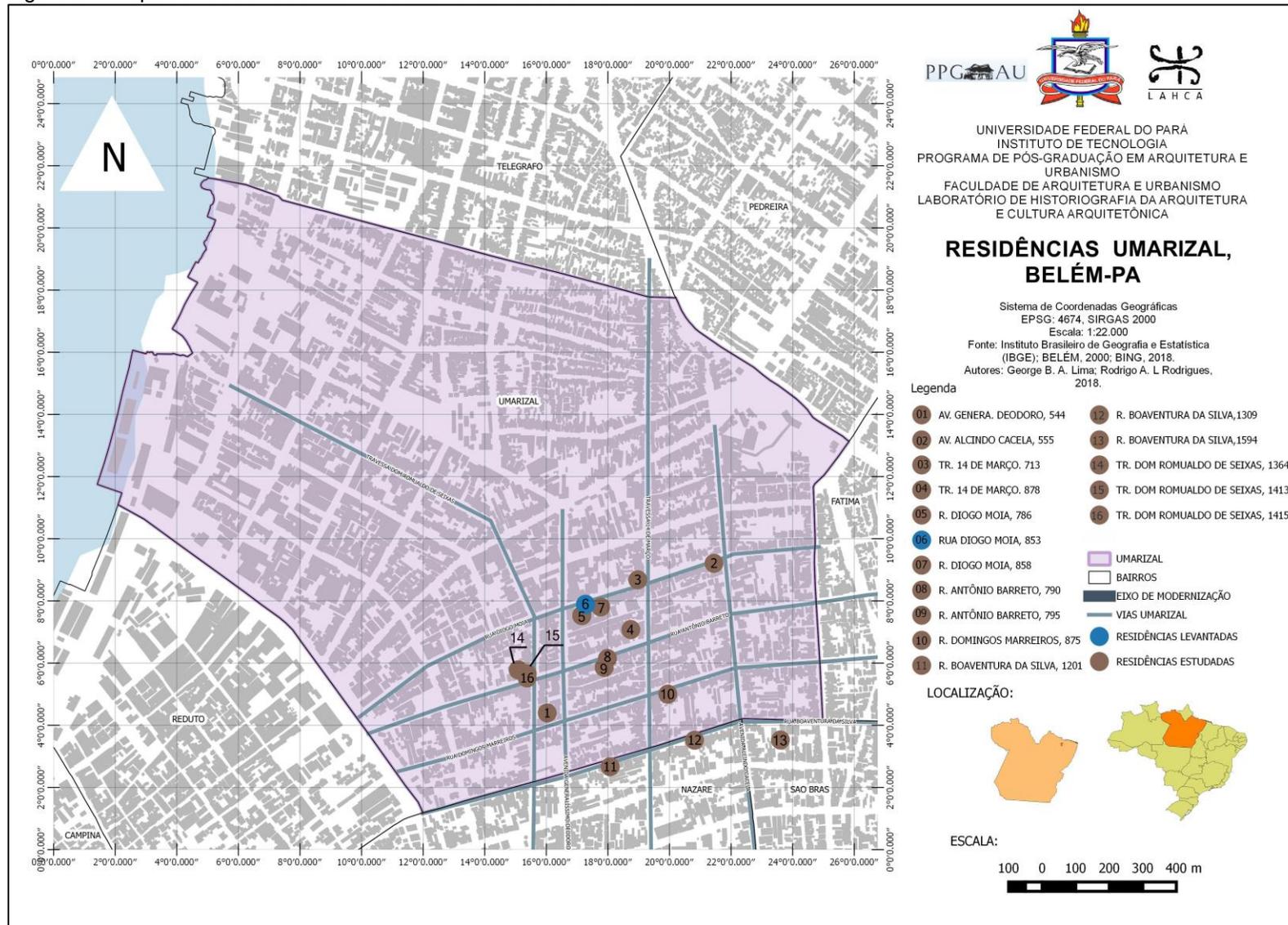
O bairro do Umarizal faz fronteira com os bairros do Reduto, de Nazaré, e de São Brás, onde também é notória a presença de residências de relevância para a dissertação. Por volta do ano de 1998, a cidade de Belém sofreu um processo de especulação imobiliária que perdurou pelos anos 2000. O bairro do Umarizal tornou-se um símbolo da gentrificação urbana, principalmente com a concentração de edifícios em altura na região de orla que pertence ao bairro, em frente à baía do Guajará. Apesar desse processo de renovação arquitetônica, nesse bairro foi identificado o maior número de exemplares com referência da arquitetura moderna, totalizando 16 residências (Figura 34), entre estas, em uma, foi realizado o levantamento físico. Esses exemplares foram encontrados em uma porção do bairro mais próximo das divisas dos bairros de Nazaré e São Brás.

No bairro do Umarizal, encontramos uma variabilidade de tipologias e lotes residenciais com referências da arquitetura moderna brasileira, entre planos retos e angulados, formas puras e alegóricas e também diversidade de materiais de acabamentos. Entre estes exemplares que demonstram a temporalidade de atuação desta arquitetura

com elementos dos anos 1950, cuja residência de autoria de Camilo Porto de Oliveira, mencionada no tópico 3.2, é datada de 1958, assim como foram encontradas outras residências com comprovações de autorias dos anos 1960 e 1970.

Nesse bairro, identificamos na avenida Alcindo Cacela o sobrado número 555 (Figura 35) que se destaca pela composição volumétrica do partido arquitetônico com as marcações de elementos estruturais com apelo estético, sobretudo da platibanda com inclinações diversas triangulares. Ainda há uma remanescente janela no térreo, em madeira e vidro, com venezianas. Atualmente, é de uso institucional de um órgão público estadual, uma casa de acolhimento. Esse tipo de composição alegórica também pode ser notado na residência localizada na rua Diogo Moia, no número 786 (Figura 35), com rica composição de elementos da arquitetura moderna brasileira, como o pilar roliço em forma de “V”, que sustenta a marquise em desenho assimétrico da varanda do pavimento superior, sendo o elemento compositivo mais relevante da fachada, também com a diversidade de revestimentos aplicados nas paredes laterais e na platibanda.

Figura 34: Mapa de residências identificadas no bairro do Umarizal.



Fonte Adaptado de IBGE (2018) por Rodrigo de Lima e George Lima.

Figura 35: Residências na av. Alcindo Cacela, 555 e na rua Diogo Moia, 786.



Fonte: Rodrigo de Lima (2018)

Os revestimentos empregados na fachada contribuem para ressaltar os elementos formais dos partidos arquitetônicos e enriquecendo-os, como podemos verificar nos exemplares antes mencionados. A residência localizada na rua Domingos Marreiros, número 875 (Figura 36), ainda preserva muitas características originais, pois percebe-se o uso de revestimentos diversos para ressaltar de características do partido arquitetônico e pastilhas cerâmicas azuis para a marcação do cubo que forma o segundo pavimento com

varanda e parede externa da fachada com composição de pastilhas amarelas com detalhes em azul. No térreo, revestimento cerâmico em régua fina marrons que ressaltam o pilar e parede externa da sala de estar; na garagem, há composição de pastilha cor de rosa com detalhes em azul, por meio do recuo frontal com jardim e gradil baixo, podemos contemplar o edifício.

A rica composição pode ser vista também, na rua Boaventura da Silva, número 1594 (Figura 36), em que no partido arquitetônico identifica-se o uso de painel de cobogós, como *brise* e esquadrias originais em madeira e vidro com venezianas. No aspecto formal, há avanço de laje sobre pátio frontal, o pavimento superior abriga pequena varanda com jardineira conduzida por paredes laterais em curva ascendente para pequena marquise com platibanda recuada superior e os revestimentos aplicados, em sua maioria pintura na cor branco, que resalta os mosaicos de azulejos coloridos em estilo *raio-que-o-parta* presentes nos elementos estruturais e na platibanda da residência.

Figura 36: Residências na rua Domingos Marreiros, 875, e na rua Boaventura da Silva, 1594.



Fonte: Rodrigo de Lima (2018).

Foi possível identificar alguns projetos arquitetônicos no bairro do Umarizal, nos quais, apesar de algumas alterações contemporâneas, pode-se notar as evidências do moderno nessas residências. A primeira, localizada na rua Antônio Barreto, no número 790 (Figura 37), apesar da testada estreita do terreno, há o aproveitamento de quase a totalidade, com pequeno recuo frontal e pequeno pátio no térreo. Também no segundo pavimento, mais expressivo em características da arquitetura moderna com a evidência dos

elementos estruturais, como os suportes laterais que apoiam a platibanda com sensível inclinação que encobre a varanda superior. Essa residência tem registro de projeto e construção de “prédio residencial com 2 pavimentos” de autoria do engenheiro civil Mário Penna Araújo em 1963 (CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA E AGRONOMIA/PA, 1963b).

Figura 37: Residências na rua Antônio Barreto, 790, e rua Boaventura da Silva, 1309.



Fonte: Rodrigo de Lima (2018).

O segundo identificado localiza-se na rua Boaventura da Silva, no número 1309 (Figura 37), também já sofreu

alterações como o encobrimento do afastamento frontal e as esquadrias em alumínio e vidro no pavimento superior, conserva as esquadrias em madeira e vidro no térreo há proposta de suportes laterais inclinados que apoiam a platibanda sobre a varanda frontal, que nos parece uma proposta marcante de composição formal dos anos 1960, pois a residência tem um “projeto de uma reforma de prédio residencial com 2 pavimentos” de autoria de projeto e construção do engenheiro civil Jurandir Guttemberg de Barros, em 1965 (CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA E AGRONOMIA/PA, 1965).

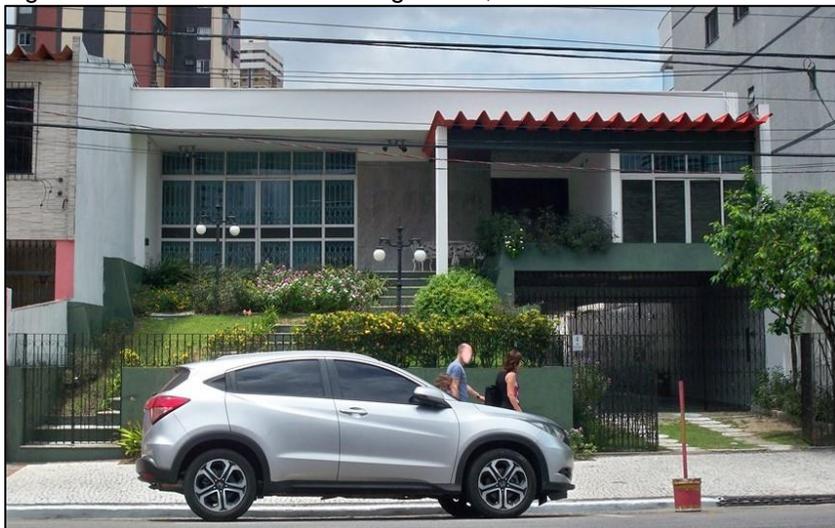
A última residência destacada no bairro do Umarizal se encontra na rua Diogo Moia, no número 853 (Figura 38), com testada do lote generosa, na qual a contemplação do edifício fica evidente pela elevação do terreno onde se encontra a porção principal do partido. Nessa elevação, há um grande jardim de cotas de níveis variadas com degraus que conduzem para o *hall* de entrada principal da residência no segundo pavimento coberto por telha de fibrocimento meia-calha, elemento já referenciado em residências no bairro de

Nazaré no volume principal, cobertura em platibanda em balanço em plano reto.

No térreo, há entrada para veículos e garagem com revestimento em azulejos. Os revestimentos de fachada, em sua maioria, são em pintura nas cores branco e verde, havendo um painel em mármore em ponto central, elemento também já identificado em residências no bairro da Cidade Velha. Há, em maioria, esquadrias em alumínio e vidro, com exceção do cômodo lateral ao *hall* de entrada que possui esquadria em alumínio com folhas em venezianas de madeira e bandeiras em vidro.

O proprietário, Sr. Alúzio Dopazo Antônio José, morador desde 1975, informou-nos que a casa foi idealizada pelos pais, Sr. Arnaldo Antônio José e Sra. Áurea Dopazo Antônio José, comerciante e farmacêutica, que solicitaram ao arquiteto Delmar Castelo de Souza que a residência fosse elevada do nível da rua. A casa foi construída em dois lotes, o projeto e construção são de 1974, verificado em plantas originais, e desde sua construção não foram realizadas mínimas modificações interna ou externa, a não serem as instalações elétricas.

Figura 38: Residência na rua Diogo Moia, 853.



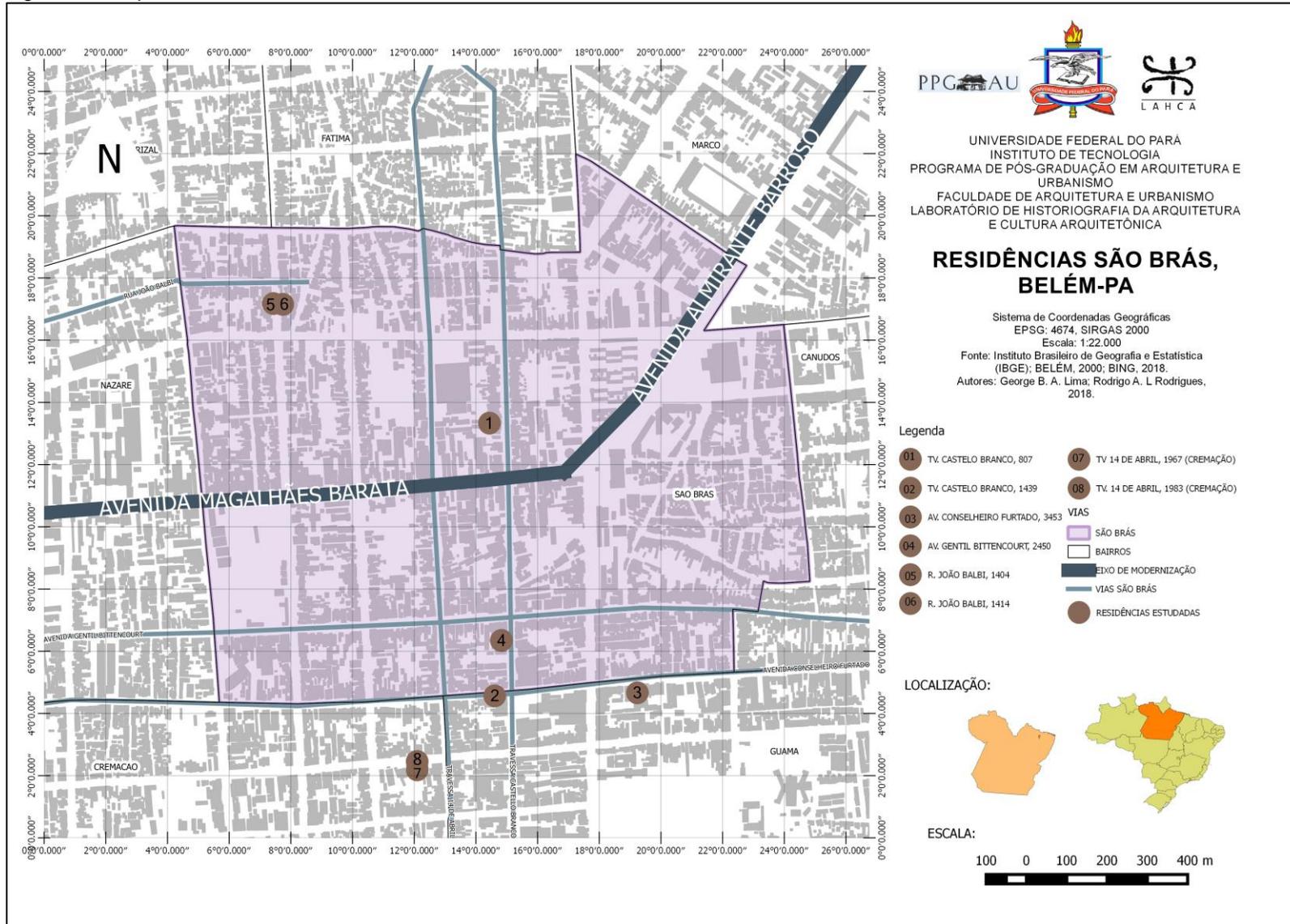
Fonte: Rodrigo de Lima (2018)

O sétimo e último bairro de nosso estudo de campo, visitado em 2017 e revisitado em 2018, constitui o fechamento dos bairros centrais da capital paraense, o bairro de São Brás é conhecido pelo entroncamento de várias vias de fluxos rodoviários para o centro, para bairros periféricos e para outras cidades da região metropolitana de Belém. Esse bairro recebeu várias obras de modernização, para citar algumas, por exemplo, o sistema de abastecimento de água cujo símbolo é a caixa d'água de ferro; o entreposto comercial, com o mercado de São Brás, em estilo eclético e o terminal rodoviário da cidade; além de

ter nas proximidades residências projetadas pelo engenheiro e arquiteto Camilo Porto de Oliveira, como a Casa Belisário Dias e a Casa Bittencourt, e também situar a icônica Escola Benvinda de França Messias, do arquiteto Edmar Penna de Carvalho, que são marcos da arquitetura moderna no bairro, da década de 1950.

A primeira visita ao bairro foi para averiguar se o moderno na arquitetura tinha alcançado um bairro um pouco mais distante do ponto mais central da modernização, a avenida Presidente Vargas. A segunda visita foi para alcançar uma área maior do bairro no estudo de campo e para encontrar mais exemplares de referência da arquitetura moderna. Nessa busca, identificamos 8 exemplares, entre estes, dois foram encontrados nas proximidades do limite do bairro e pertencem ao bairro da Cremação, porém, dada a relevância para o estudo de arquitetura moderna, foram aderidos ao mapa (figura 39). Na travessa Francisco Caldeira Castelo Branco, há dois exemplares que diferem quanto à escala e dimensão de testadas dos lotes, mas similares na concepção dos partidos arquitetônicos com linhas retas e volumes retangulares que ressaltam o segundo pavimento pela necessidade do programa da garagem para automóveis.

Figura 39: Mapa de residências identificadas do bairro de São Brás.



Fonte: Adaptado de IBGE (2018) por Rodrigo de Lima e George Lima.

Ambas as residências se alinham às características dos elementos modernizantes utilizados nas produções arquitetônicas dos anos 1960 em Belém, como no caso da residência localizada no número 807 (Figura 40), que apresenta testada estreita com partido que utiliza a seção transversal do lote por completo. Notou-se simplicidade na concepção formal que destaca o volume do segundo pavimento apoiado em elementos estruturais laterais em plano inclinado, rente ao limite do terreno, há ainda esquadrias que seguem o comprimento por completo da fachada, com folhas em venezianas e vidro. O outro exemplar localizado no número 1439 (Figura 40) tem partido arquitetônico maior e também utiliza toda a seção transversal do terreno, nesse caso, tem os revestimentos sendo utilizados para a valorização dos elementos formais e estéticos na fachada, a exemplo do pilar trapezoidal em pedra São Tomé, além da utilização de pedriscos na garagem. Essa obra apresenta o partido em formato retangular com fachada subdividida em varanda e cômodo frontal revestido com

pedra, chapisco pintado e pintura na cor branco, além de pequeno avanço de platibanda.

Segundo Armando Barata Pires, um dos proprietários deste imóvel, o mesmo é fruto de herança dos seus pais, Ubaldino e Celina Pires, respectivamente militar da aeronáutica e funcionária pública estadual, que encomendaram ao genro e engenheiro civil Adilson Sarmânio, que por vezes realizava viagens ao Rio de Janeiro, o projeto da residência. Armando afirmou que a construção da residência foi em 1963 e a casa é grande e espaçosa, “éramos 18 pessoas, sendo 9 irmãos”. Também havendo informações de registros de “projeto de acréscimo de uma residência com 2 pavimentos” de autoria do engenheiro Arthur Paiva Vieira, em 1970 (CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA E AGRONOMIA/PA, 1970), levando-nos a crer que houve uma possível reforma ou ampliação da residência nesse período.

Figura 40: Residências na travessa Francisco Caldeira Castelo Branco.



Fonte: Rodrigo de Lima (2018).

A próxima residência identificada se encontra na avenida Gentil Bittencourt, número 2450 (figura 41). Esse edifício de dois pavimentos, imponente pela altura, possui os elementos estruturais ressaltados pelas dimensões e revestimentos, dentre eles, dois suportes laterais em forma trapezoidal seguem do térreo até a platibanda, há também um menor em posição central que apoia a varanda superior.

Os gradis ganham destaque no partido, o do muro no limite frontal com desenhos geométricos de losangos; o pavimento térreo e o superior apresentam desenho que remete às colunas do Palácio da Alvorada, em Brasília. Essa apropriação *kitsch* já foi notada em exemplar localizado no bairro da Cidade Velha. Outro aspecto notado é a diversidade de revestimentos aplicados como chapisco, cubos de pedra portuguesa, filetes de pedra cariri e azulejos em abundância nas cores branco, preto, marrom e amarelo que revestem pilares e vigas da fachada.

Segundo a proprietária, Sra. Rosa Rocha, seu pai, Jurandir Rocha, comerciante, construiu a casa sob o projeto realizado pelo avô, Antônio Pereira da Costa, que tinha habilidades com desenho. Relatou também que o avô era

“similar a um arquiteto, um construtor civil”, mas era mais famoso em Belém como escultor de arte sacra. Sra. Rosa, de 66 anos de idade, informou-nos que foi morar na casa com 13 anos, o que nos leva ao ano de 1965.

Figura 41: Residência na avenida Gentil Bittencourt.



Fonte: Rodrigo de Lima (2018).

Na avenida Conselheiro Furtado, número 3453 (Figura 42), há um exemplar interessante por sua escala e pela maneira em que os elementos estéticos-formais foram utilizados em uma residência com testada inferior a 3 metros lineares. E, de forma reduzida, há um recuo frontal como pequeno pátio e mureta com elementos vazados, cobogós e um pequeno pórtico de entrada em concreto armado, de desenho assimétrico, sustentado por pilotis redondos e metálicos.

Nesse viés, no estudo de campo no bairro de São Brás identificamos nos limites com o bairro da Cremação, na travessa 14 de Abril, há dois exemplares (Figura 42) que se assemelham quanto à exaltação dos elementos estruturais com certa robustez como elementos estéticos em residências térreas com pequenos afastamentos frontais, também há muro e gradil baixos. Na casa localizada no número 1967 se destaca a composição de sua fachada com pilar em forma de “V” e assimétrico como elemento central que sustenta uma marquise em concreto armado que cobre um pequeno pátio onde há abrigo para automóvel e também uma platibanda em

formato trapezoidal que esconde o telhado. Os elementos evidenciados lhe dão destaque no conjunto do entorno residencial, assim como a residência localizada no número 1983, que tem composição alegórica com pilares duplos retangulares e parede estrutural lateral decorada com vazios circulares e painel de cobogós coloridos para a sustentação de marquise sobre pátio e garagem, também há platibanda no formato de telhado de tesoura invertida, apesar de, na realidade, ter apenas uma água e com decoração com leques de azulejos nas cores preto e branco.

Nesses casos apresentados, residências térreas demonstram a menor adoção de elementos estético-formais, porém evidentes em suas fachadas. Os sobrados são de características diferentes, um com a presença de vários elementos compositivos nas fachadas que remetem aos anos 1950 e o outro com simplicidade formal e regularidade da forma, mais comum nos anos 1960. Isso evidencia a assimilação da linguagem da arquitetura moderna como parte integrante da sociedade e o ideal de modernidade do momento histórico pesquisado.

Figura 42: Residências na avenida Conselheiro Furtado, 3453 e na travessa 14 de Abril, números 1367 e 1983.



Fonte: Rodrigo de Lima (2017).

## **4.2 Caracterização das residências: o moderno modo de morar**

Abordamos nesse tópico uma análise mais direcionada as residências e ao programa arquitetônico moderno, por meio de levantamentos físicos e questionários com os proprietários, a fim de detectar as relações físicas e históricas com a arquitetura presentes nos exemplares. Os levantamentos físicos seguiram a metodologia de Rovira e Gastón (2007) e as adequações para o estudo das residências identificadas com as referências da arquitetura moderna em Belém.

Foi possível realizar nove levantamentos físicos das residências, devidamente autorizados pelos seus proprietários, para identificarmos características do programa arquitetônico, técnicas e materiais, realizados no recorte temporal estudado por meio de medições, fotografias e consultas a projetos originais disponíveis que foram necessários para a pesquisa do habitar moderno.

Para isso, Gastón e Rovira (2017) recomendam que a análise do edifício, residência unifamiliar, envolva a localização na cidade e sua posição no terreno, as

possibilidades de acessos, dimensões, topografia, a relação da construção e vegetação. A configuração do edifício analisando a solução arquitetônica da distribuição dos volumes em relação ao programa, identificando as funções de cada ambiente identificando as áreas correspondentes em planta, com espaços de circulação e acessos. Havendo a possibilidade de identificar o sistema estrutural aparente e oculto em cada caso estudado, e também os elementos exteriores como materiais empregados, elementos de transparência, de iluminação e ventilação. Na cobertura, recomenda-se identificar os materiais empregados e solução de águas para o encobrimento do edifício. Assim como no interior do edifício, notar a relação da solução de fachada do edifício, os revestimentos aplicados em qualidades e cores, e também onde foram aplicados.

### **4.2.1 Residência Góes**

A residência Góes se localiza na rua Ferreira Cantão, número 55/57, entre as ruas General Gurjão e Carlos Gomes, no bairro da Campina, que faz parte do centro histórico de Belém, o que faz com que as características modernas da residência se destaquem dentre as demais de arquiteturas

anteriores na rua, primeiramente, pelo afastamento frontal e pelos materiais empregados na sua fachada. Segundo os proprietários, a residência tem em torno de setenta anos, com a data de construção provável dos anos 1950, seu partido arquitetônico ocupa toda a seção transversal do lote.

Há dois acessos, um para a residência térrea e outro para a residência nos altos. Na térrea, o acesso leva a um *hall* de entrada com duas portas, uma para a sala de estar/visitas e outra para a sala de jantar. A organização espacial se distribui com sala de estar/visitas integrada com sala de jantar e a partir delas há uma circulação com distribuição para vários ambientes, o primeiro sendo a sala de banho, em frente a uma área de ventilação, seguida por três dormitórios. A circulação termina na cozinha, com acesso a um banheiro e ao quintal com uma pequena área de serviço.

A residência dos altos tem acesso por uma escada que chega à sala de jantar integrada com a sala de estar/visitas. Em frente à escada, há um acesso à varanda frontal. A partir desses cômodos, segue a circulação com distribuição similar à residência de baixo, apenas quando se chega à cozinha, há

um muro baixo que a separa da varanda, dos fundos e de uma área de serviço.

A concepção do programa de necessidades segue algumas configurações antigas com a circulação que conecta os ambientes, mas há inclusão de componentes modernos ao programa, por exemplo, os pátios ou varandas, e também materiais de acabamento.

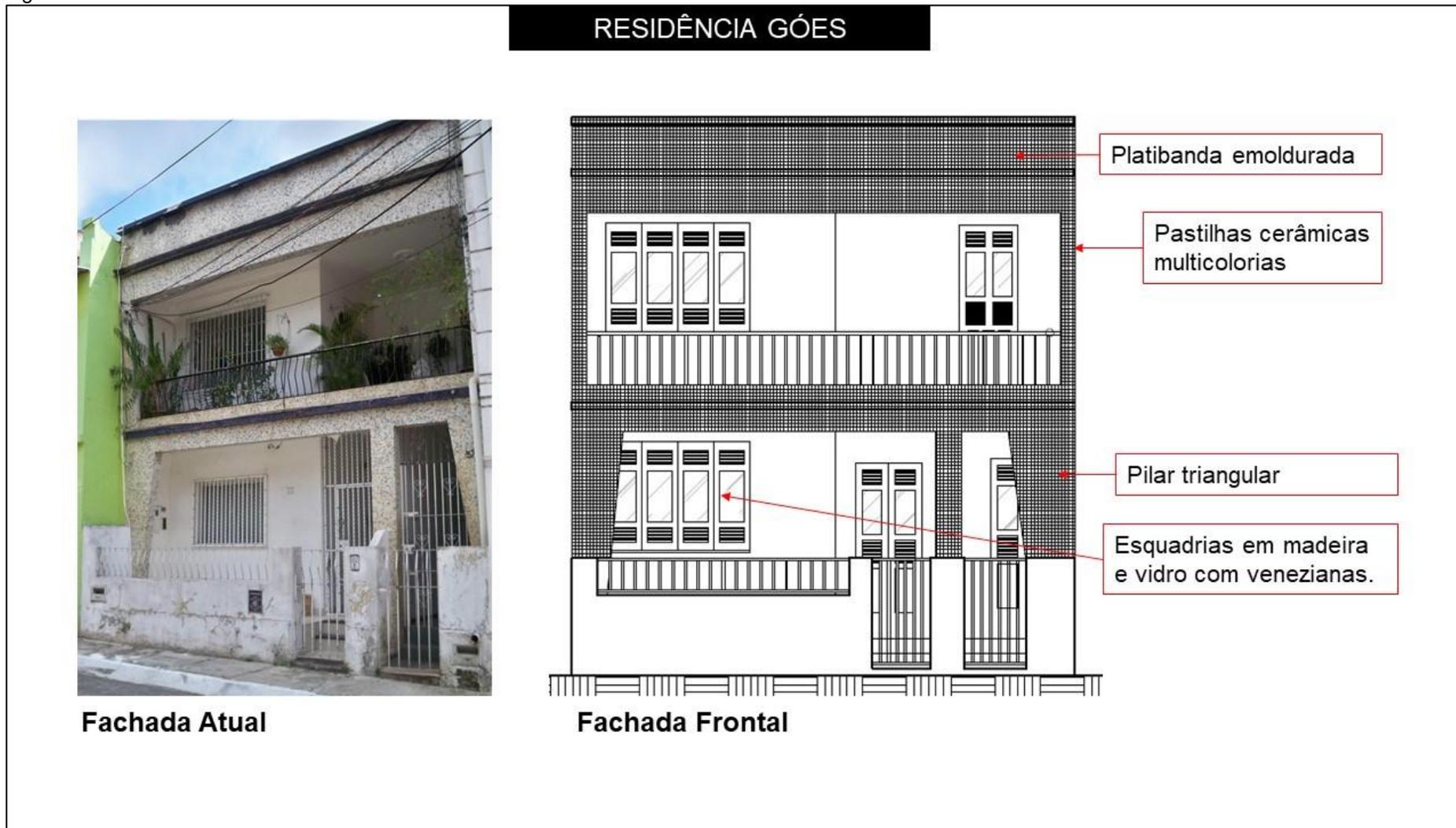
A estrutura da parte frontal é em concreto e alvenaria e, segundo o proprietário, a estrutura da casa é bastante antiga com paredes estruturais de tijolos maciços. Os materiais de acabamento aplicados na fachada são pastilhas cerâmicas multicoloridas e frisos de pastilhas na cor azul escuro e paredes em pintura na cor branco. Pátios/ varandas, cozinhas e áreas de serviço são em piso cerâmico São Caetano, vermelho, em formato hexagonal, soleiras de portas, janelas e escada em pedra sabão, as esquadrias são em madeira e vidro com venezianas.

Figura 43: Plantas baixas e setorização da Residência Góes



Fonte: Rodrigo de Lima, Ronaldo Moraes e Rafaelle Navegantes (2019).

Figura 44: Fachada da Residência Góes



Fonte: Rodrigo de Lima, Ronaldo Moraes e Rafaele Navegantes (2019).

Figura 45: Materiais aplicados na Residência Góes.



Fonte: Rodrigo de Lima (2017).

O partido arquitetônico ocupa praticamente todo o lote, com pequeno recuo frontal e, nos fundos, quintal, além das áreas de ventilação. Sua fachada em plano único, como uma “máscara”, sobressai-se pelos elementos estruturais com apelo estético, como os pilares em formato triangular e friso que marcam as linhas de laje e enquadram a platibanda. Há

um paralelismo entre as esquadrias dos ambientes que proporcionam ventilação cruzada e iluminação interna.

#### 4.2.2 Residência Fortes

A residência Fortes se localiza na avenida Roberto Camelier, número 236, de 1958. Apesar da movimentada avenida e do Condomínio *Resort* com duas torres

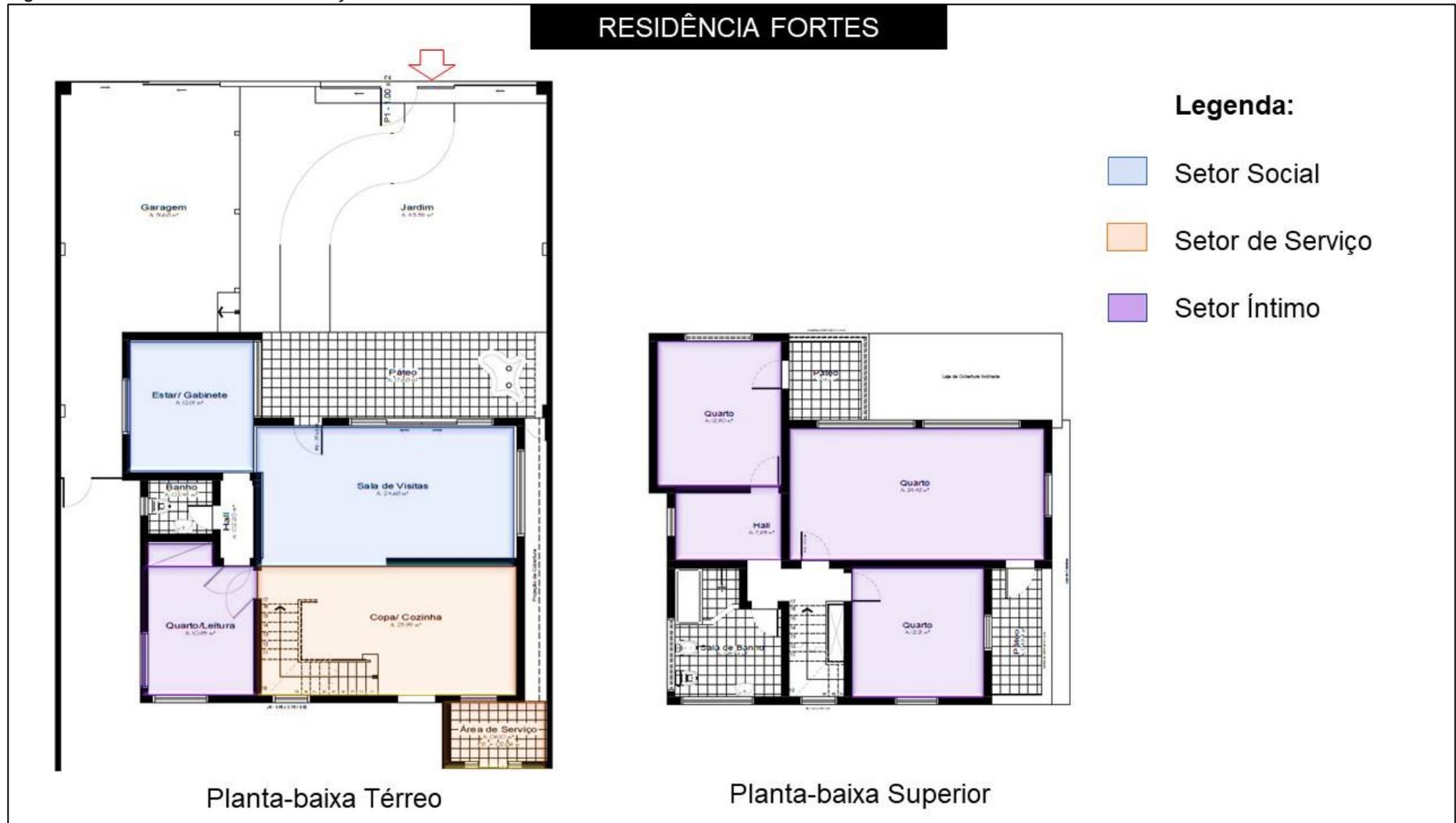
contemporâneas ao lado, estas últimas não tiram a apreciação desse exemplar com suas marquises e composição formal deste edifício no entorno de predomínio de residências unifamiliares. Existe um projeto de 1959 do engenheiro civil Mário Jurandir Reis, de reforma, que não é compatível com o programa atual, apenas na ampliação dos quartos dos filhos e um projeto de 1980 de responsabilidade técnica de Paulo Celestino com construção de lavanderia e área de serviço, e consta no levantamento uma ampliação com copa, cozinha, quarto e banheiro para trás da residência, dos anos 1950. Analisamos com o programa dos anos 1950 que foi confirmada pelo proprietário.

Na entrada há abrigo para automóvel e um belo jardim, com o qual, segundo o proprietário, sua mãe ganhou um concurso promovido pela prefeitura, o jardim tem um caminho sinuoso até o pátio sob a marquise inclinada com duas portas, uma deslizante e ampla e uma de dobrar como acesso principal para a sala de visitas ampla e vão de acesso à copa/cozinha com escada com desenho arrojado de acesso ao segundo pavimento. Há dois acessos, um para a sala de visitas para o estar/gabinete com *hall* interno para um

banheiro conjugado com quarto de leitura ao fundo que tem acesso para a copa/cozinha. No segundo pavimento há um pequeno *hall* com acessos para um *hall* que antecede o quarto do casal, o quarto dos filhos, um quarto menor e a sala de banho. Ao lado da sala de banho há o *hall* e o quarto do casal com acesso a um pequeno pátio frontal ao lado o quarto maior destinado aos filhos com acesso ao pátio lateral e mais ao fundo, este ao lado do terceiro quarto menor.

O partido arquitetônico com cobertura em duas águas aparentes, mas apresenta pátio com marquise inclinada com apoios em pilotis metálicos em “V”, parede externa no térreo do volume que avança até o limite do pátio com extremidades inclinadas cujo formato se assemelha a um trapézio. No segundo pavimento há um pátio sobre a intersecção da marquise com volume avançado com detalhe em plano inclinado que se conecta ao quarto. Há uma marquise sobre o pátio que segue pelo alinhamento frontal da fachada com apoio, tipo mão francesa, em formato triangular com dois vazios esféricos no interior na da forma. E também apresenta esquadrias em madeira e vidro com folhas laterais com venezianas.

Figura 46: Plantas baixas e setorização da Residência Fortes



Fonte: Rodrigo de Lima, Ronaldo Moraes e Rafaelle Navegantes (2019).

Figura 47: Fachada da Residência Fortes



Fonte: Rodrigo de Lima, Ronaldo Moraes e Rafaelle Navegantes (2019).

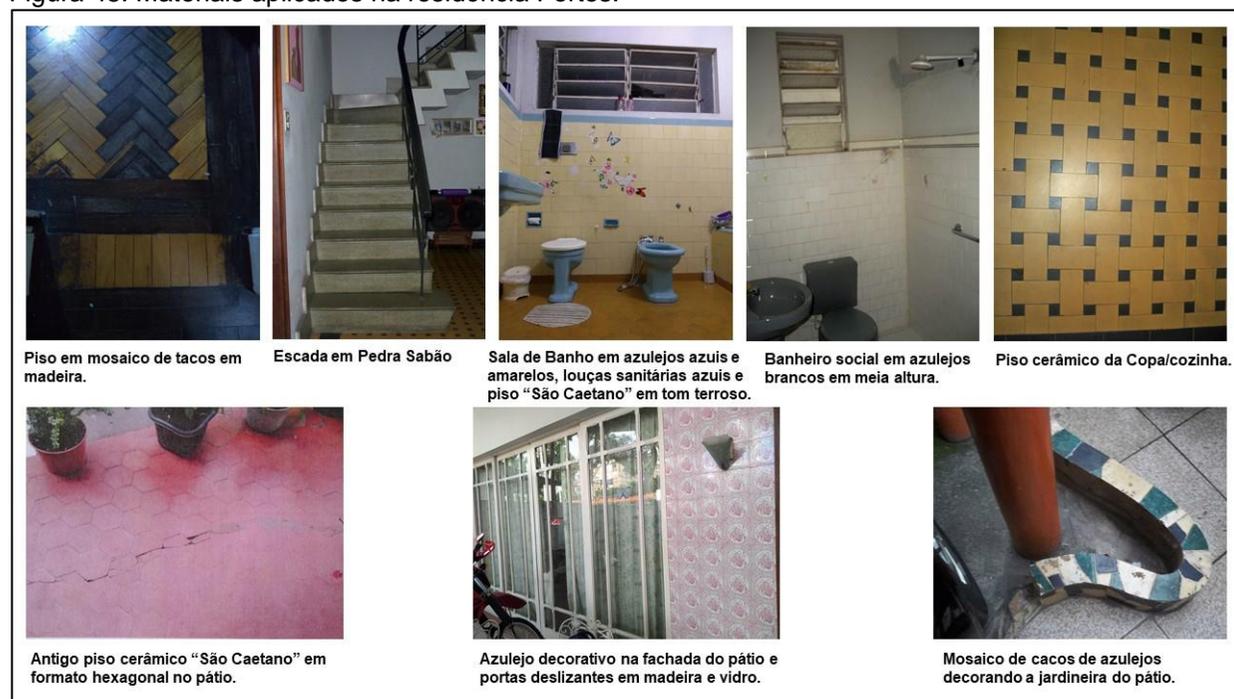
Estrutura em concreto armado e paredes em alvenaria de 20 centímetros de espessura em média. Os materiais empregados externamente, com pintura na cor branco e azulejos na parede do pátio de entrada com piso São Caetano. Internamente, a sala de visitas, o estar/gabinete e o

quarto/leitura possuem piso em mosaico de tacos de madeira; na copa/cozinha piso cerâmico com desenhos de quadrados e o banheiro em piso cerâmico e azulejos na parede, em meia altura, na cor branco. A escada e soleiras em pedra sabão. No segundo pavimento, há piso em mosaico de tacos de

madeira em todos os quartos, os pátios são em piso São Caetano vermelho e a sala de banho é em revestimento de azulejos em amarelo e azul à meia altura com louças sanitárias em azul, e piso São Caetano amarelo. Segundo o proprietário, a casa tinha uma cor de parede para cada ambiente. O programa arquitetônico apresenta necessidades individualizadas, como quarto de leitura e gabinete com

banheiro particular, há integração entre o social e serviços e acesso para íntimo. Este é um diferencial no projeto para um partido arquitetônico relativamente menor que o usual para a época, apesar de que havia um terreno bastante extenso, segundo o proprietário, que talvez justifique as seguidas reformas e ampliações no decorrer das décadas.

Figura 48: Materiais aplicados na residência Fortes.



Fonte: Rodrigo de Lima e Myriam Fortes (2019).

### 4.2.3 Residência Fonseca

A residência Fonseca, atribuída aos anos 1960, localiza-se na rua do Arsenal, número 885, na porção final do bairro da Cidade Velha. Possui posicionamento privilegiado em uma esquina com a passagem Da Luz em frente à praça do Arsenal que proporciona melhor contemplação do edifício da fachada principal e fachada lateral. O edifício de dois pavimentos utiliza a porção retangular mais à direita do lote deixando a parte com formato irregular para o quintal. Os acessos a pedestres pelo portão de gradil baixo para pátio, que por vezes serve como garagem e jardim frontal.

A organização espacial no térreo se inicia por três portas no pátio, a primeira dá acesso ao quintal; a segunda, à sala de jantar e a terceira à sala de estar ou sala de visitas. O setor social é formado pelas salas de estar e de jantar, seguidas por *hall* de escada e banheiro social, à direita do *hall* o dormitório de empregados. Logo após o banheiro social, há o setor de serviços com cozinha com acesso ao quintal,

neste, ao fundo, há um anexo com depósito e área de serviço com banheiro. Retornando à escada que dá acesso ao segundo pavimento, com *hall*, que dá acesso ao corredor para dormitório, de filhos e do casal, à sala de banho e ao pátio posterior. Os dormitórios têm acesso ao pátio frontal ou varanda.

Os materiais utilizados, estrutura em concreto, paredes em alvenaria e pela espessura em média de 20 centímetros das paredes podemos inferir o posicionamento de tijolos a singelo, e a cobertura em telhado em telhas cerâmicas. Esquadrias em vidro e madeira que recebem venezianas. Acabamentos externos, atualmente, em pintura em cor rosa claro e detalhes em amarelo em tom terroso e os acabamentos internos com piso em régua de madeira de lei no setor social e nos dormitórios, azulejos e piso cerâmico na cozinha, área de serviço e sala de banho. Soleiras de portas, janelas e escada e pedra sabão e forro em laje pintada na cor branco.

Figura 49: Plantas baixas e setorização da Residência Fonseca



Fonte: Rodrigo de Lima, Ronaldo Moraes e Rafaelle Navegantes (2019).

Figura 50: Materiais aplicados na residência Fonseca.



Fonte: Rodrigo de Lima (2019).

A residência Fonseca tem seu partido arquitetônico em volume único e os aspectos formais presentes na fachada são no pavimento térreo, os pilares têm formato triangular que avançam um eixo à frente da linha de fachada e, desse modo, os elementos sobressaem do alinhamento das lajes e pilares. Outro aspecto importante é o gradil do guarda-corpo da varanda superior com desenhos que remetem aos pilares do Palácio da Alvorada.

O programa arquitetônico com utilização de *halls* conectando os ambientes em vez de corredores longos o *hall* da escada que interliga o setor social com o de serviço e acesso ao segundo pavimento, onde se encontra o setor íntimo. Essa integralidade é também notada pelos acessos por portas que permitem a entrada nos ambientes integrados, por exemplo, as salas de estar e jantar. Há utilização maior de janelas e basculantes para ventilação e iluminação interna.

Figura 51: Fachadas da Residência Fonseca



Fonte: Rodrigo de Lima, Ronaldo Moraes e Rafaele Navegantes (2019).

#### 4.2.4 Residência Sodré

A residência Sodré é datada de 1962, segundo o Sr. Florival Sodré Sobrinho, filho do autor e primeiro proprietário. A residência localiza-se na rua Avertano Rocha, número 358, esquina com a travessa São Pedro no bairro da Campina. A autoria deve-se ao Sr. Florival Sodré, oficial do Exército, que tinha muita habilidade com desenho e construiu a residência com o auxílio de um mestre de obras.

O lote apresenta testadas de 15 metros lineares na principal e 22 metros lineares na lateral. A ocupação no lote é distribuída em três volumes: o do edifício residencial, garagens e edifício de serviços, ocupando em torno de 65% do lote e as áreas livres são os recuos frontal e laterais, há circulação entre o edifício residencial e de serviços e quintal, dando um maior protagonismo ao edifício.

O acesso principal de pedestres e automóvel é pela rua Avertano Rocha e há acesso de serviço pela travessa São Pedro, que atualmente também dá acesso a mais uma garagem.

A organização espacial é apresentada no térreo com acesso pelo pátio com três portas, uma para o afastamento lateral, outra para sala de jantar e, por último, uma sala de estar ou visitas. A sala de estar e a sala de jantar com o *hall* da escada são integrados, apesar de serem bem delimitados, que se integram também com a copa/cozinha onde apenas uma mureta subdividem os ambientes. Nesse setor de serviços, também há uma área com lavatório e banheiro, ao lado há um dormitório. A cozinha tem um acesso para o quintal com casa para cachorro e jardineiras; ao fundo, rente ao limite do lote há dependência de empregados com sala, banheiro, cozinha e quarto, ao lado da lavanderia. No segundo pavimento, existe um *hall* que também serve como gabinete que interliga os três dormitórios com banheiro, dois ao fundo com varanda e a do casal frontal com pequena varanda frontal e *closet*.

Figura 52: Plantas baixas e setorização da Residência Sodré



Fonte: Rodrigo de Lima, Ronaldo Moraes e Rafaelle Navegantes (2019).

A estrutura em concreto e paredes em alvenaria, com espessuras de paredes com medida de 20 centímetros. Os materiais empregados no acabamento externo foram a pintura e o painel de pedra São Tomé na garagem, havendo outro painel de baixo relevo e desenhos geométricos na parte frontal do pátio. Esse pátio mais internamente é revestido de ladrilhos com desenhos artísticos de estrela com piso em mármore. Os acabamentos internos com pisos em mosaicos de tacos de madeira no setor social, estar/jantar e escada e

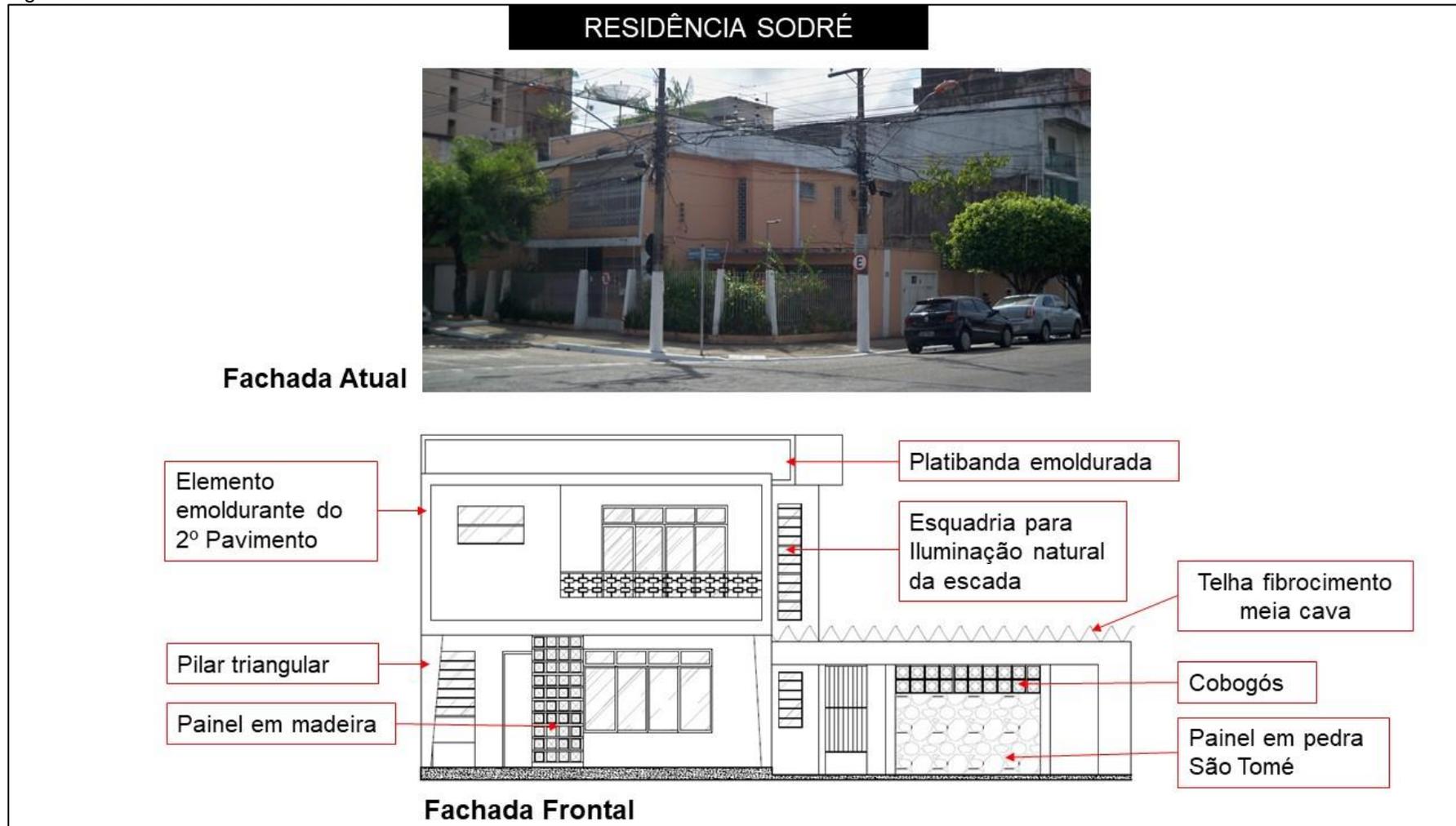
setor íntimo, dormitórios e *hall*/ gabinete no pavimento superior. O piso tem pedras de mármore em corte quadrado de 15x15cm na copa/cozinha, que é revestida em azulejo branco em meia altura. A residência apresenta também paredes com revestimentos em pintura, banheiros com louças nas cores azul, amarelo e lilás para cada uma das suítes combinando com os temas florais dos azulejos. Os pisos de recuos e do quintal são com mosaicos de pedaços de pedras em mármore e granitos.

Figura 53: Materiais aplicados na residência Sodré.



Fonte: Rodrigo de Lima (2019).

Figura 54: Fachada da Residência Sodré.



Fonte: Rodrigo de Lima, Ronaldo Moraes e Rafaella Navegantes (2019).

O partido arquitetônico do edifício residencial está disposto em três volumes, um mais à esquerda que alcança o limite do lote, outro apenas térreo, à direita, até o limite do lote e um posterior e centralizado. A composição exalta elementos estruturais, com pilares em formas geométricas triangulares em pilares do partido e no muro, além de enquadramentos de forma retangular do volume do segundo pavimento com balanço e recuo de platibanda.

Apresenta grandes aberturas frontais com esquadrias em madeira e vidro que promovem iluminação e ventilação, incluindo basculante em altura na escada, mas também portas em madeira deslizantes nos dormitórios. Elementos vazados, cobogós, na garagem e gradis no guarda-corpo da varanda e acompanhando algumas esquadrias.

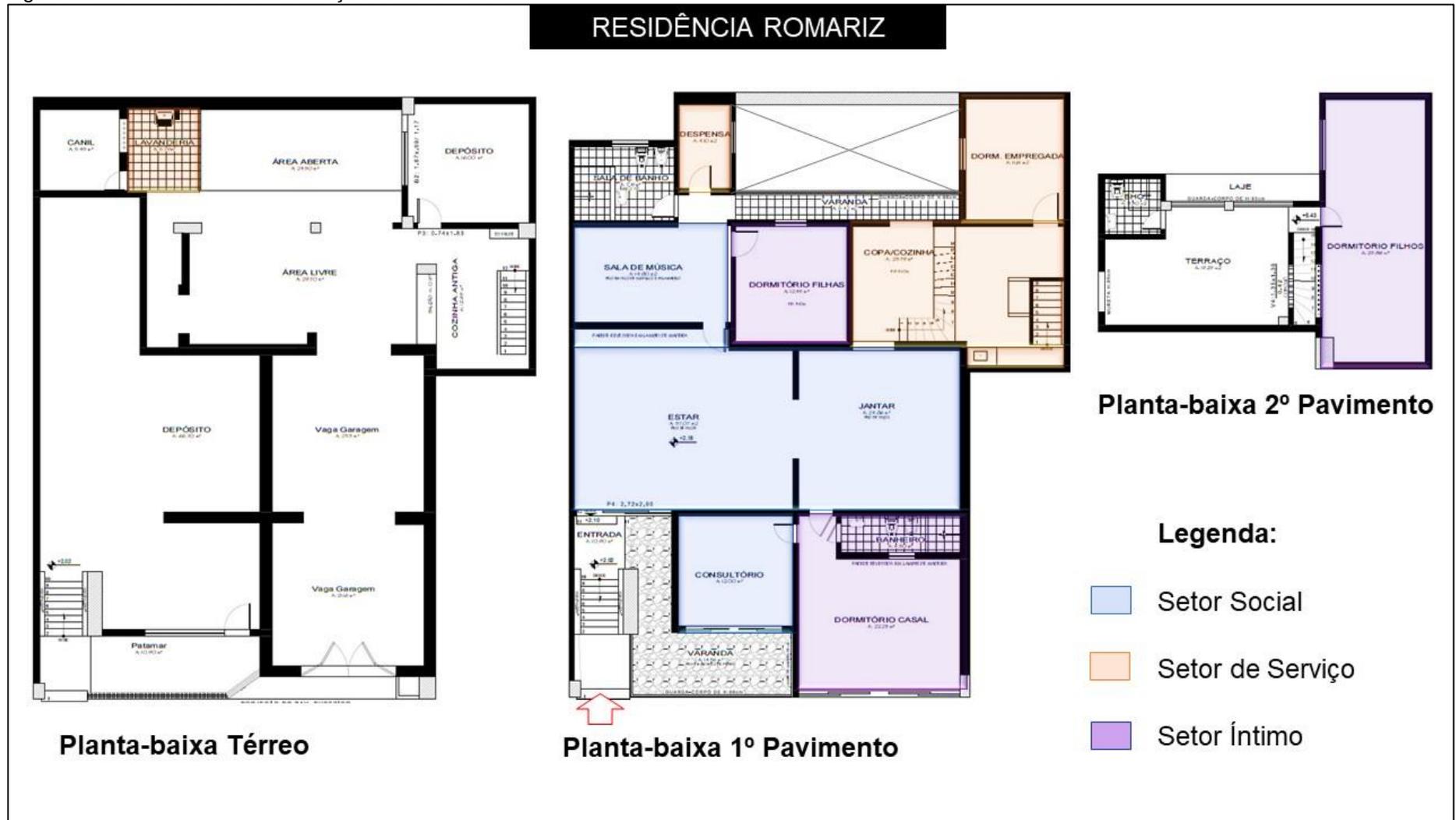
#### **4.2.5 Residência Romariz**

A residência Romariz está localizada na travessa Doutor Moraes, número 34, entre as avenidas Nossa Senhora de Nazaré e Governador José Malcher, no bairro de Nazaré, no entorno da praça da República e quase de esquina com o palacete Bolonha. Segundo o proprietário, essa residência é da década de 1960 e foi um processo de construção lento,

por fases, pois antes era uma casa em estilo eclético similar às demais da rua, relatou o desejo do pai em atualizar a sua residência. Isso aponta que essa residência foi um exemplo de “destruição criativa” (HARVEY, 2006) para o estilo de vida moderno, com o projeto de desenhista Dimitri Romariz, irmão do proprietário, e execução do engenheiro civil e arquiteto Milton Monte, amigo da família.

O partido arquitetônico do edifício é com três pavimentos, o térreo abriga a garagem para dois automóveis, dois depósitos, um canil desativado, uma cozinha da antiga residência com escada de acesso para o primeiro pavimento. Da via avistam-se os acessos ao primeiro pavimento e principal por uma escadaria da antiga casa que foi preservada que se chega a um patamar de entrada, à direita há uma varanda que dá acesso a outro ambiente que era utilizado como consultório médico pelo pai do proprietário. Uma grande porta deslizante dá acesso a uma ampla sala de estar integrada a sala de jantar; desta, podemos acessar a copa/cozinha e a porta do dormitório do casal com banheiro, este dormitório tem vista para via e acesso interno ao consultório.

Figura 55: Plantas baixas e setorização da Residência Romariz



Fonte: Rodrigo de Lima, Ronaldo Moraes e Rafaelle Navegantes (2019).

Na copa/cozinha temos os acessos à escada para o terceiro pavimento, à varanda dos fundos, ao dormitório de empregada e à escada para o térreo. A sala de estar também tem um acesso à sala de música com acesso ao dormitório das filhas, à sala de banho, à dispensa e à varanda dos fundos que interliga a copa/cozinha. Esta tem a escada de acesso ao terceiro pavimento onde se encontra o dormitório dos filhos e um terraço e banheiro.

A estrutura em concreto armado e paredes em alvenaria. Essa residência tem uma diversidade de materiais aplicados que demonstra a liberdade criativa do idealizador do projeto. Os acabamentos externos iniciando pela escada em pedra de ílios, o patamar térreo em pedra de mármore com contornos em piso em ladrilho hidráulico, a varanda da fachada em um piso preparado com misto de pedras de mármore, granitos e pedriscos. Os revestimentos externos aplicados são em pintura na cor branco e terracota, painel de azulejo laranja no térreo, painel de pedra São Tomé no peitoril da janela do dormitório do casal e painel de lambri pela parede divisória com a varanda, pilar destacado e jardineira em pedra.

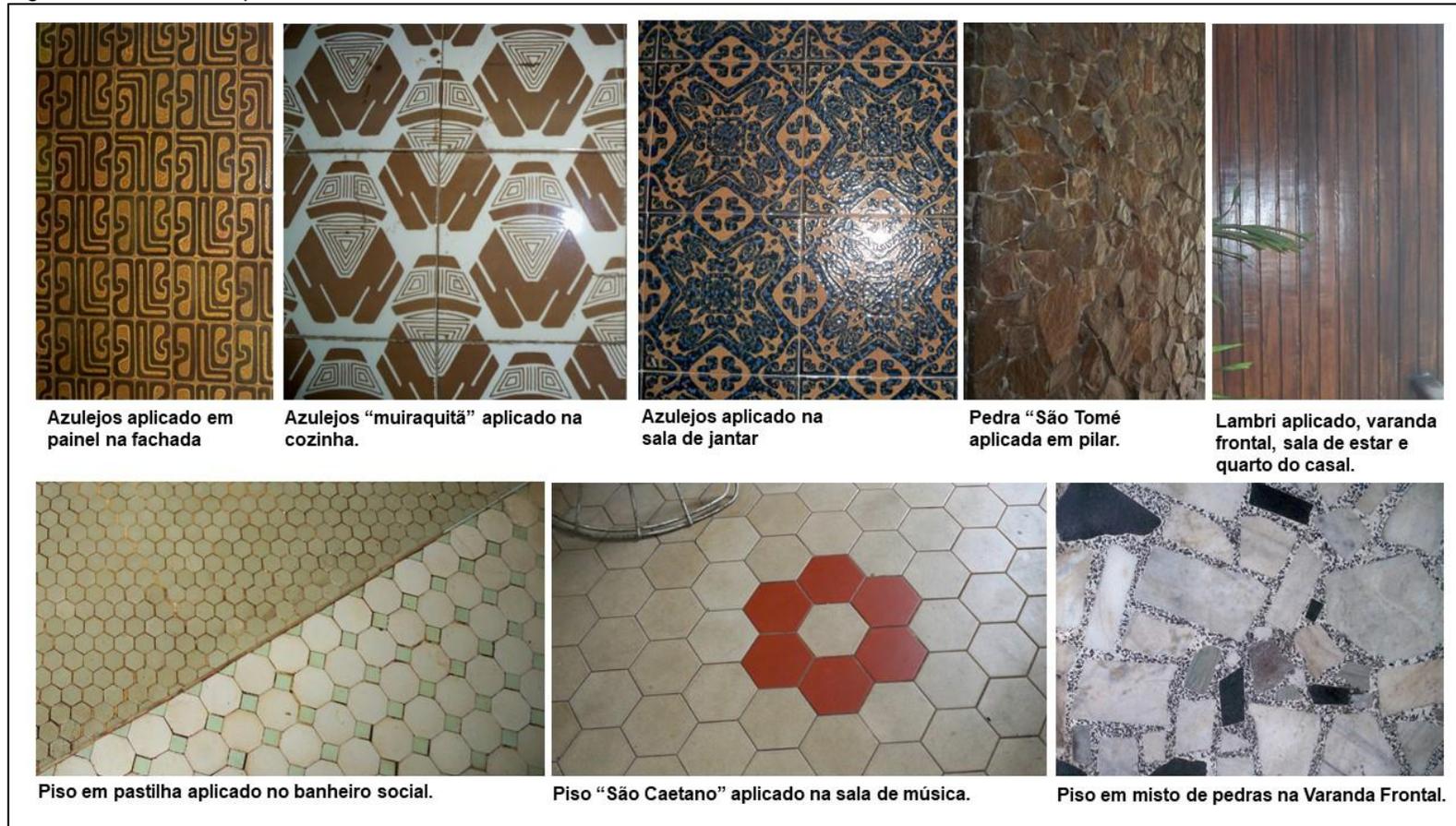
Nos acabamentos internos, destaque para o piso em mosaicos de tacos em madeira acapu e pau amarelo na sala de estar, jantar, dormitório das filhas, dormitório de empregada, dormitório do casal e consultório. Os revestimentos da sala de estar em painéis de lambri e outro em pedra em uma das paredes, o restante é em pintura; a sala de jantar com parede com composição de painel de azulejos, lambri e chapisco pintado. No dormitório do casal há revestimento em lambri que envolve todo o contorno da parede divisória do banheiro. Este tem aplicação de piso em mármore, paredes com azulejos brancos e parede do chuveiro com azulejos verdes, louças em cor-de-rosa e mais armário em pedra e prateleiras em mármore. O consultório tem pintura na cor branca.

A sala de música é em piso São Caetano na cor bege e detalhes na cor vermelho, as paredes revestidas em azulejos cor-de-rosa e painel com azulejo decorativo em marrom. A sala de banho com piso em pastilhas cerâmicas brancas e verdes na área do chuveiro e pastilhas menores na cor verde, as paredes em azulejo azul em altura de meia parede e louças em cinza. O dormitório das filhas em pintura na cor

branca, indo pela varanda dos fundos com piso São Caetano vermelho, na copa/cozinha com piso cerâmico e toda revestida de azulejo com desenhos de muiraquitã (sapo) na cor marrom, o diferencial no local do fogão com muretas

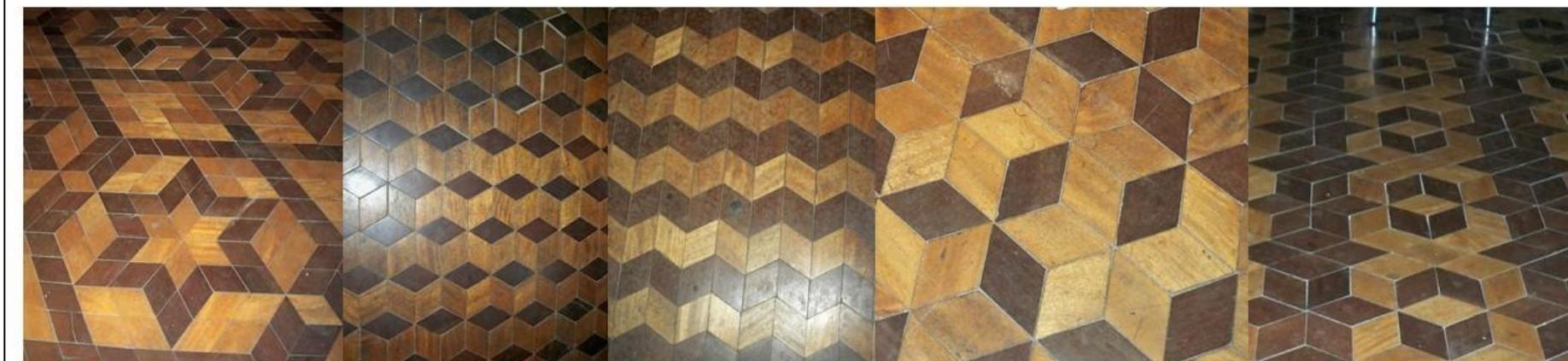
laterais de apoio e painel que faz referência a uma chaminé em pedra São Tomé com complemento da parede em azulejo na cor verde.

Figura 56: Materiais aplicados na residência Romariz.



Fonte: Rodrigo de Lima (2019)

Figura 57: Pisos em madeira aplicados na residência Romariz.



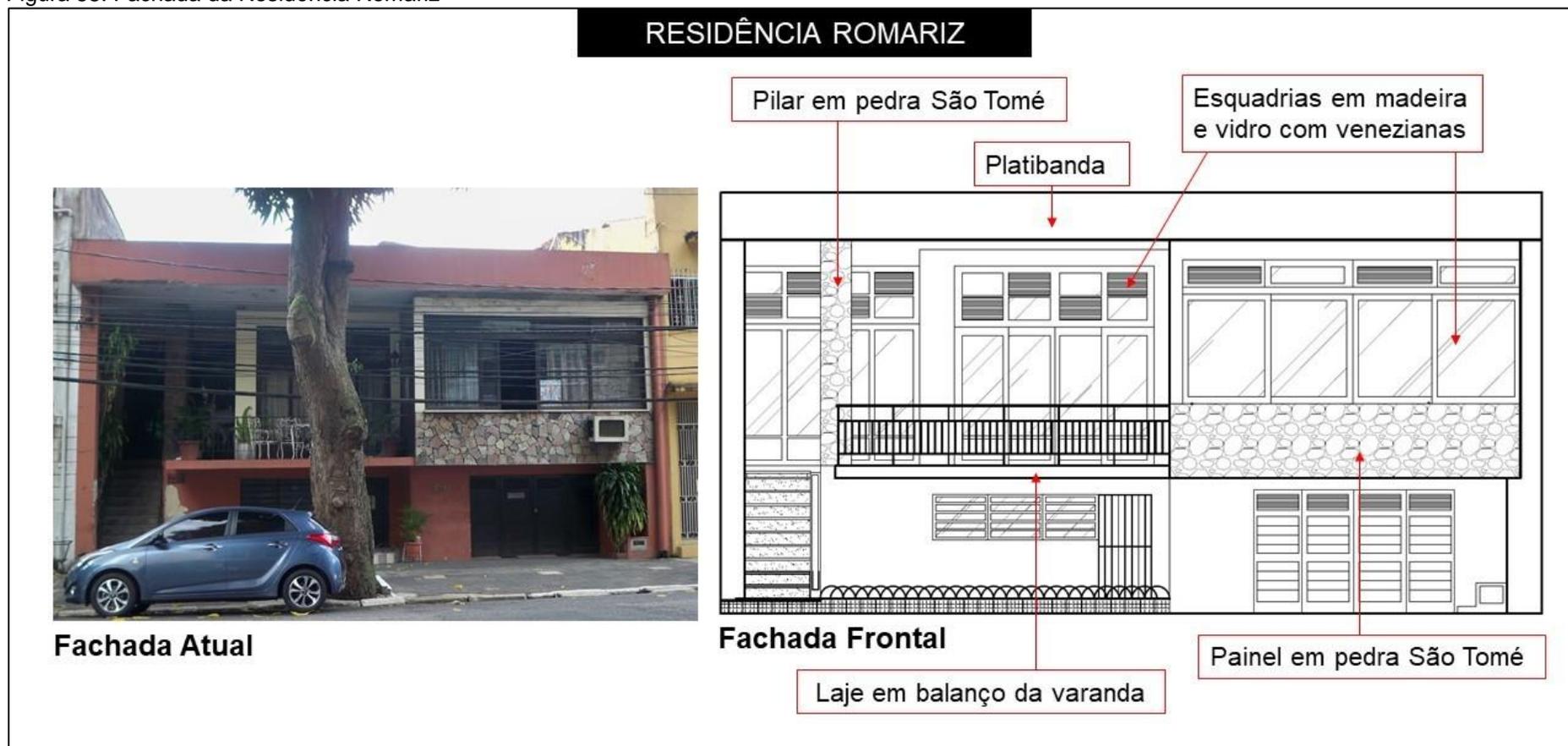
Variedade de mosaicos de tacos em madeira que foram aplicados no setor social e íntimo.

Fonte: Rodrigo de Lima (2019)

A escada de acesso ao terceiro pavimento foi aproveitada da antiga casa, deslocada da sala de jantar para a cozinha, em madeira com detalhes modernos em barras de ferro como leques. O dormitório dos filhos com assoalho em madeira, paredes em pintura na cor branco com cobogós e forro em madeira. O terraço e banheiro em piso São Caetano vermelho e revestimento em azulejo e louças em branco. Nas esquadrias em sua maioria deslizantes em madeira e vidro com aplicação de venezianas nas bandeiras.

O partido arquitetônico ocupa praticamente todo o lote com pequenos afastamentos frontal e posterior, a relação de cheios e vazios na fachada prevalece pelos três planos de paredes, mais à frente do dormitório do casal intermediário do consultório e a da entrada da sala de estar. Há um pequeno avanço da platibanda com os apoios de pilares laterais bem marcados, além da bela linha de laje da varanda em balanço até a chegada do pilar mais central.

Figura 58: Fachada da Residência Romariz



Fonte: Rodrigo de Lima, Ronaldo Moraes e Rafaele Navegantes (2019).

O programa arquitetônico não está bem setorizado, pois em se tratando do setor íntimo, este está totalmente fragmentado, apesar de haver ausência de circulação e

interligação dos ambientes. Isso demonstra caráter experimental no programa e também na aplicação dos acabamentos.

#### 4.2.6 Residência Avelino e Cabral

A residência Avelino e Cabral é um escritório de arquitetura desde 1983 quando foi comprada pelos sócios, naquela época estava em total abandono sendo que boa parte foi reformada e uma redistribuição de uso dos ambientes foi realizada para a nova função do edifício conservando, assim, a estrutura do programa original. Os proprietários não souberam informar o ano de construção do edifício. Este se encontra na travessa Rui Barbosa, número 486, no bairro do Reduto. O entorno ainda carrega o histórico do passado fabril do bairro, com lotes de testadas estreitas, mas atualmente é bastante cobijado pelos empreendimentos de comércio e serviços, requalificando residências e antigas fábricas.

O acesso único da residência se dá pela travessa Rui Barbosa, pela antiga garagem, que foi transformada em recepção, à frente dela há uma área de ventilação. Segue-se para uma porta que dá acesso à confluência entre as salas de visitas e de jantar com escada de acesso ao pavimento superior; mais adiante há uma antiga copa/cozinha com acesso ao quintal com depósito que, provavelmente, seria

dormitório de empregada, há ainda área de serviços e banheiros. No segundo pavimento, há um *hall* que interliga os dois dormitórios; ao fundo, uma sala de banho e o dormitório de casal à frente com banheiro privativo. Devido a essas informações o programa moderno foi preservado.

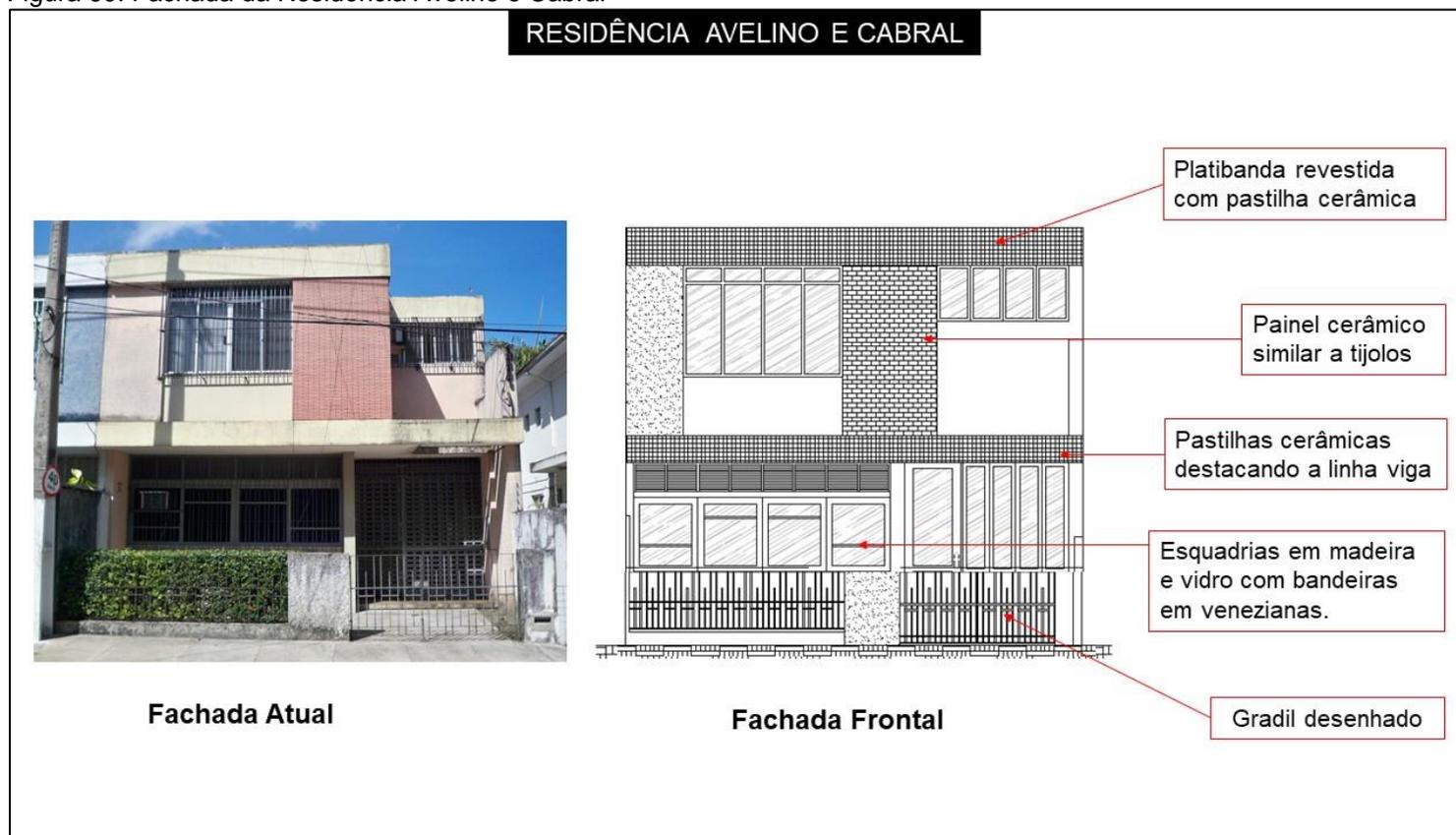
Segundo levantamento passado pelos proprietários há informação de que a parte frontal (garagem, sala de visitas, dormitório e banheiros do pavimento superior) possui laje em concreto; no restante, há estrutura e assoalho em madeira. Os materiais de acabamentos foram renovados com a reforma anteriormente relatada. Apenas as esquadrias em madeira e vidro e os materiais aplicados na fachada são originais, no caso, a textura em chapisco pintado, revestimento cerâmico similar a tijolos e pastilhas cerâmicas, o jardim frontal também foi preservado. Destaque para os desenhos do gradil da mureta e do portão de entrada em ferro no limite frontal do lote. Não foram autorizadas fotografias internas do exemplar residencial, porém foram fornecidas plantas baixas dos dois pavimentos.

Figura 59: Plantas baixas e setorização da Residência Avelino e Cabral



Fonte: Rodrigo de Lima, Ronaldo Moraes e Rafaelle Navegantes (2019).

Figura 60: Fachada da Residência Avelino e Cabral



Fonte: Rodrigo de Lima, Ronaldo Moraes e Rafaele Navegantes (2019).

O partido arquitetônico em dois volumes, um maior e à frente e um mais estreito e recuado, interligados por uma marquise. O segundo pavimento, mais à frente, há um pequeno balanço de onde parte a marquise. No térreo há

apenas a evidência de pilares estruturais que sustentam o volume do segundo pavimento com pequeno ressalto da linha de platibanda.

#### 4.2.7 Residência Costa

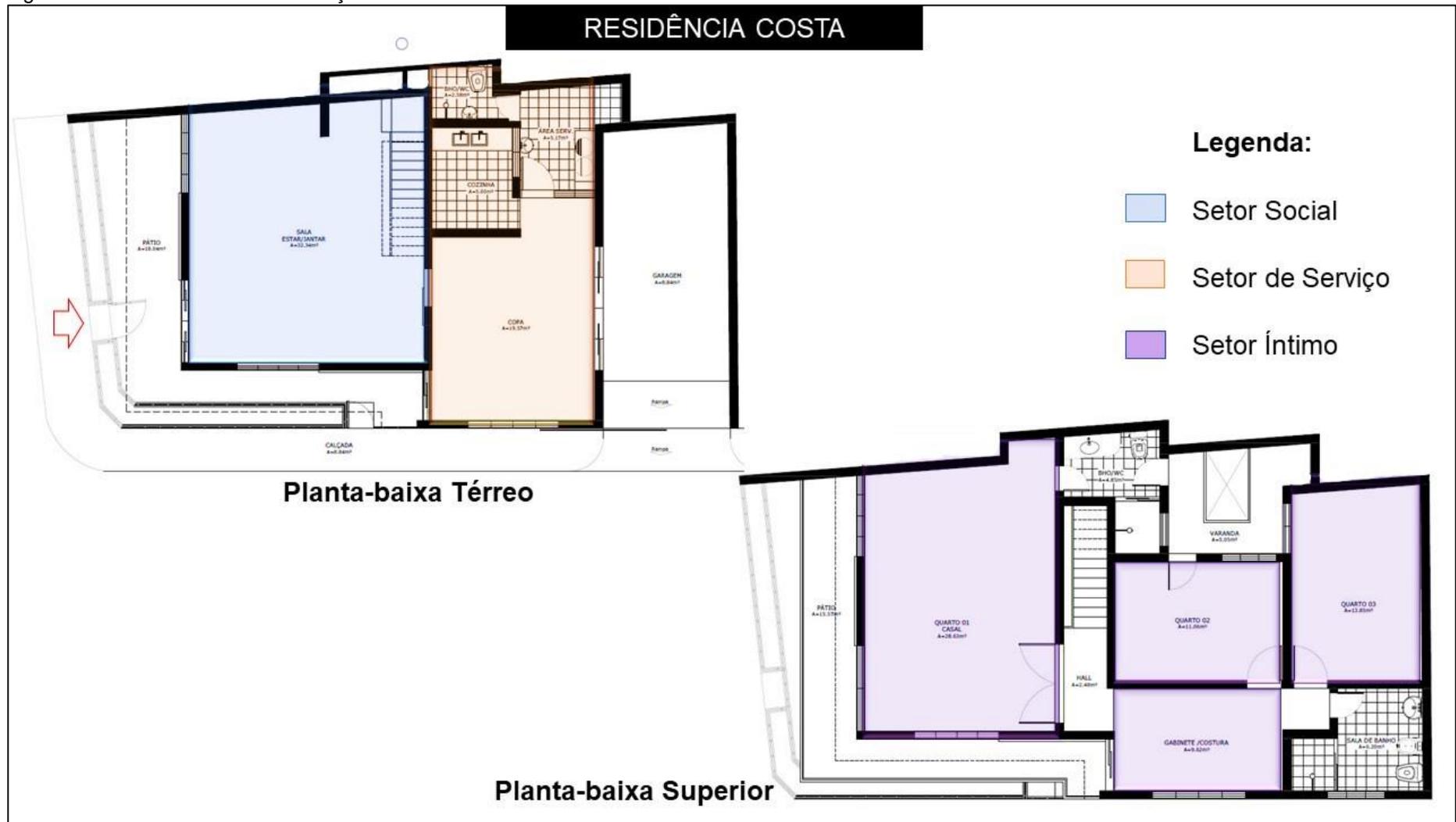
A residência Costa, de 1969, localiza-se na rua Dr. Malcher, número 376, esquina com a travessa Capitão Pedro Albuquerque, e contrasta com o entorno de residência dos séculos XII, XIII e XIX, mais presentes no bairro histórico da Cidade Velha. Além do contraste de estilo arquitetônico, há também em relação à escala, materiais empregados e recuos do edifício de dois pavimentos ocupando quase a totalidade do lote.

O acesso principal se dá pela rua Dr. Malcher e os acessos de serviços e garagem pela travessa Cap. Pedro Albuquerque. No térreo, a porta principal abre para a sala de estar/jantar onde podemos visualizar a escada de acesso ao segundo pavimento, seguindo para uma porta ampla para a copa/cozinha e também a área de serviço com área de ventilação e banheiro, após este, acesso à garagem. No segundo pavimento, acessado pela escada, há um *hall* que

também serve como escritório e costura, com três quartos sendo o do casal, uma suíte e uma sala de banho, há outro acesso à sacada que cerca em “L” o quarto do casal.

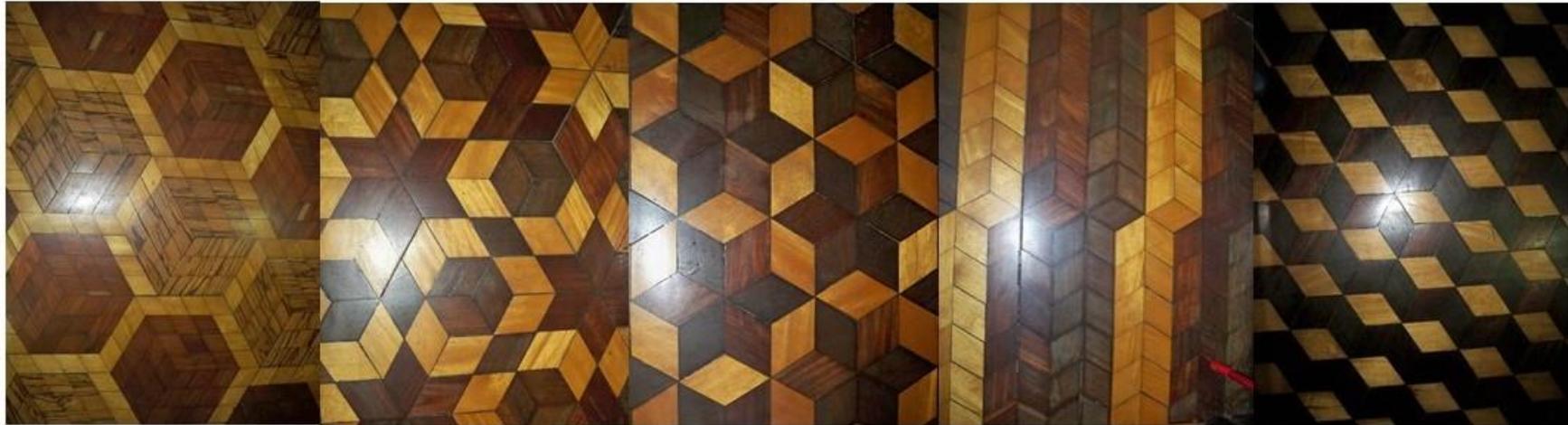
A estrutura do edifício é em concreto armado e paredes em alvenaria de 20 centímetros em média com tijolos a singelo. Os materiais empregados nos ambientes internos como nos pisos do setor social, sala de estar/jantar, e setor íntimo, quartos e *hall*, são em mosaico de tacos em madeira em que cada ambiente apresenta um desenho. Há pisos cerâmicos e azulejos revestindo paredes de piso a teto na copa/cozinha e na sala de banho. Há acabamentos externos em pintura em boa parte do edifício, com painéis verticais em pedra São Tomé em espaços entre esquadrias, estas em alumínio e vidro com bandeira com venezianas. Foi empregado também painel de revestimento cerâmico similar a tijolos aparentes entre os acessos de serviços e elemento compositivo retangular do partido arquitetônico no limite entre lotes com acabamento em emboço e pintado.

Figura 61: Plantas baixas e setorização da Residência Costa



Fonte: Rodrigo de Lima, Ronaldo Moraes e Rafaelle Navegantes (2019).

Figura 62: Materiais aplicados na Residência Costa.



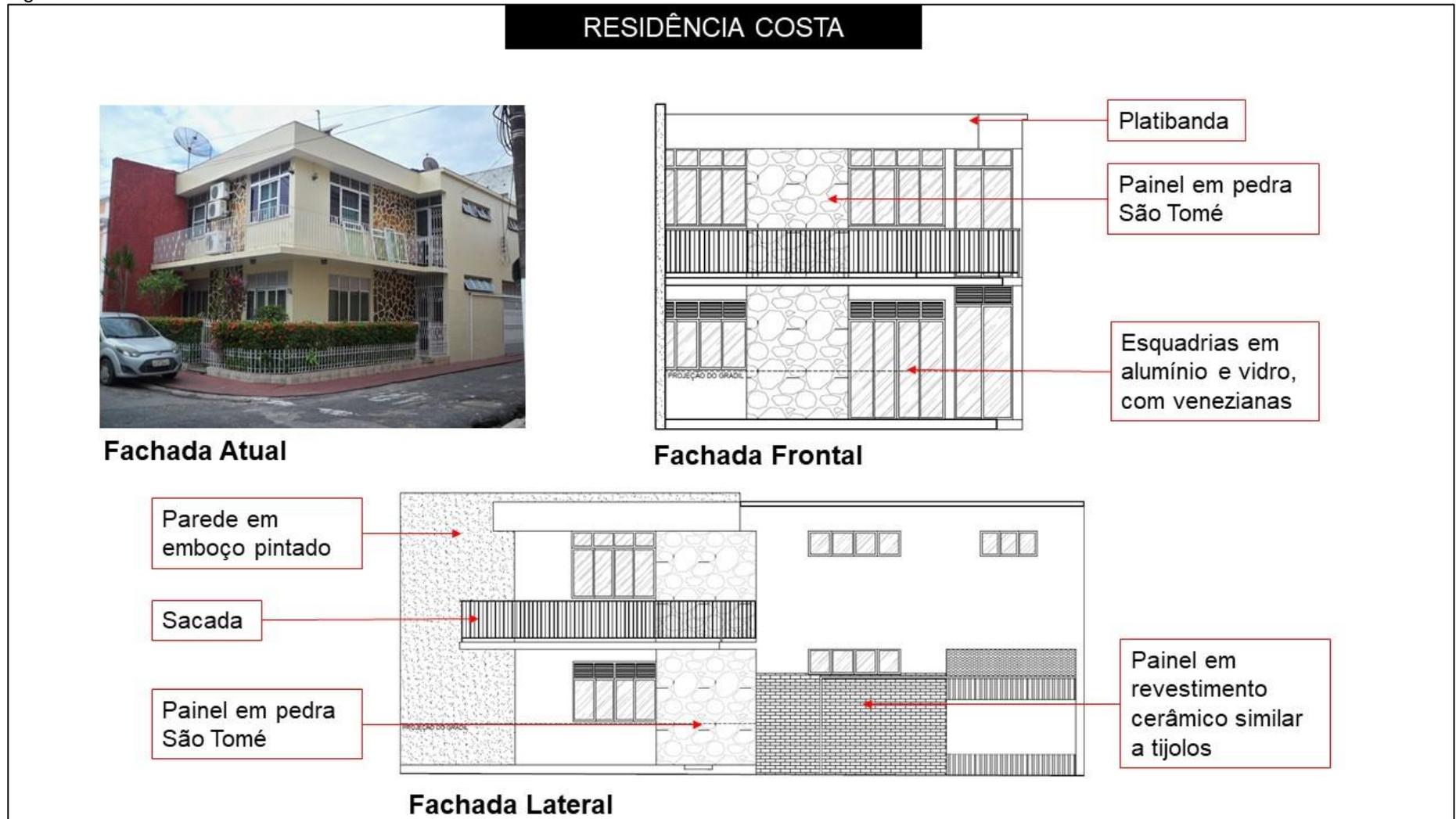
**Variedade de mosaicos de tacos em madeira que foram aplicados no setor social e íntimo.**



**Revestimentos externos em pedra “São Tomé”, cerâmicos similar a tijolos (atualmente pintado) e emboço pintado.**

Fonte: Rodrigo de Lima (2019).

Figura 63: Fachadas da Residência Costa



Fonte: Rodrigo de Lima, Ronaldo Moraes e Rafaelle Navegantes (2019).

O partido arquitetônico é composto de três planos, um elemento retangular em altura, o primeiro volume com sacada e varanda externas e o segundo volume do setor de serviços e *hall* e sala de banho nos limites do lote. Os recuos, um total e frontal, e outro parcial e lateral, todos com jardins dão ao edifício a contemplação total para o transeunte no sentido da via Dr. Malcher. Destaque para o alinhamento vertical com elemento estrutural nos limites do lote pela via Dr. Malcher e linhas horizontais com sacada e avanço de platibanda. Além das aberturas com mais de uma em alguns ambientes que proporcionam ventilação e iluminação natural.

#### **4.2.8 Residência Couceiro**

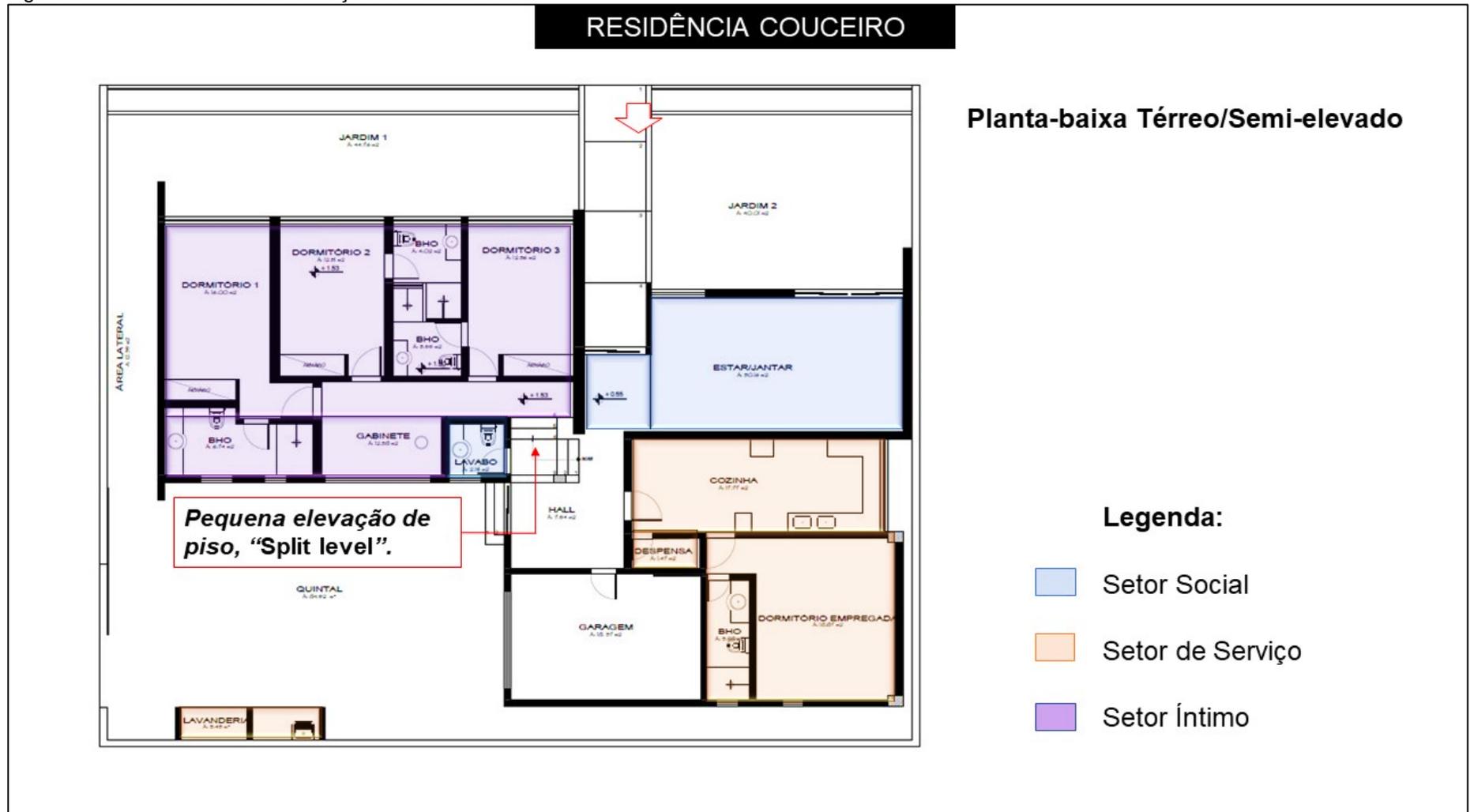
A residência Couceiro está localizada na avenida Engenheiro Fernando Guilhon, número 1425, esquina com a alameda Rodrigo Apinajés, no perímetro da travessa dos Apinajés e da travessa Padre Eutíquio, no bairro de Batista Campos, com o entorno predominantemente residencial.

O partido arquitetônico tem dois volumes a partir da elevação de nível do terreno em relação ao passeio público. Um dos volumes se encontra no térreo e mais recuado, e o outro volume é semi-elevado e mais à frente, os dois volumes

em planta formam um “L”. O edifício tem o acesso de pedestres pela Avenida Eng. Fernando Guilhon e acesso de veículos pela alameda Rodrigo Apinajés.

A organização espacial inicia com os recuos com dois jardins, um de cada lado da escadaria que conduz ao acesso principal para a sala de estar e jantar, em seguida, há uma escada para o semi-elevado, seguindo-se um *hall* com acessos à cozinha, ao quintal e a garagem. A cozinha tem acessos a uma pequena despensa e ao quarto de empregada com banheiro. Há uma pequena escada que conduz para o pavimento semi-elevado e setor íntimo da residência tem um patamar intermediário com acesso ao lavabo, seguindo para o *hall* com escritório, onde se tem acesso aos três quartos, sendo todos suítes. Os banheiros, de dois dormitórios, são encaixados de forma que há uma ventilação entre os banheiros e apenas um deles tem ventilação natural. Há uma pequena elevação de piso que não caracteriza um pavimento, mas uma setorização do programa de arquitetura, chamada de *split level*, já percebida nos estudos de Chaves (2008) em residência projetada pelo engenheiro e arquiteto Camilo Porto de Oliveira.

Figura 64: Plantas baixas e setorização da Residência Couceiro



Fonte: Rodrigo de Lima, Ronaldo Moraes e Rafaelle Navegantes (2019).

Os materiais aplicados externamente são em pintura na cor branco e amarelo por todo o partido, também há um painel em baixo relevo com forma tridimensional aplicado na parede externa da sala de estar/jantar no intervalo entre as esquadrias, estas últimas são em alumínio e vidro, as janelas são com folhas inteiras com aplicação de venezianas. Houve pavimentação de área gramada parcialmente nos jardins frontais e totalmente no quintal.

Internamente, na sala de estar/jantar até o *hall*, o piso era mosaico de tacos de madeira que foi substituído por

porcelanato, segundo relato da proprietária; as soleiras e o piso da escada eram em mármore. A cozinha tem piso cerâmico e revestimento cerâmico de piso a teto. O dormitório de empregada, com banheiro, e a garagem já foram reformados recentemente com pisos cerâmicos e pintura na cor branco. O setor íntimo, o *hall*/escritório e os dormitórios são em piso cerâmico e revestimento em pintura na cor branco; os banheiros, em piso cerâmico e revestimento em azulejos de piso a teto, todos com bancada em mármore.

Figura 65: Materiais aplicados na Residência Couceiro.



Escadaria de entrada em granitos.

Escada interna e pisos do setor íntimo em mármore.

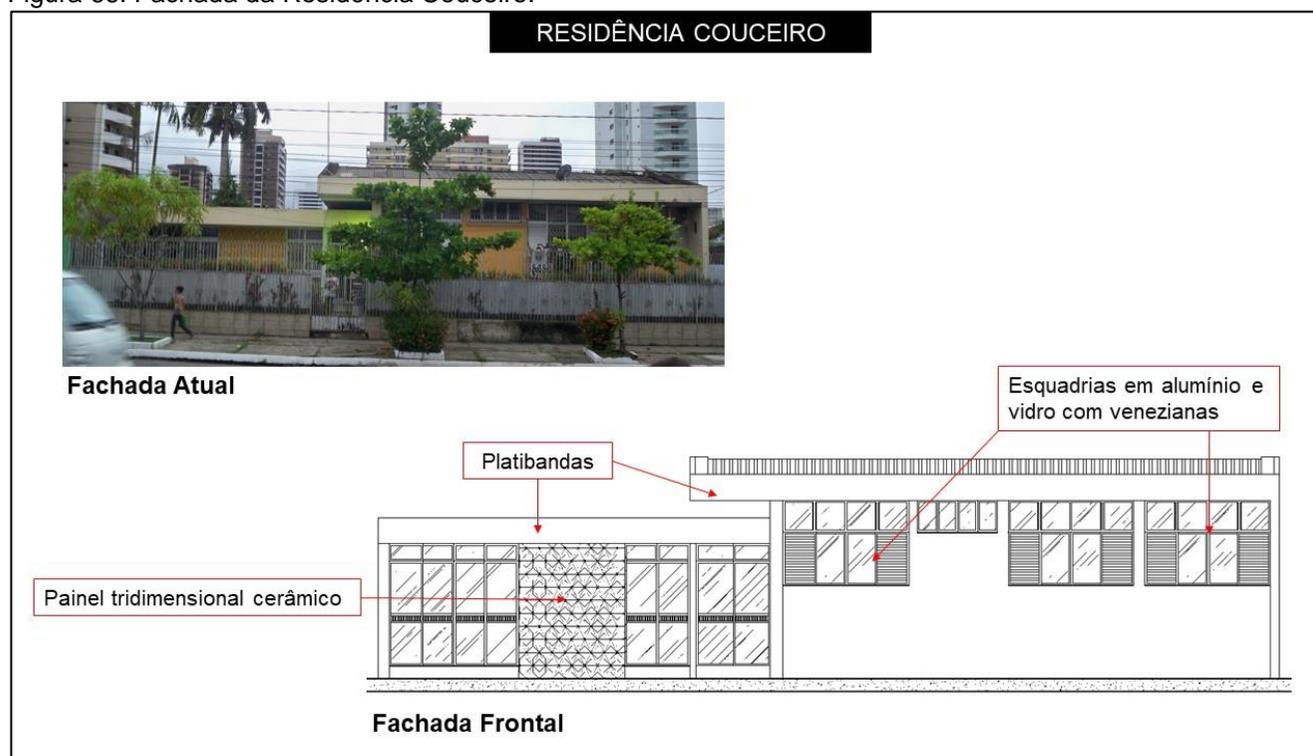
Painel cimentício pintado em volume tridimensional na fachada principal

Fonte: Rodrigo de Lima (2019)

O programa arquitetônico é setorizado por nível, o primeiro com setor social seguido do de serviços, onde o fluxo de pessoas ocorre naturalmente, sem corredores. No de serviços, há uma novidade do distanciamento da área de serviços do partido arquitetônico, posicionada nos fundos e no

meio do quintal em dois pequenos módulos de concreto, um para a máquina de lavar e tanque e outro como armário. O setor íntimo usa o recurso da elevação de piso que o reserva do restante do programa.

Figura 66: Fachada da Residência Couceiro.



Fonte: Rodrigo de Lima, Ronaldo Moraes e Rafaelle Navegantes (2019).

#### 4.2.9 Residência Dopazo

A residência Dopazo localiza-se na rua Diogo Moia, número 853, em uma área do bairro do Umarizal ainda de residências unifamiliares, com projeto arquitetônico de 1974 de autoria do arquiteto Delmar Castelo de Souza. O bairro do Umarizal é mais conhecido pelo processo de gentrificação urbana com construção de edifícios em altura, porém mais localizados na porção mais ribeirinha. A residência se destaca pelo lote maior que as demais e a elevação do primeiro pavimento, onde se encontra o acesso principal; há outro acesso para o terreno com entrada para veículos.

O partido arquitetônico em pavilhão único, na porção frontal e menor ocupa toda a seção transversal se limitando apenas até o limite da garagem coberta. O edifício se comporta mais longitudinalmente na distribuição de seus ambientes com afastamentos laterais e o posterior.

O acesso inicia pela escadaria para o nível do pátio de entrada, onde há a porta do acesso a um *hall* de entrada e à direita deste há o lavabo e o gabinete, à esquerda há a

entrada para a copa/cozinha e para a sala de visitas. A copa/cozinha ampla, com despensa logo em seguida, também serve como circulação lateral que conduz à sequência após a sala de visitas, depois há o jardim interno sobre a laje, até chegar ao estar íntimo; neste, há uma escada de serviço para o térreo. Após estes, há um setor íntimo com apartamento do casal, nomenclatura do projeto para designar uma suíte, uma pequena circulação que chega ao um *hall*/costura que conecta aos três apartamentos, um logo após o do casal e dois ao fundo.

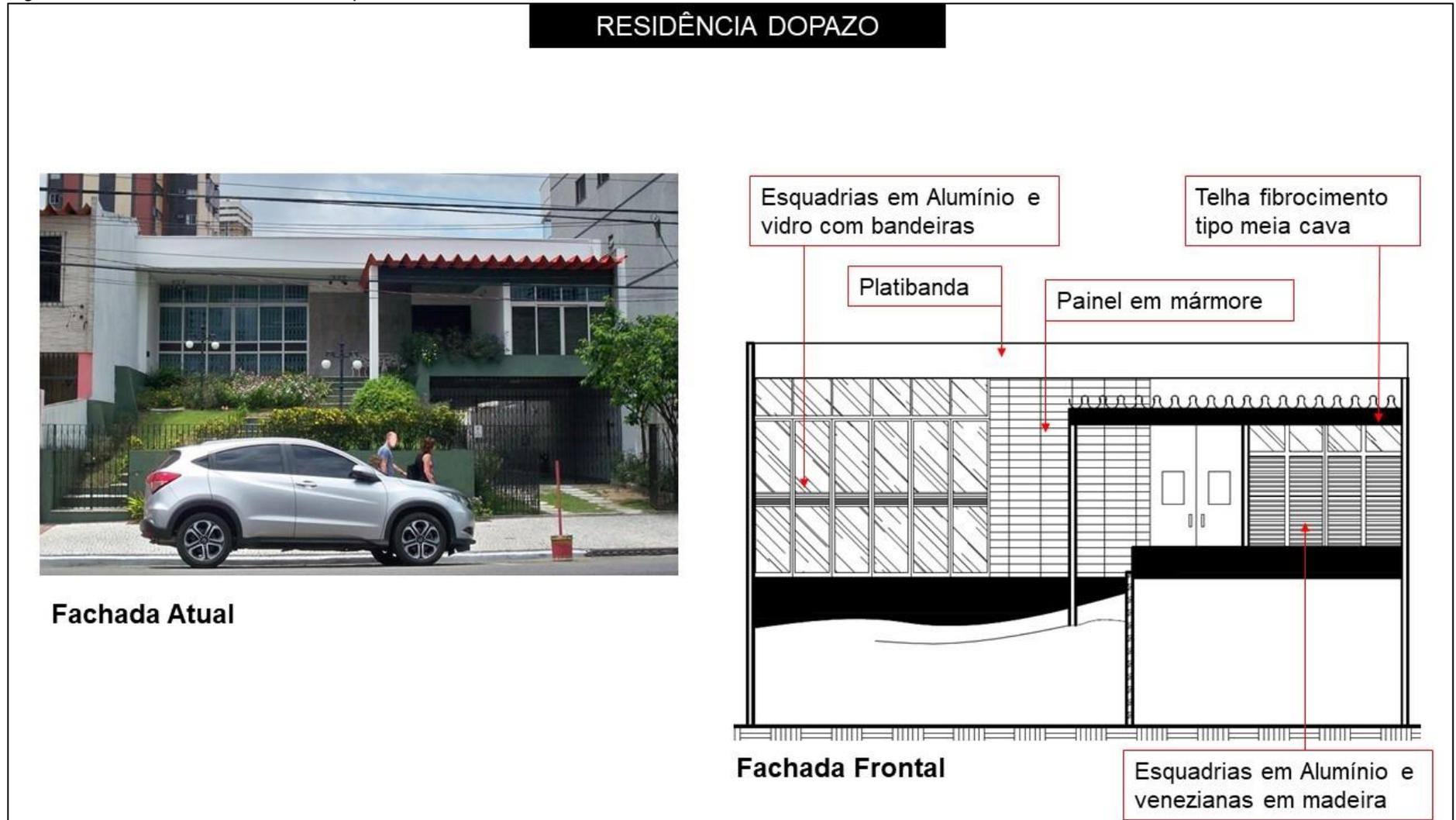
No térreo, há o acesso pela garagem para duas vagas com circulação lateral e afastamento com jardineiras. Além de acesso pela garagem e um depósito, chegando ao acesso de serviço; ao lado, um quarto e o dormitório de empregada com banheiro; em seguida, um amplo salão de jogos, lavanderia e o quintal. Posteriormente foi anexada ao projeto original uma boate na área de aterro lateral a garagem e *pateo*, e também, recentemente, apresenta uma área para churrasco no quintal.

Figura 67: Plantas baixas e setorização da Residência Dopazo



Fonte: Rodrigo de Lima, Ronaldo Moraes e Rafaelle Navegantes (2019).

Figura 68: Fachada da Residência Dopazo



Fonte: Rodrigo de Lima, Ronaldo Moraes e Rafaelle Navegantes (2019).

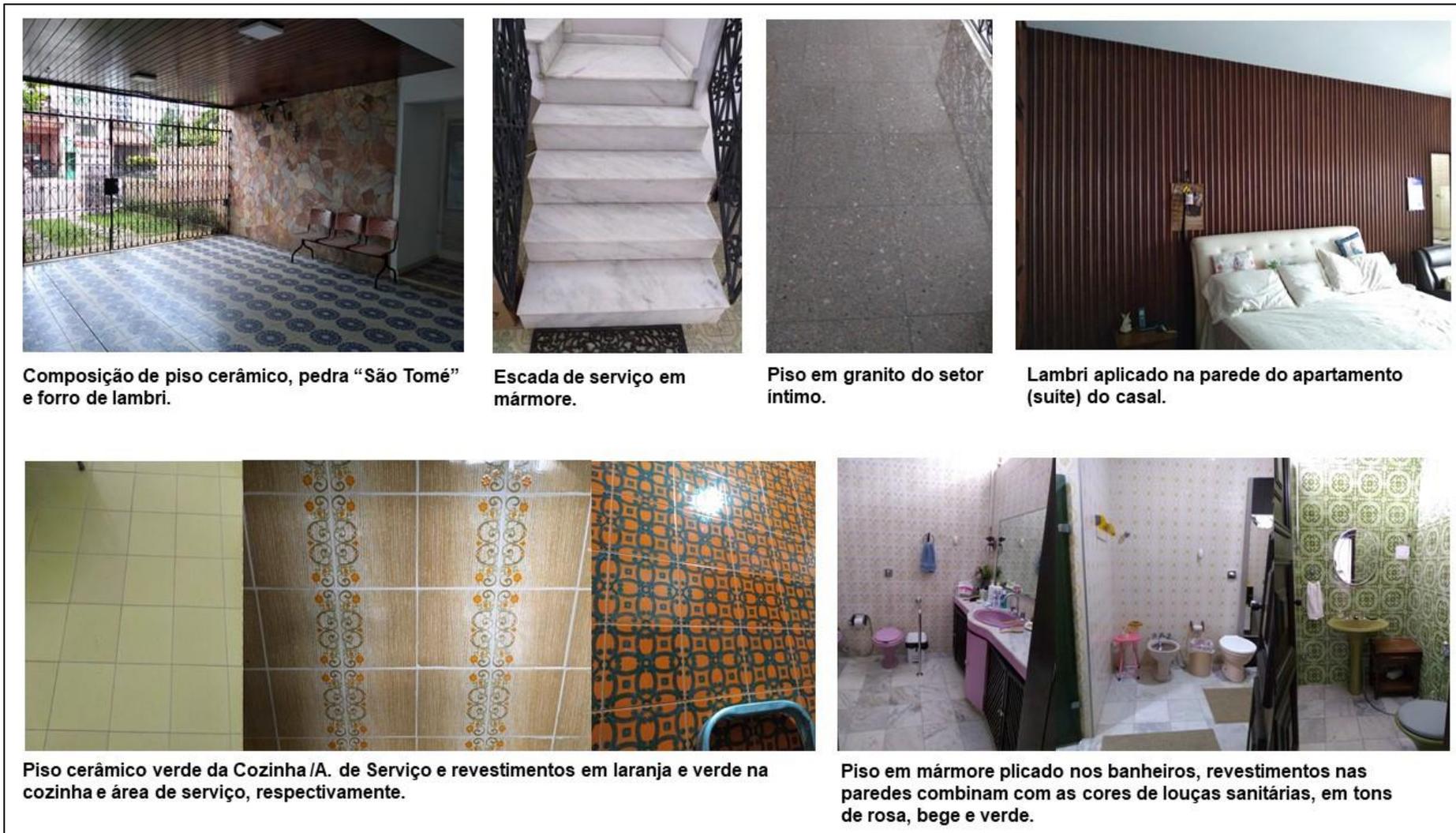
Os materiais empregados externamente são em sua maioria em pintura na cor branco e partes em verde na fachada. Esta ainda apresenta telha em fibrocimento pintada de laranja aparente sobre o pátio e gabinete como elemento compositivo da fachada, painel em mármore no intervalo entre esquadrias. As portas deslizantes em esquadria de alumínio e vidro da sala de visitas em vão de quase 5 metros lineares, a porta principal é em madeira de lei maciça e esquadrias do gabinete em alumínio e aplicação de venezianas em madeira em todas as folhas. Na entrada para a garagem, painel linear em pedra São Tomé que seguem internamente.

Os acabamentos internos na garagem, além da pedra São Tomé, são a pintura na cor branco, piso cerâmico com desenhos florais e forro em lambri. A boate é em madeira similar a tacos com bar interno em lambri e pintura em madeira. Esse piso em madeira está em todos os ambientes do térreo (depósito, quarto, e dormitório de empregada) com pinturas na cor branco. O piso cerâmico floral segue pela circulação lateral até esses cômodos e até o salão de jogos. A lavanderia tem piso cerâmico e azulejos de piso a teto. As escadas de acesso são em mármore branco.

No pavimento superior havia carpete na sala de visitas, *hall* e gabinete, que foi substituído por piso laminado em madeira. O lavabo com piso em mármore e azulejos de piso a teto e louças sanitárias em verde. A cozinha em piso cerâmico verde e azulejos desenhados em amarelo e a despensa em azulejos na cor laranja. Seguindo para o estar íntimo e apartamentos em piso em granito, destaque para o painel em lambri no apartamento do casal na parede de cabeceira. O banheiro é em piso em mármore e azulejos com temas florais com louças sanitárias combinando as cores, por exemplo, lilás e bege com bancadas em mármore.

O programa arquitetônico apresenta novidades, como o serviço conectando os setores social e íntimo, há ausência da sala de jantar e há presença de um jardim sobre laje e o ambiente de estar íntimo que antecede e reserva o setor íntimo da residência. O térreo divide-se em social e serviço. Segundo o proprietário, foi um desejo de seu pai que a residência fosse um nível acima do nível da via em solicitação ao arquiteto, também, notou-se a concepção dos banheiros dos apartamentos com ventilações internas e apenas um com ventilação natural com contato com o exterior.

Figura 69: Materiais aplicados na Residência Dopazo.



Fonte: Rodrigo de Lima (2019).

### 4.3 Considerações

Percebe-se que, independentemente do bairro estudado, de alguma forma foi possível encontrar pelo menos uma referência da arquitetura moderna nas residências, considerando a localização das mesmas nas proximidades do centro da cidade de Belém, o que nos cabe inferir que o fator de infraestrutura instalado foi levado em conta na construção dos edifícios e também há prevalência da característica de *destrutividade* (GORELIK, 2005) na implementação da arquitetura moderna em Belém.

Dessa forma, a modernidade se insere por meio de modernizações ocorridas de várias maneiras nas residências, como as reformas modernizantes de fachadas, nos acréscimos das necessidades do programa moderno e na destruição do modelo antigo para a construção do novo edifício residencial unifamiliar. Nota-se, ainda, nesse momento da pesquisa, o fenômeno que contagia o entorno apontado por Waisman (1972) e Lara (2018) ocorrendo na vizinhança que aderiu à novidade da primeira residência moderna do logradouro e, dessa forma, outros edifícios apareceram, como nos casos da travessa Frutuoso

Guimarães, no bairro da Campina, na travessa Benjamin Constant, no bairro do Reduto, nas alamedas do Bairro de Nazaré e na travessa 14 de Abril, no bairro de São Brás.

A identificação das formas e os elementos formais e estéticos da arquitetura moderna foram possíveis nos bairros estudados em uma diversidade de interpretações de seus autores, no posicionamento das platibandas que gradativamente pelas décadas pesquisadas vai obscurecendo o telhado na composição formal do edifício. Há ainda o posicionamento do lote com seus afastamentos que ao mesmo tempo dão privacidade ao morador e a contemplação dos transeuntes da via do situado edifício.

Outro aspecto estético são os materiais empregados interna e externamente nas residências modernas, pois estes inferem uma linha temporal que conecta os exemplares estudados e levantados, como a pedra sabão nas escadas e soleiras, os mosaicos de tacos de madeiras (*parquet*) nos ambientes sociais e íntimos, e os painéis nas fachadas em azulejos, madeira, pedras e baixos relevos artísticos. Isso se torna uma marca da arquitetura moderna em residências em Belém.

Não somente a concepção formal impactou a tipologia residencial com seus elementos compositivos nos partidos arquitetônicos, progressivamente, no decorrer dos anos 1950, 1960 e ainda nos anos 1970. Os novos elementos estético-formais apresentados modernizaram residências pré-existentes, como a residência Góes, com intervenções na fachada e acabamentos internos no princípio dos anos 1950. Na mesma década, a residência Fortes já trazia uma nova concepção do espaço interno com as novas necessidades dos usuários, como o gabinete/sala de leitura. Isso também ocorreu nas demais residências levantadas da década de 1960. Nestas também pode-se notar a supressão da circulação por corredores, a interligação dos ambientes realizada de modo direto, além da aproximação dos setores serviço e social no programa arquitetônico.

## 5. CONCLUSÕES

A história da arquitetura é determinada por suas tradições, objetos que analisa, pelos métodos que adota e determina suas transformações e a coisa real que constrói (TAFURI, 1984). Dessa forma, a modernidade na arquitetura aqui estudada parte de iniciativas de particulares que propiciaram transformações nos modos de vida e, por sua vez, contribuíram para a adoção de novas formas de morar. Esse ideal de modernidade foi paulatinamente incorporado pela sociedade, primeiramente pela elite local e uma nova burguesia que ascendia economicamente que necessitava desse “novo” e “moderno” para o reconhecimento perante a sociedade e a cidade e, posteriormente, pela classe média e demais camadas sociais, como desejo integrante desse “moderno”.

A arquitetura moderna erudita se prevaleceu do discurso tecnicista e funcionalista para impor determinados princípios dessa nova arquitetura no século XX. Desse modo, grupos ligados a essa nova linguagem, em busca de sua legitimidade, publicitaram novas normas e práticas dessa arquitetura, sobrepondo-se às anteriores e ainda às

existentes na época. Isso não evitou conflitos com a tradição cultural arquitetônica dos países que estavam à margem do debate ideológico e tecnológico interno da matéria.

Esses entraves circunstanciais não impediram a expansão das fronteiras da arquitetura moderna que transpôs países e continentes como a América e, conseqüentemente, o Brasil. Estabelecendo, dessa maneira, uma aproximação com intelectuais e arquitetos nativos, o que resultou em novos debates culturais e, posteriormente, em publicações favoráveis de exaltação da nova arquitetura nos anos 1920 e 1930. Desse modo, a arquitetura moderna erudita realizou escolhas e juízos históricos questionáveis, privilegiando escolhidos técnico-acadêmicos como protagonistas dos feitos arquitetônicos, muitos deles monumentais nos anos 1940 e 1950, e marginalizando a produção arquitetônica popular de artífices locais atuantes, deixando-os às escuras na história da arquitetura.

No Brasil essa arquitetura moderna erudita seduziu o poder estatal, que financiou boa parte dela em causa própria, com edifícios institucionais monumentais que se materializaram e solidificaram a presença ideológica estatal e

arquitetônica na capital federal e nas demais capitais dos estados da federação.

Contudo, aponta-se um caráter permeável da arquitetura que transita por diversas culturas e permite que absorva parte da cultura local sem que perca sua essência, como ocorreu no Brasil. A arquitetura moderna veio com moldes europeus, rígidos e matemáticos quanto à concepção da forma e também quanto à funcionalidade do programa arquitetônico, tendo esse processo dotado de elementos industrializados e pré-fabricados. Dessa maneira, encontrou no Brasil um país deficitário em processos industriais que, à sua maneira, com técnicos-acadêmicos e não-técnicos digeriram esse conteúdo europeu e se apropriaram como algo genuíno, com suas próprias características e adaptando-se ao clima local.

Essa autenticidade brasileira se expressa principalmente no movimento em que a arquitetura moderna brasileira proporcionou a tecnologia do concreto armado, não apenas pela curva livre de Oscar Niemeyer, mais relevante com elementos formais que transitam pelo programa, pelo

projeto e pela plasticidade dos elementos estruturais empregados no edifício.

A arquitetura moderna apresenta-se, assim, como um meio e um instrumento de multiculturalismo, mantendo o racionalismo quanto à concepção da planta e ambientes, mas também viabilizam tecnologias, materiais e profissionais de modo a miscigenar, de acordo com a cultura, produzindo em cada região uma arquitetura moderna com elementos e soluções derivados do contexto local. Isso provoca variabilidade quanto à forma do partido arquitetônico e materiais empregados que produzem singularidade e originalidade dos técnicos, arquitetos e engenheiros e dos não-técnicos, artífices populares, nessa imersão cultural em que a arquitetura moderna era protagonista.

Evidencia-se, em Belém, que a arquitetura moderna foi um processo assimilado gradativamente pela sociedade dentro de uma inserção cultural arquitetônica, pois foi encontrado residências em transição arquitetônica que foram financiadas por proprietários e implementadas por técnicos-acadêmicos. Essa transição reforça a condição de que a arquitetura faz parte da cultura de um povo, de um país e de

uma nação. A cultura é um código de cada lugar com novas regras, visões e costumes. Desse modo, ela se transforma sobre a mesma base, princípios fundamentais, e se permeia com a cultura local.

As residências, objetos deste estudo, moldaram-se à necessidade de cada cliente em sua presença, desde a elite, em projetos arrojados com rica composição formal, a mais humilde residência, com testada inferior a três metros lineares na reforma de fachada com a eleição de alguns elementos formais. No Brasil, principalmente em Belém, utilizou-se de tecnologia local, como tijolo maciço, paredes em tijolo a singelo, esquadrias em madeira, venezianas e telhados em telhas cerâmicas. Tudo isso, para alcançar o objetivo de se tornar moderno, registrando, dessa maneira, mais uma contribuição à arquitetura moderna brasileira.

O moderno na arquitetura atraiu olhares da produção privada por suas tecnologias e práticas inovadoras de construir que davam velocidade à construção de edifícios em altura. Essas inovações tecnológicas, incentivadas por legislações permissionárias para esses empreendimentos, expandiram os horizontes de arquitetura e de engenharia na

cidade de Belém. Dessa maneira, com a realização das primeiras construções, certos olhares privilegiados de admiração pelas edificações em altura cultivaram um apelo cultural para a nova arquitetura, que também se expressou nas residências unifamiliares.

A arquitetura moderna em Belém teve as primeiras produções técnicas realizadas por engenheiros civis nos anos 1940, que transmitiram com intensidade essa linguagem nas residências e que as construíram. Nesse estudo, revelou-se a atuação de indivíduos não contemplados pela historiografia da arquitetura nos transcorrer das décadas 1950, 1960 e 1970, de cunho erudito, citamos alguns, como Josué Freire, Mário Penna Araújo e Delmar Castelo de Souza, e também de cunho popular, os não-técnicos, como Dimitri Romariz e Florival Sodré, mas ainda a descoberta de obras atribuídas a Milton Monte e Camilo Porto de Oliveira, que demonstraram a maneira como a linguagem da arquitetura moderna foi assimilada pela sociedade e construída na cidade de Belém.

Constatou-se também que os técnicos-acadêmicos serviram às classes dominantes e posteriormente à nova elite de comerciantes, profissionais liberais, funcionários públicos e

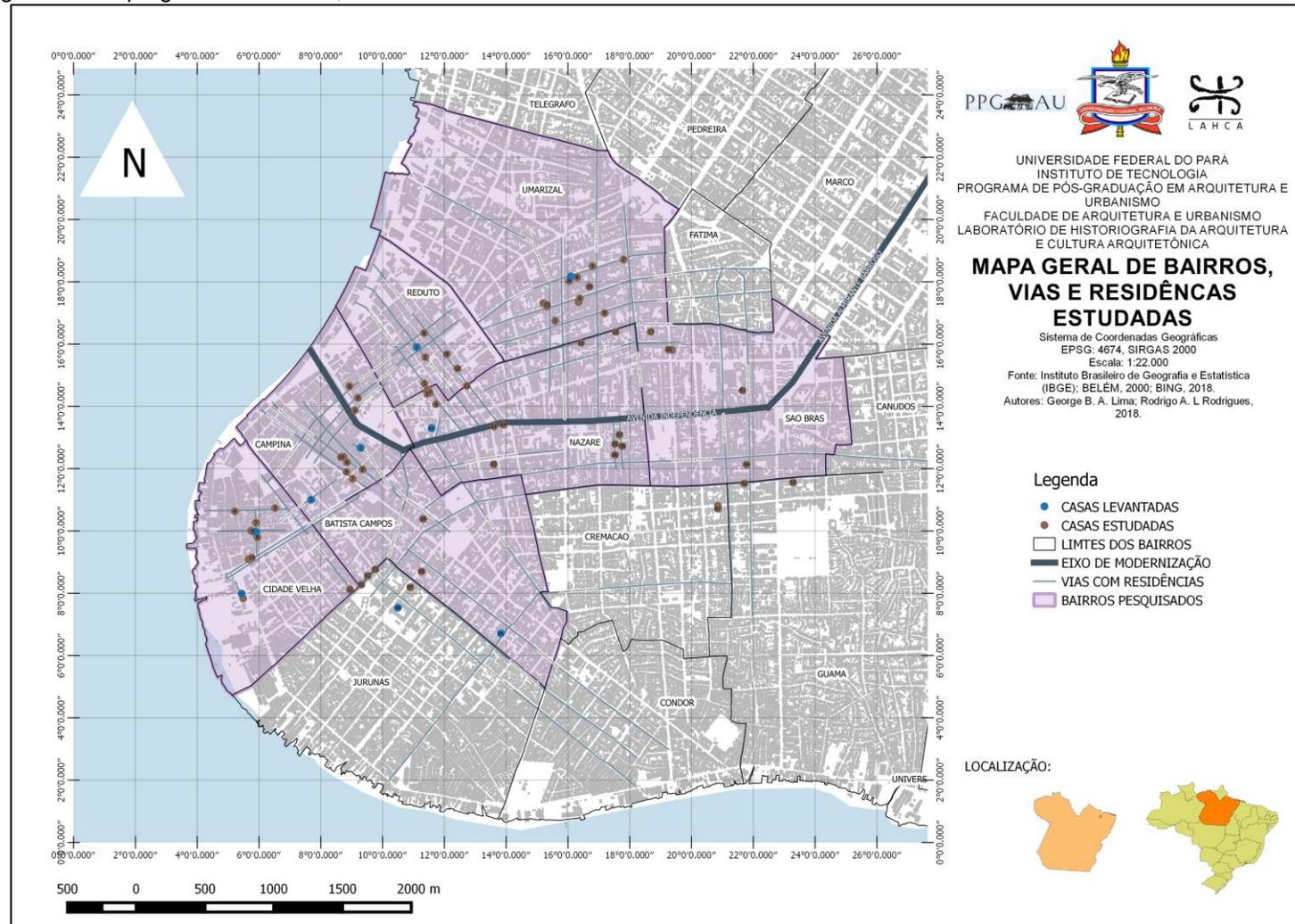
militares que ascendiam economicamente. Estes financiaram a construção de residências unifamiliares de arquitetura moderna de forma exuberante, com a composição volumétrica e a relação com as áreas livres, jardins e níveis topográficos, assim como a aplicação de diversos revestimentos externos com texturas e cores que valoravam o edifício. Muitas residências são superficialmente modernas, modernizadas, por caprichos dos proprietários ou de seus idealizadores. Outro ponto identificado é a manifestação artístico-arquitetônica de iniciativa popular decorativa de fachadas denominada raio-que-o-parta, com mosaicos de cacos de azulejos, que transitam tanto pela arquitetura popular quanto pela arquitetura erudita, obtendo, assim, um movimento inverso inicialmente proposto do estudo, à adoção dessa técnica popular na composição de técnicos-acadêmicos em seus projetos arquitetônicos residenciais.

A residência unifamiliar foi provavelmente à tipologia que mais disseminou a linguagem moderna em Belém, transpondo barreiras financeiras e intelectuais. Corroborando essa afirmação, o número significativo de exemplares – 74 – com as referências da linguagem arquitetônica nos sete

bairros estudados que resistiram de certa forma aos processos de gentrificação urbana e renovação da arquitetura nos séculos XX e XXI. Este estudo apenas principia a busca por esses exemplares que podem ser muito mais nos demais bairros e vias da cidade, e o número ainda pode ter sido maior no momento do recorte temporal estudado.

O mapeamento apontou caracterizações assimiladas da arquitetura moderna unifamiliar em assimilação das técnicas e composições formais que se disseminaram nos sete bairros e vias pesquisados. As residências identificadas com datas, por meio de questionários aplicados e por pesquisas nos arquivos do CREA/PA, mostraram que a arquitetura moderna, produzida nos anos 1950, foi mais expressiva em quantidade de elementos formais e compositivos, e que nos anos 1960 esses elementos formais ganharam proporções individuais e diminuíram em quantidade. Essa robustez volumétrica, dos elementos formais, principalmente na exaltação de elementos estruturais e funcionais nos partidos, é notada na concepção dessas obras. Nos anos 1970, o partido torna-se o protagonista, pois houve a elevação de níveis topográficos artificialmente para

Figura 70: Mapa geral dos bairros, vias e residências estudados.



Fonte: Rodrigo de Lima e George Lima (2018).

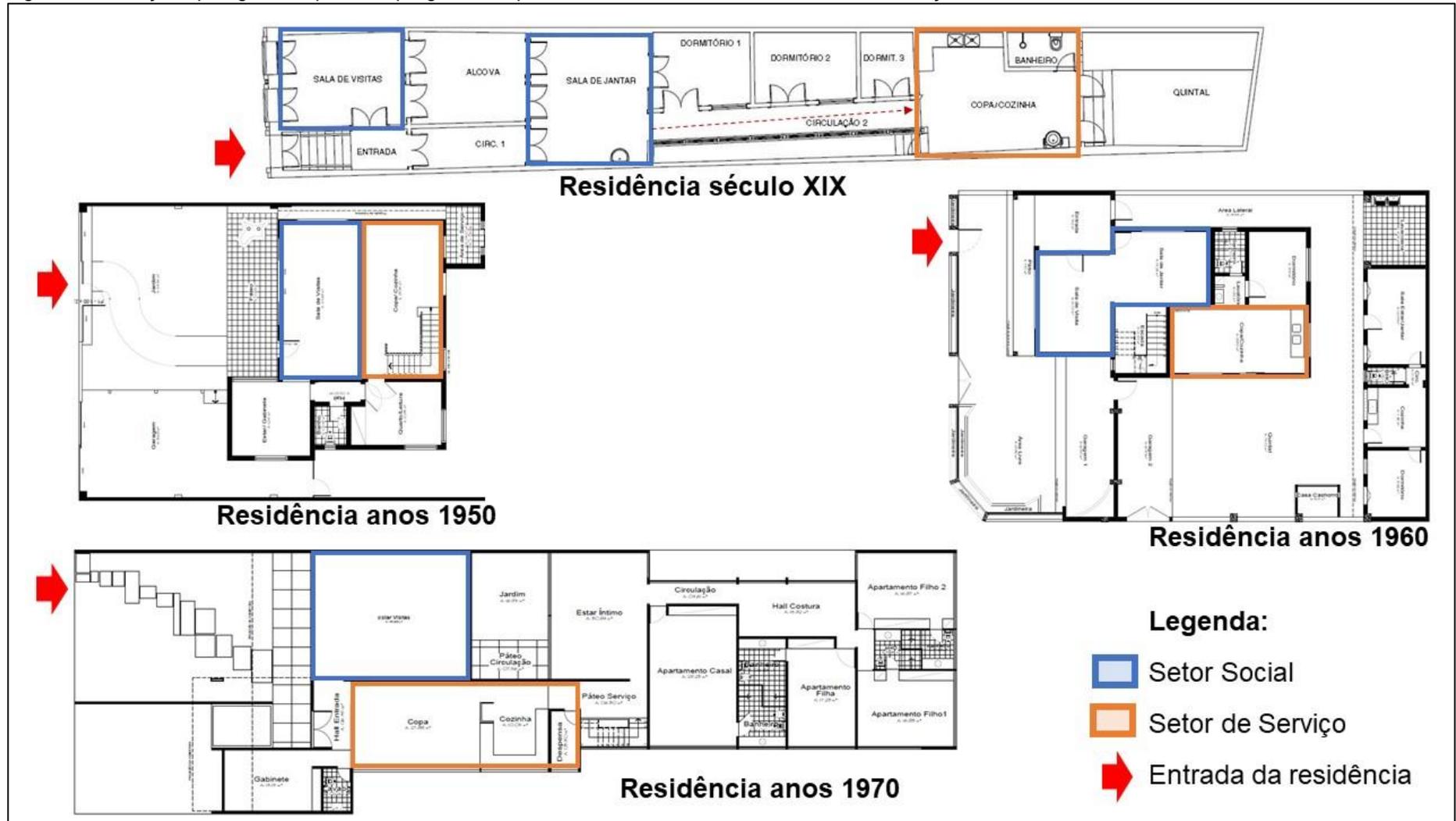
que descansa a volumetria e maiores lotes com dimensões generosas dando maior contemplação do edifício.

Além do partido arquitetônico, portanto, os acabamentos aplicados no edifício vão de encontro aos preceitos de uma forma pura e sem adornos. Entretanto, na arquitetura brasileira, os azulejos de Athos Bulcão sempre estiveram presentes nos edifícios instrucionais. Em Belém, encontramos diversas texturas e materiais aplicados externamente, como painéis de pedra São Tomé, de mármore, de pedriscos, azulejos, madeiras e principalmente as pastilhas cerâmicas. Essa característica é muito notável nas residências e muitas vezes aplicados para ressaltar os elementos estruturais presentes no partido, algumas vezes as composições de materiais podem dar um tom alegórico, mas também, em menor quantidade, sofisticação ao partido. Há também marcações com pequenos ressaltos que emolduram platibandas e enquadramentos do segundo pavimento, este bastante evidenciado nos projetos arquitetônicos. O segundo pavimento é sempre destacado no partido arquitetônico com maior emprego dos materiais e em volume, por meio de recuo do térreo e também colocado em balanço.

Os acabamentos internos trouxeram, também, o caráter histórico de tipo, por quase unanimidade de piso em mosaico de tacos de madeira (*parquet*) nos edifícios estudados e levantados, percebeu-se um grau de refinamento no trato com este tipo de material que remetemos ao piso de tábuas de madeira de acapu e pau amarelo presentes nas residências dos séculos XVII, XVIII e XIX da cidade. Os azulejos, como revestimentos internos de cozinhas à meia altura e principalmente em banheiros ou salas de banho com combinações inusitadas com as louças sanitárias.

Portanto, a relação da arquitetura moderna erudita com a popular se deu de duas maneiras notadas na pesquisa de residências; primeiramente, a erudita como referência para as reformas de fachadas executadas por não-técnicos e a prática projetual por não-técnicos com certa habilidade com o desenho, projetaram suas próprias residências com parcerias consentidas com técnicos-acadêmicos, engenheiros, e por talentos autodidatas para executar tal façanha. Haja vista que constatamos no estudo que os edifícios em que a produção foi realizada por não-técnicos são de dois pavimentos e com considerável metragem quadrada.

Figura 71: Relação tipológica temporal do programa arquitetônico residencial – setores social e serviço.



Fonte: Rodrigo de Lima (2019).

Ambas as produções arquitetônicas, assim, produziram edifícios que seguiam o tipo de programa arquitetônico da arquitetura moderna, tratando principalmente da ausência de circulação e também da integração interna pelos ambientes, assim como os recuos frontais com jardim e a inserção do abrigo para automóvel no programa arquitetônico. Podemos notar as duas entradas sociais, para a sala de visitas e sala de jantar, repetindo-se nos programas arquitetônicos, herança dos costumes ancestrais dos casarões dos séculos anteriores. Outro elemento são as salas de banho e também as suítes ou apartamentos, que foram agregados ao programa gradativamente; no início, privilégios dos pais e, posteriormente, concedidos a todos os dormitórios.

Constatou-se que setor de serviços quase sempre tinha o dormitório de empregados, muitas vezes anexados a ele no térreo, outras vezes em um módulo separado ao fundo, mostrando certo distanciamento da relação patrão e empregado, costumeiro em tempos passados, mas também a processão da copa/cozinha no programa com uma aproximação do setor social do edifício e alguns casos absorvendo as duas funções, de serviço e de sociabilidade.

Outro ponto é a importância do pátio/ varanda na parte frontal e posterior do edifício presentes no programa arquitetônico das residências, permitindo a apreciação e ligação entre o interior e o exterior. Além dos partidos arquitetônicos ocuparem, na maioria dos casos estudados, toda a secção transversal do lote obtendo a ventilação cruzada em um sentido do recuo anterior para o posterior.

Por fim, a produção dessa arquitetura foi obra de engenheiros, desdobrando-se posteriormente em sua adoção pela população que, à sua maneira, criou versões dessa modernização. A linguagem moderna da arquitetura é evidenciada na variedade de formas e escalas dos edifícios, demonstrando o caráter de permeabilidade e diversidade presentes na matéria e também nos terrenos que foram implementados nas áreas centrais, provocando rupturas nas tradições arquitetônicas, tecnológicas, históricas e sociais na cidade de Belém representadas nas residências unifamiliares, modernizadas e construções modernas. Dessa forma, demonstrando um cenário muito mais amplo de construções do estilo moderno que transformou o modo de vida da população belenense.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTODESK. **AutoCAD**. Versão 2018.0.2. Autodesk, [San Rafael], c2018.

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Ed.: Bertrand Brasil. Rio de Janeiro/RJ. 15ª edição, 2011.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997.

CAVALCANTI, Lauro. **Moderno e Brasileiro: a nova história de uma linguagem na arquitetura (1930-1960)**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2006.

CHAVES, Celma. **Arquitectura en Belém entre 1930 - 1960: Modernización con Lenguajes Cambiantes**. 2004. 287 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitectura, Universitat Politècnica de Catalunya. Barcelona, 2004.

\_\_\_\_\_. **Recepção, particularidades e limites da arquitetura modernista produzida em Belém**. In: Seminário Internacional Brasil-Argentina-México - 4º Encontro de estudos comparados em Arquitetura e Urbanismo nas Américas - A Circulação das ideias na América Latina: o moderno na Arquitetura e Urbanismo, v. 01. Uberlândia, 2012.

CHAVES, Celma; DIAS, Rebeca. **Documentação e Estudo da Arquitetura Residencial Moderna em Belém (1940-1970)**. In: Seminário DOCOMOMO – BR, 11, O Campo Aplicado do Movimento Moderno. Recife, 2016a.

\_\_\_\_\_. **Documentação e Análise da Arquitetura Residencial em Belém (1949-1960)**. In: Seminário da arquitetura moderna na Amazônia, 1. Manaus, 2016b.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. **Précisions brésiliennes sur un état passé de l'architecture et de l'urbanism modernes. D'après les ouvre le projets exemplaire de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer & Cie**. Tese (Doutorado) - Université de Paris-VIII, Paris, 2002. p.154.

CONSELHO REGIONAL DE ENGENHERIA E AGRONOMIA/PA. Centro de Documentação CREA/PA. **Livro de Vistos em Projetos nº 3**. Belém, 1954. 151 p.

CONSELHO REGIONAL DE ENGENHERIA E AGRONOMIA/PA. Centro de Documentação CREA/PA. **Livro de Registro de vistos em Projetos nº 11**. Belém, 1962. 58 p.

CONSELHO REGIONAL DE ENGENHERIA E AGRONOMIA/PA. Centro de Documentação CREA/PA. **Livro de Registro de vistos em Projetos nº 11**. Belém, 1963a. 95 p.

CONSELHO REGIONAL DE ENGENHERIA E AGRONOMIA/PA. Centro de Documentação CREA/PA. **Livro de Registro de vistos em Projetos nº 12**. Belém, 1963b. 34 p.

CONSELHO REGIONAL DE ENGENHERIA E AGRONOMIA/PA. Centro de Documentação CREA/PA. **Livro de Registro de vistos em Projetos nº 15**. Belém, 1965. 2 p.

CONSELHO REGIONAL DE ENGENHERIA E AGRONOMIA/PA. Centro de Documentação CREA/PA. **Livro de Registro de vistos em Projetos nº 19**. Belém, 1970. 47 p.

COSTA, Laura Caroline de Carvalho da. **Raio que o parta! Assimilações do modernismo nos anos 50 e 60 do século XX e seu apagamento em Belém (PA)**. 2015. 176f. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará, Belém/PA.

CRUZ, Ernest. **Obras públicas do Pará - Volume II**. Secretaria de Estado da Viação e Obras Públicas - Governo do Estado do Pará, 1967.

DERENJI, Jussara da Silveira. **Modernismo na Amazônia. Belém do Pará, 1950/70**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 02, n. 017.04, Vitruvius, out. 2001 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.017/838>>.

FERLENGA, Alberto. **Architetti senza architettura. Architettura popolare e rifondazione culturale.** In. ROSSI, U. (Ed.) Tradizione e modernità – L'influsso dell'architettura ordinaria nel moderno. Siracusa: Lettera Ventidue, 2015. p. 19-29.

FREIRE, Adriana Leal de Almeida. **Recepção e difusão da arquitetura moderna brasileira: uma abordagem historiográfica.** Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Carlos, 2015.

GASTÓN, Cristina; ROVIRA, Tereza. **El Proyecto Moderno – Pautas de Investigación.** UPC. Barcelona – España, 2007.

GORELIK, Adrián. **Lo Moderno en debate: Ciudad, modernidad, modernización.** Universitas Humanística, núm. 56. Pontificia Universidad Javeriana. Bogotá, Colombia. Junio 2003, pp. 11-27. Disponível en: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=79105602>. Acessado em: 11/04/2017.

\_\_\_\_\_. **Das Vanguardas a Brasília: cultura urbana e arquitetura na América Latina.** Ed.: UFMG, Belo horizonte, 2005.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: MÜLLER, L. **Modernidades de provincia: estado y arquitectura en la ciudad de Santa Fé: 1935-1943.** Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral, 2011, p. 9-12.

GROAT, Linda e WANG, David. **Architectural Research Methods.** John Wiley & Sons, Inc. New York, 2002.

GUIMARÃES, Dinah; CAVALCANTI, Lauro. **Arquitetura Kitsch: suburbana e rural.** Ed.: Paz e Terra. Rio de Janeiro/RJ. 3ª edição, 2006.

HARVEY, David. **A Condição pós-moderna.** Ed.: Loyola. São Paulo/SP. 15ª edição: maio de 2006.

JONES, Will. **Cómo leer edificios modernos: Una guía de arquitectura de la era moderna.** Ediciones Akal S.A. Madrid-España. 2016.

LARA, Fernando. **Modernismo de Fachada? Considerações sobre a Apropriação Popular das Estética Modernista**. In.: SHCU 1990 – Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, v. 7, n.1, 2002. Disponível: <unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/884/859>. Acessado em 14/11/2016

\_\_\_\_\_. **Modernismo: Elogio ou Imitação?** In.: Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, Belo Horizonte, v.12, n. 13, p.171-184, dez. 2005. Disponível: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo/article/view/783>. Acessado em 14/11/2016.

\_\_\_\_\_. **Excepcionalidade do Modernismo Brasileiro**. São Paulo: Romano Guerra/ Austin: Nhamerica, 2018.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A Conversão Semiótica na Arte e na Cultura**. Edição trilingue: Português, Inglês e Espanhol. Belém: EditoraUniversitária/UFPA, 2007.

MACHADO, Izabelle; CHAVES, Celma. **Moradias modernistas em Belém (PA): documentando um novo modo de vida**. In: Seminário Ibero-Americano Arquitetura e Documentação, 3. Belo Horizonte, 2013.

MARTINS, Carlos A. F. **“Há algo de irracional...”**. **Notas sobre a historiografia da arquitetura brasileira**. In.: Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira: v.2/ organização Abilio Guerra. Ed.: Romano Guerra, São Paulo, 2010, p.131-168.

PARÁ, Governo do Estado do. **Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da República pelo Dr. José Carneiro da Gama Malcher, interventor federal do Pará (1937-1939)**. Belém: [s.n.], 1940.

PENTEADO, Antônio Rocha. **Belém do Pará (Estudo de Geografia Urbana)**. Coleção Amazônica: Série José Verissimo, 1º Vol. UFPA, 1968.

PIZZA, Antonio. **La construcción del Passado**. Ed.: Celeste, Madri, 2002.

ROSSI, Ugo. **Tradizione e modernità. Verso molte architetture.** In. ROSSI, U. (Ed.) Tradizione e modernità – L’influsso dell’architettura ordinária nel moderno. Siracusa: Lettera Ventidue, 2015a. p. 7-15.

\_\_\_\_\_. **Bernard Rudofsky: panorami differenti. Cinquant’anni di Architettura senza architettura senza architetti.** In. ROSSI, U. (Ed.) Tradizione e modernità – L’influsso dell’architettura ordinária nel moderno. Siracusa: Lettera Ventidue, 2015b. p. 95-103.

RUDOLFSKY, Bernard. **Architecture without architects, an introduction to nonpedigreed architecture.** In. The Museum of Modern Art (Ed): Distributed by Doubleday, Garden City, N.Y. 1964.

SANTOS, Cecília Rodrigues dos. **Casa das Canoas de Oscar Niemeyer: fazendo a alma cantar.** *Arquitextos*, São Paulo, ano 04, n. 040.05, Vitruvius, set. 2003. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.040/654>>. Acessado em 05/09/2017.

SEGRE, Roberto; BARKI, José. **Niemeyer Jovem: O amor a linha reta.** Projeto Design, São Paulo, n. 345, nov. 2008. Disponível em: <<https://www.arcoweb.com.br/projetodesign/artigos/artigo-niemeyer-jovem-o-amor-a-linha-reta-01-11-2008>>. Acessado em 08/09/2017.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990.** Ed. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2014.

STEVENS, G. **O círculo privilegiado: fundamentos sociais da distinção arquitetônica.** Tradução: Lenise Barbosa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

STROETER, João Rodolfo. **Arquiteturas e teorias.** Ed. Nobel: São Paulo, 1986.

SWARTZ, David. **O Estado como banco central do crédito simbólico.** In: Dossiê: Pierre Bourdieu. Org.: SOUZA, Jessé; BITTLINGMAYER, Uwe. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017, p. 81-104.

TAFURI, Manfredo. **La Introducción: El proyecto histórico.** In: La esfera y el laberinto. Vanguardias y arquitectura de piranesi a los años setenta. Ed.: Gustavo Gili, Barcelona, 1984.

TRACHANA, Angelique. **Historia y Proyecto: una revisión de los conceptos de Tipo y Contexto.** 1ª ed. – Buenos Aires: Nobuko, 2011.

VIDAL, C. C. S. P. **Arquitetura, modernização e política entre 1930 e 1945 na cidade de Belém.** Arqtextos, São Paulo, 094.06, Vitruvius ano 08, mar 2008. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revista/read/arqtextos/08.094/161>. Acessado em 17/08/2016.

\_\_\_\_\_. **Experiências do Moderno em Belém: construção, recepção e destruição.** VIRUS, São Carlos, n. 12, 2016. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus12/?sec=4&item=11&lang=pt>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

VIDAL, C. et al. **O percurso da modernidade arquitetônica de Camilo Porto de Oliveira: da diversidade à simplificação formal.** In: Seminário da Arquitetura Moderna na Amazônia, 2. Palmas, 2017.

WAISMAN, Marina. **O interior da história: historiografia arquitetônica para o uso de latino-americanos.** São Paulo: Perspectiva, 2013.

\_\_\_\_\_. **La estructura histórica del entorno.** Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1972.

WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira (Raíces)** – 2ª ed. – São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2012.

## 7. APÊNDICE

## Apêndice A: Questionário aplicado na residência na rua do Arsenal, 885.

Cidade Velha



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO  
PESQUISA: O MODERNO E SUAS DERIVAÇÕES: ESTUDO TIPOLOGICO DE  
RESIDÊNCIAS ENTRE 1940-1970 EM BELÉM.  
Mestrando: Rodrigo Augusto de Lima Rodrigues.  
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Celma Chaves Pont Vidal.

**QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA ACADÊMICA**

Endereço: Residência Rua do Arsenal, 885

Nome Completo: Sônia Feresca

Idade: 58. Profissão/ocupação: Comerciante

\* Pai era empresário do ramo madeirense que comprou a casa.  
\* Sonadora desde a infância, aos 5 anos. (1965)

- Quantos anos você mora nesta casa?  
50 anos
- Você é o primeiro morador?  
2º morador
- Qual a profissão do proprietário da época da construção?  
Pai era empresário madeirense
- A casa é de sua propriedade?  
Sim
- Qual o ano de sua construção?  
1965
- Você sabe quem projetou?  
Não sabe
- Na época da construção, gostou deste estilo da casa? Por quê?  
Sim, gostei.
- Na época da construção, gostou deste estilo da casa? Por quê?  
\* Gostaram da casa. No primeiro aluguel e, posterior  
a este, ficou a compra.
- Você sabe se já houve modificações na casa? Por quê?  
Quisitas foi colocadas retiras e trabalhos sociais, mod  
ficadas na cozinha e sala. Terço no parquinho e um  
quarto e trocaram-se as janelas.
- Você faria alguma mudança na casa? Por quê?  
Sim, gostei.
- A casa, hoje, satisfaz suas necessidades? Para interligar  
a casa e a casa vizinha pois está num a rua  
de qual, sim

## Apêndice B: Questionário aplicado na residência na rua Dr. Malcher, 236.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO  
PESQUISA: O MODERNO E SUAS DERIVAÇÕES: ESTUDO TIPOLOGICO DE  
RESIDÊNCIAS ENTRE 1940-1970 EM BELÉM.

Mestrando: Rodrigo Augusto de Lima Rodrigues  
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Celma Chaves Pont Vidal.

### QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA ACADÊMICA

Endereço: Residência Dr. Malcher, 376

Nome Completo: Antônia da Conceição Costa Rosa

Idade: 48 anos. Profissão/ocupação: Arquiteta

1. Quantos anos você mora nesta casa?  
37 anos
2. Você é o primeiro morador? \*  
Não, a 4ª moradora. O Pai, Sr. Ademir dos Santos Costa que comprou a casa, era comerciante madeireiro.
3. Qual a profissão do proprietário da época da construção?  
—
4. A casa é de sua propriedade?  
Sim, proprietária é meu pai, desde 1982.
5. Qual o ano de sua construção?  
Não soube informar
6. Você sabe quem projetou?  
Não sabe
7. Na época da construção, gostou deste estilo da casa? Por quê?  
Não sabe
8. Você sabe se já houve modificações na casa? Por quê? \*  
Tive um banheiro do lado da cozinha e um que
9. Você gosta do estilo da casa? to foi dividido por um móvel em dois?  
Sim, gosto muito.
10. Você faria alguma mudança na casa? Por quê?  
O quarto dividido, retornar a ser um só. fazer um
11. A casa, hoje, satisfaz suas necessidades? espere gourmet no patio. Faia um quarto embai no para meus pais idosos.

\* Há complemento com informações adicionais.

### Informações adicionais - Dra. Antônia Lesta Rosa.

- Houve outras modificações, como, coloquei um bonheiro na área de serviço que tirei da cozinha e a substituição do revimento da escada de alumínio por madeira.
- Os primeiros donos, vide escritura, foram Affonso de Jesus Ferreira e Maria Cristina Ramos em 1969, mais precisamente, em 23 de julho de 1969 (página 40).
- Os segundos foram José Maria Lopes Macedo e Josefina de Macedo, e o terceiro foi Manoel Mesias da Silva (comerciante)
- Antigo endereço na rua Dr. Maleher, nº 54, esquina com Travessa de Cintia.

Apêndice C: Questionário aplicado na residência na Tv. Cap. Pedro Albuquerque, 248.

Cidade Velha



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO  
PESQUISA: O MODERNO E SUAS DERIVAÇÕES: ESTUDO TIPOLOGICO DE  
RESIDÊNCIAS ENTRE 1940-1970 EM BELÉM.  
Mestrando: Rodrigo Augusto de Lima Rodrigues.  
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Celima Chaves Pont Vidal.

**QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA ACADÊMICA**

Endereço: Residência Tr. Pedro Albuquerque, 248.

Nome Completo: Johilson Rodrigues

Idade: 55. Profissão/ocupação: Mirante em presença.

1. Quantos anos você mora nesta casa?  
14 anos
2. Você é o primeiro morador?  
Sim, R.
3. Qual a profissão do proprietário da época da construção?  
Não sei, já era idoso e aposentado, mudou-se para São Paulo.
4. A casa é de sua propriedade?  
Sim
5. Qual o ano de sua construção?  
1971 (Mudou do imóvel).
6. Você sabe quem projetou?  
Não sabe, não tem o projeto.
7. Na época da construção, gostou deste estilo da casa? Por que?  
—
8. Você sabe se já houve modificações na casa? Por que? \*  
Panelas de madeiras (ruzinhas e vidro) para vidro, telha de barro para telha plana. O porão não se construiu por ser muito úmido e não gostei do estilo da casa.
9. Você gosta do estilo da casa?  
Opoto, as pastilhas e esbago, e a fachada da porta de entrada.
10. Você faria alguma mudança na casa? Por que?  
Não
11. A casa, hoje, satisfaz suas necessidades?  
Sim, satisfaz. Já está ficando grande. Os filhos estão casando.

\* Há complemento com informações adicionais.

\* Infermações adicionais - Sr. Edilson Rodrigues.

- Havia uma janela na fonte. Porta interna.
- Quintal com edícula e uma porta pequena.

Apêndice D: Questionário aplicado na residência na avenida Almirante Tamandaré, 211.

Cidade Velha



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO  
PESQUISA: O MODERNO E SUAS DERIVAÇÕES: ESTUDO TIPOLOGICO DE  
RESIDÊNCIAS ENTRE 1940-1970 EM BELÉM.  
Mestrando: Rodrigo Augusto de Lima Rodrigues.  
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Celma Chaves Pont Vidal.

**QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA ACADÊMICA**

Endereço: Residência Av. Tamandaré, 211

Nome Completo: João Alves Fonseca

Idade: 66. Profissão/ocupação: Médico Veterinário

1. Quantos anos você mora nesta casa?  
55 anos
2. Você é o primeiro morador?  
Não, 2.ª
3. Qual a profissão do proprietário da época da construção?  
Não sabe
4. A casa é de sua propriedade?  
Sim
5. Qual o ano de sua construção?  
1950 (década)
6. Você sabe quem projetou?  
Não sabe
7. Na época da construção, gostou deste estilo da casa? Por quê?  
-
8. Você sabe se já houve modificações na casa? Por quê?  
Tão pela layout (cercameia), forno (tipo panelão) etc
9. Você gosta do estilo da casa?  
Sim
10. Você faria alguma mudança na casa? Por quê?  
Sim, acalameia
11. A casa, hoje, satisfaz suas necessidades?  
Sim, com sobra

## Apêndice E: Questionário aplicado na residência na rua Avertano Rocha, 358.


  
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO  
 PESQUISA: O MODERNO E SUAS DERIVAÇÕES: ESTUDO TIPOLOGICO DE  
 RESIDÊNCIAS ENTRE 1940-1970 EM BELEM.  
 Mestrando: Rodrigo Augusto de Lima Rodrigues.  
 Orientadora: Prof.ª Dr.ª Celma Chaves Pont Vidal.

**QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA ACADÊMICA**

Endereço: Residência Avertano Rocha, 358 (antiga rua de Bragança)

Nome Completo: Floralva de Carvalho Sodré Sobrinho

Idade: 57 . Profissão/ocupação: Professora de Educação Física

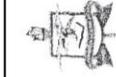
1. Quantos anos você mora nesta casa?  
45 anos
2. Você é o primeiro morador?  
Sim.
3. Qual a profissão do proprietário da época da construção?  
Sr. Floralva de Carvalho Sodré (Pai) era Major do Exército
4. A casa é de sua propriedade?  
Sim, herança.
5. Qual o ano de sua construção?  
Foi em 1962
6. Você sabe quem projetou? \*  
Foi projetada pelo meu pai (Floralva Sodré) e na construção
7. Na época da construção, gostou deste estilo da casa? Por quê? foi ele com auxílio de um mestre de obras.  
Sim, a casa é grande.
8. Você sabe se já houve modificações na casa? Por quê? \*  
Puro de tacho pelo econômica, teve a ampliação das janelas do andar de cima e elevação do muro
9. Você gosta do estilo da casa?  
Sim, gosto bastante
10. Você faria alguma mudança na casa? Por quê? \*  
Demolir a dependência de empregada para fazer uma área de lazer
11. A casa, hoje, satisfaz suas necessidades?  
Sim. Satisfaz

\* Há complemento com informações adicionais.

#### \* Infirmações adicionais - Sr. Fiorival Sodré Sobrinho

- Recordo que meu pai (Fiorival Sodré) tinha estudado no liceu de artes "Leuro Sodré", e ele tinha muita habilidade com o desenho, possuía horas desenhos do.
- Foram feitas divisórias na garagem
- Meu pai tinha um amigo engenheiro que dava uma olhada na obra de vez em quando.
- Queria retirar os tacos de madeira da sala de estar e juntar, dá muito trabalho para mantê-los.

## Apêndice F: Questionário aplicado na residência na rua Ferreira Cantão, 55/57.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO  
PESQUISA: O MODERNO E SUAS DERIVAÇÕES: ESTUDO TIPOLOGICO DE  
RESIDÊNCIAS ENTRE 1940-1970 EM BELÉM.  
Mestrando: Rodrigo Augusto de Lima Rodrigues.  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Celma Chaves Pont Vidal.

### QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA ACADÊMICA

Endereço: Residência Ferreira Cantão, 55/57.

Nome Completo: Patrícia Gêr Rocha.

Idade: 46. Profissão/ocupação: Terapeuta Ocupacional.

\* O pai, Sr. Sérgio, participou de parte das informações após do questionário.

1. Quantos anos você mora nesta casa?

7 anos

2. Você é o primeiro morador?

Não, mãe usou informações

3. Qual a profissão do proprietário da época da construção?

\_\_\_\_\_

4. A casa é de sua propriedade?

Sim

5. Qual o ano de sua construção?

A casa tem uns 70 anos, provavelmente de 1948. (informar)

6. Você sabe quem projetou? mação confirmada pelo pai.

Não sabe

7. Na época da construção, gostou deste estilo da casa? Por quê?

\_\_\_\_\_

8. Você sabe se já houve modificações na casa? Por quê? \*

Reformou o piso e instalações hidráulicas e elétricas

9. Você gosta do estilo da casa?

Sim, gosto.

10. Você faria alguma mudança na casa? Por quê?

O pátio da frente, queria aproveitar melhor este espaço.

11. A casa, hoje, satisfaz suas necessidades? parte.

Sim, em partes. Gostaria de ter o quintal maior.

\* Há complemento com informações adicionais.

Informações adicionais - Sra. Patrícia Góes Rocha e Sr. Sérgio Góes.

1) Patrícia Góes (Andar Térreo)

- Foi dividido a Sala de banho em dois, o lavabo e o banheiro do quarto da filha.
- O jardim de inverno foi dividido, em área de ventilação e banheiro do quarto do filho.
- O quarto do casal foi acrescentado o banheiro.
- A cozinha tinha um banheiro ao lado e depois a lavanderia e foram invertidos de posição.
- Coloquei uma família maior na sala de visita.

2) Sérgio Góes (andar superior) é engenheiro civil.

- O banheiro foi dividido em dois, era uma sala de banho.
- Foi feito um closet no quarto do casal que pegou parte da cozinha.
- No quarto da minha filha, a mais nova, foi feito um closet onde era a lavanderia.
- Na cozinha, foi derrubada parte da parede que dividiu a cozinha e varanda dos fundos.
- Quando eu fui fazer a reforma, percebi que a casa não tinha estrutura. Tive que colocar uma viga de concreto quando fui remover o reboco da parede. Era alvenaria estrutural de tijolo maciço e concreto. Acredito que tenha havido uma reforma de fechada, já que para trás (parte interna) é tudo em estilo antigo.

Apêndice G: Questionário aplicado na residência na avenida Eng. Fernando Guilhon, 1425.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO  
 PESQUISA: O MODERNO E SUAS DERIVAÇÕES: ESTUDO TIPOLOGICO DE  
 RESIDÊNCIAS ENTRE 1940-1970 EM BELÉM.  
 Mesitrando: Rodrigo Augusto de Lima Rodrigues.  
 Orientadora: Prof.ª Dr.ª Celma Chaves Pont Vidal.

QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA ACADÊMICA

Endereço: Residência Av. Eng. Fernando Guilhon, 1425.

Nome Completo: Roberta Conceição.

Idade: 47. Profissão/ocupação: Socióloga

1. Quantos anos você mora nesta casa?  
10 anos
2. Você é o primeiro morador?  
3ª moradora
3. Qual a profissão do proprietário da época da construção?  
Albino Cavaco (Pai) era publicitário.
4. A casa é de sua propriedade?  
Sim.
5. Qual o ano de sua construção?  
Não sabe.
6. Você sabe quem projetou?  
Não sabe
7. Na época da construção, gostou deste estilo da casa? Por quê?  
—
8. Você sabe se já houve modificações na casa? Por quê?  
O quintal era grama e também pavimentou parte do por-  
dim. O quarto do térreo era uma garagem.  
A sala de estar tinha o piso de táboas.  
Fu gosto
10. Você faria alguma mudança na casa? Por quê?  
Faria, acho a casa quente.
11. A casa, hoje, satisfaz suas necessidades?  
Sim, em tudo.

Apêndice H: Questionário aplicado na residência na Tv. Dos Tupinambás, 275.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO  
PESQUISA: O MODERNO E SUAS DERIVAÇÕES: ESTUDO TIPOLOGICO DE  
RESIDÊNCIAS ENTRE 1940-1970 EM BELÉM.  
Mestrando: Rodrigo Augusto de Lima Rodrigues.  
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Celma Chaves Pont Vidal.

**QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA ACADÊMICA**

Endereço: Residência Tv. Tupinambás, 275

Nome Completo: Eni Fausto de Souza

Idade: 86 anos. Profissão/ocupação: do lar

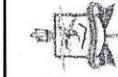
1. Quantos anos você mora nesta casa? \*  
65 anos (1953)
2. Você é o primeiro morador?  
Sim
3. Qual a profissão do proprietário da época da construção?  
O Sr. mauro Raimundo N. Mendonça era advogado e
4. A casa é de sua propriedade? procurador do INSS.  
Não, é dos meus 4 filhos.
5. Qual o ano de sua construção?  
Relato que era o "Monte", o Milton Monte em 1953.
6. Você sabe quem projetou?  
O engenheiro Milton Monte.
7. Na época da construção, gostou deste estilo da casa? Por quê?  
Sim, era um patelete perto da antiga casa.
8. Você sabe se já houve modificações na casa? Por quê?  
Apenas um banheiro e uma divisão interna, na frente  
de o escritório do meu filho.
9. Você gosta do estilo da casa?  
Sim, pelo achete.
10. Você faria alguma mudança na casa? Por quê?  
Não, tudo está no seu lugar.
11. A casa, hoje, satisfaz suas necessidades?  
Sim, muito satisfeita como está.

\* Ha complemento de informações adicionais

\* Informações adicionais - Sra. Emi Souza.

- O terreno era muito grande. Foi tirado muito areia e aterro. Viveu um ecotô.
- O ex-marido, advogado, foi a regulamentação do loteamento do terreno e está onde está a casa foi o pagamento da causa.
- Quando viemos morar na casa meu filho mais velho tinha 3 anos, hoje ele tem 69 anos.
- A casa tinha apenas 1 banheiro.
- A estrutura da casa continua muito firme, foi bastante robusta na época.

Apêndice I: Questionário aplicado na residência na avenida Roberto Camelier, 236.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO  
PESQUISA: O MODERNO E SUAS DERIVAÇÕES: ESTUDO TIPOLOGICO DE  
RESIDÊNCIAS ENTRE 1940-1970 EM BELEM.

Mestrando: Rodrigo Augusto de Lima Rodrigues.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Celma Chaves Pont Vidal.

QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA ACADÊMICA

Endereço: Residência Av. Roberto Camelier, 236

Nome Completo: João Fortes

Idade: 61. Profissão/ocupação: Comerciante

1. Quantos anos você mora nesta casa?  
60 anos, feio menos
2. Você é o primeiro morador?  
Sim, meus pais eram proprietários
3. Qual a profissão do proprietário da época da construção?  
João da Costa Fortes (Fundador da Caixa Econômica) e Alberta
4. A casa é de sua propriedade?  
Fortes.  
Sim.
5. Qual o ano de sua construção? \*  
Por volta dos anos 1950
6. Você sabe quem projetou?  
Não sei precisamente
7. Na época da construção, gostou deste estilo da casa? Por que?  
Sim, era moderno
8. Você sabe se já houve modificações na casa? Por que? \*  
Sim, houve ampliações por causa dos filhos.
9. Você gosta do estilo da casa?  
Sim, é bonita até hoje.
10. Você faria alguma mudança na casa? Por que?  
Não. Ela atende minhas necessidades.
11. A casa, hoje, satisfaz suas necessidades?  
Sim. Apesar de ser grande, agora, para o casal.

\* Há complemento de informações adicionais.

\* Imagem adicional - Residência Sr. João Feites.

↳ Dados em base de documentos oficiais.

• Sr. João Feites (Pai) adquiriu em 1955 de George

Hersketh Sattles.

• A posse do terreno em 30 de junho de 1956.

• A escritura pública foi em 1957.

• Ocorreram modificações, onde era a varanda foi a cozinha em piso 'São Bartolomeu'. A sacada veta era com piso em tábo de madeira e foi substituído por cerâmica.

• Havia uma fogueira entre a sala de e a varanda com 4 tubos de ferro.

• A garagem tinha telha metálica ondulada, dava apenas um carro.

• Minha mãe ganhou um concurso de parobos da Prefeitura, tinha um jardim muito bonito na frente de casa.

• Cada ambiente tinha uma cor diferente e era moda da época.

Apêndice J: Questionário aplicado na residência na Tv. Rui Barbosa, 486.

Reduto



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO  
PESQUISA: O MODERNO E SUAS DERIVAÇÕES: ESTUDO TIPOLOGICO DE  
RESIDÊNCIAS ENTRE 1940-1970 EM BELEM.  
Mestrando: Rodrigo Augusto de Lima Rodrigues.  
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Celma Chaves Pont Vidal.

**QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA ACADÊMICA**

Endereço: Residência Tv. Rui Barbosa 486

Nome Completo: Cleirino Cabral do Nascimento

Idade: 81. Profissão/ocupação: Arquiteto

\* Houve a participação do sócio Sr. Audino Tavares na coleta de informações do questionário.

1. Quantos anos você mora nesta casa?  
Desde 1984
2. Você é o primeiro morador?  
Não
3. Qual a profissão do proprietário da época da construção?  
—
4. A casa é de sua propriedade?  
Sim
5. Qual o ano de sua construção?  
Não sabe
6. Você sabe quem projetou?  
—
7. Na época da construção, gostou deste estilo da casa? Por quê?  
—
8. Você sabe se já houve modificações na casa? Por quê?  
Revoa frontal sem ampliação e na fachada
9. Você gosta do estilo da casa?  
Independente do aspecto plástico é a utilidade
10. Você faria alguma mudança na casa? Por quê?  
com escurtoiro que me servia mais  
Não, me serve
11. A casa, hoje, satisfaz suas necessidades?  
Sim, é funcional.

Sr. Arlindo Favares - Rui Barbosa, 486

. Fim: Quando compramos a casa nos anos 80, ela estava abandonada. Já haviam incalado, saqueado e vandalizado. Tinham até amarrado a porta do meio, estava muito suja.

. Lá, um cima, tinha dois quartos e a escada tinha um corrimão no lugar dessa parede e fizemos um cômodo em baixo da escada que tem um cofre que não usamos.

. Colocamos um parafuso no furo da sala ~~de~~ reatão, que foi rebocado. Ainda existe a fôrma de madeira aí dentro.

. Tivemos que reformar tudo, quase. As esquadrias da fonte ainda são as originais, só foram pintadas.

## Apêndice K: Questionário aplicado na residência na Tv. Dr. Moraes, 34.


  
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO  
 PESQUISA: O MODERNO E SUAS DERIVAÇÕES: ESTUDO TIPOLOGICO DE  
 RESIDÊNCIAS ENTRE 1940-1970 EM BELEM.  
 Mestrando: Rodrigo Augusto de Lima Rodrigues.  
 Orientadora: Prof.ª Dr.ª Celma Chaves Pont Vidal.

**QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA ACADÊMICA**

Endereço: Residência Tv. Dr. Moraes, 34.

Nome Completo: Rui Romariz.

Idade: 71. Profissão/ocupação: Construtor de imóveis.

1. Quantos anos você mora nesta casa?  
71 anos
2. Você é o primeiro morador?  
Sim
3. Qual a profissão do proprietário da época da construção?  
Rui Romano do Silva Romariz (Psi) - Médico e Professor Universitário
4. A casa é de sua propriedade?  
Sim. Herança.
5. Qual o ano de sua construção?  
Década de 1960
6. Você sabe quem projetou? \*  
Dimitri Romariz (Desenhista) e Nilton Monte (Engenheiro)
7. Na época da construção, gostou deste estilo da casa? Por quê? \*  
Sim. Ela era do estilo antigo e passou para este, o moderno da época.
8. Você sabe se já houve modificações na casa? Por quê?  
Sim. Revisão de instalações elétricas, o resto foi conservado.
9. Você gosta do estilo da casa?  
Sim, por isso conservei.
10. Você faria alguma mudança na casa? Por quê?  
Não. Gosto de ela assim.
11. A casa, hoje, satisfaz suas necessidades?  
Sim.

\* *Há complemento de informações adicionais.*

Informações adicionais. - Residência Sr. Rui Romariz.

• O irmão, Dimitri Romariz, era desenhista e trabalhava para vários engenheiros: Alan Meira, Milton Monte, Camil Porto de Oliveira e outros.

• Dimitri fez os desenhos, plantas da casa e Milton Monte deu a aprovação e, foi ele, o responsável pela construção.

• O Monte era muito amigo do meu pai e foi o engenheiro responsável.

• A casa antes era antiga (est. telhado) como a do outro lado da rua, a casa das "Chaves", com o corredor longo. Aí, foi reformada para o est. moderno, na época.

• De início iria ficar algo da casa antiga, mas foi toda reformada e não ficou nada antiga.

## Apêndice L: Questionário aplicado na residência na rua Antônio Barreto, 795.

Unamazal



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO  
PESQUISA: O MODERNO E SUAS DERIVAÇÕES: ESTUDO TIPOLOGICO DE  
RESIDÊNCIAS ENTRE 1940-1970 EM BELÉM.  
Mestrando: Rodrigo Augusto de Lima Rodrigues  
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Célia Chaves Pont Vidal.

**QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA ACADÊMICA**

Endereço: Residência Antônio Barreto, 795.

Nome Completo: Fernando Guapindaiva Neto.

Idade: 88. Profissão/ocupação: Eng. Civil.

- Quantos anos você mora nesta casa?  
70 anos a construção
- Você é o primeiro morador?  
Sim
- Qual a profissão do proprietário da época da construção?  
Engenheiro civil e construiu a casa o proprietário
- A casa é de sua propriedade?  
Sim
- Qual o ano de sua construção?  
1958
- Você sabe quem projetou?  
Camilo Port de Oliveira
- Na época da construção, gostou deste estilo da casa? Por quê?  
Sim. Gostou o Camilo, pois gostava do estilo
- Você sabe se já houve modificações na casa? Por quê?  
Reformas de pisos. Tacos foram substituídos por cerâmica no andar superior e melhorados no banheiros
- Você gosta do estilo da casa?  
Sim, estamos aqui até hoje.
- Você faria alguma mudança na casa? Por quê?  
Não faria, semia muito confortável, mudaria muito coisa
- A casa, hoje, satisfaz suas necessidades?  
Sim, Os ambientes permaneceram os mesmos

Apêndice M: Questionário aplicado na residência na rua Diogo Moia, 853.



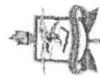
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO  
PESQUISA: O MODERNO E SUAS DERIVAÇÕES: ESTUDO TIPOLOGICO DE  
RESIDÊNCIAS ENTRE 1940-1970 EM BELÉM.  
Mestrando: Rodrigo Augusto de Lima Rodrigues.  
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Celma Chaves Pont Vidal.

**QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA ACADÊMICA**

Endereço: Residência Diogo Moia, 853  
Nome Completo: Abuzo Dopazo Antonio José  
Idade: 52. Profissão/ocupação: Engenheiro Civil

1. Quantos anos você mora nesta casa?  
desde 1975
2. Você é o primeiro morador?  
Sim, vim morar aqui com 12 anos. Era chás casais, dois terrenos, para a construção desta.
3. Qual a profissão do proprietário da época da construção?  
Antônio Vaziana, Antônio José, comerciante (Dono de farmácia) e Aírcia Dopazo Antonio José (farmacêutica).
4. A casa é de sua propriedade?  
Sim, Herança.
5. Qual o ano de sua construção?  
02/1974 (não planta original)
6. Você sabe quem projetou?  
Arquiteto Delmar Naciel Castel-bede Souza
7. Na época da construção, gostou deste estilo da casa? Por quê?  
Meu pai gostou. Ele queria uma casa suspensa do chão.
8. Você sabe se já houve modificações na casa? Por quê?  
Não. Não muito. Apenas o carpete da sala de estar por laminado.
9. Você gosta do estilo da casa?  
Sim, apesar que as vezes faz calor.
10. Você faria alguma mudança na casa? Por quê?  
Sim, mais acessibilidade, pois minha mãe é idosa.
11. A casa, hoje, satisfaz suas necessidades?  
Sim. Hoje, esta super dimensionada. Na época eram 5 filhos e o casal. Agora, são menos pessoas.

Apêndice N: Questionário aplicado na residência na Tv. Francisco Caldeira Castelo Branco, 1439.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO  
PESQUISA: O MODERNO E SUAS DERIVAÇÕES: ESTUDO TIPOLOGICO DE  
RESIDÊNCIAS ENTRE 1940-1970 EM BELÉM.

Mestrando: Rodrigo Augusto de Lima Rodrigues  
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Celma Chaves Pont Vidal.

**QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA ACADÊMICA**

Endereço: Residência Francisco Caldeira Castelo Branco, 1439

Nome Completo: Amauch Carlos Barato Fries

Idade: 59 anos Profissão/ocupação: Comerciante e administrador.

1. Quantos anos você mora nesta casa?  
56 anos
2. Você é o primeiro morador?  
Sim.
3. Qual a profissão do proprietário da época da construção?  
Ubaldo Fries (Pai), militar da Aviação e Celina Barata Fries
4. A casa é de sua propriedade? (mãe) era funcionária pública.  
Sim, herança.
5. Qual o ano de sua construção?  
No mês de 1963
6. Você sabe quem projetou? \*  
Adelson Sarmiento (unhaço) que era engenheiro civil.
7. Na época da construção, gostou deste estilo da casa? Por quê?  
Sim, era moderno.
8. Você sabe se já houve modificações na casa? Por quê? \*  
Sim, mudou-se o piso de "São Lacton" por cerâmica
9. Você gosta do estilo da casa? \* uma cozinha e área de serviço.  
Sim, a casa é muito espaçosa e o ambiente quente.
10. Você faria alguma mudança na casa? Por quê? Tem 12 m?  
Sim, ampliaria alguns cômodos + fazia suites nos
11. A casa, hoje, satisfaz suas necessidades? quartos.  
Sim, plenamente.

\* *Ha complemento com informações adicionais.*

\* Informações adicionais - Sr. Antônio Barata Pires.

- A casa abrigava os 9 irmãos, meu pai, minha Mãe, uma tia avó e avô, além de dois primos, a faxina, a empregada e sua filha.
- O Adolpho Guimarães foi várias vezes ao Rio de Janeiro, construiu muitas estradas no Estado. Também trabalhou no urbanização de Salinas (Salinópolis) no governo de Aluísi Nunes.
- Foi feito um censo que foi incorporado a casa.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO  
PESQUISA: O MODERNO E SUAS DERIVAÇÕES: ESTUDO TIPOLOGICO DE  
RESIDÊNCIAS ENTRE 1940-1970 EM BELÉM.  
Mestrando: Rodrigo Augusto de Lima Rodrigues.  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Celma Chaves Pont Vidal.

**QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA ACADÊMICA**

Endereço: Residência Gentil Bittencourt, 2450.  
Nome Completo: Rosa Rocha  
Idade: 66. Profissão/ocupação: Administradora.

1. Quantos anos você mora nesta casa?  
59 anos
2. Você é o primeiro morador?  
Sim.
3. Qual a profissão do proprietário da época da construção?  
Jurandir Rocha (Pai) era comerciante.
4. A casa é de sua propriedade?  
Sim.
5. Qual o ano de sua construção?  
Foi feita 13 anos quando vim morar aqui, em 1965.
6. Você sabe quem projetou?  
Foi meu avô, Antônio Pereira da Costa, era vizinho um construtor civil mas era famoso como arquiteto ou como arquiteto civil.
7. Na época da construção, gostou deste estilo da casa? Por quê?  
Sim, antigamente.
8. Você sabe se já houve modificações na casa? Por quê?  
Sim, o piso era feito por cerâmica como revestimento de outras sacadas.
9. Você gosta do estilo da casa? e instalações elétricas?  
Sim, é muito ampla e confortável.
10. Você faria alguma mudança na casa? Por quê?  
Não. Não se vender, pois é muito grande para 4 pessoas.
11. A casa, hoje, satisfaz suas necessidades?  
Sim, completamente.

**Apêndice P: Residências identificadas no Bairro da Cidade Velha.**



R. Arsenal, 885



R. Arsenal, 929



Tv. Cap. Pedro  
Albuquerque, 248



Tv. Cap. Pedro  
Albuquerque, 257



Av. 16 de Novembro, 760



Av. Almirante Tamandaré,  
211



Av. Almirante Tamandaré,  
189



R. Joaquim  
Távora, 296



R. Joaquim Távora,  
107



R. Dr. Rodrigues  
dos Santos, 201



R. Dr. Rodrigues  
dos Santos, 74



R. Dr. Malcher, 376

**Apêndice Q: Residências identificadas no Bairro da Campina.**

R. Ferreira Cantão,  
55/57



R. Avertano Rocha, 358



R. Aristides Lobo,  
454



R. Padre Prudêncio,  
656



R. Padre Prudêncio,  
575 A/B



Tv. Frutuoso  
Guimarães, 648



Tv. Frutuoso  
Guimarães, 653



Tv. Frutuoso  
Guimarães, 708



Tv. Campos Sales,  
834



R. Sem. Manoel  
Barata, 973

**Apêndice Q: Residências identificadas no Bairro do Reduto.**



Tv. Benjamin Constant, 774



Tv. Benjamin Constant, 802



Tv. Benjamin Constant, 844



Tv. Rui Barbosa, 486



Tv. Quintino Bocaiuva, 837



Tv. Quintino Bocaiuva,  
967



Tv. Quintino Bocaiuva, 1098



Tv. Rui Barbosa, 586



Passagem Bolonha, 135



R. Sen. Manoel Barata, 1562



R. Gen. Henrique Gurjão, 324

**Apêndice R: Residências identificadas no Bairro de Batista Campos.**



R. Arcispreste  
Manoel Teodoro, 30



R. Arcispreste Manoel  
Teodoro, 139



R. Arcispreste  
Manoel Teodoro, 30



R. Presidente  
Pernambuco, 207



Av. Roberto Camelier, 236



Av. Engenheiro Fernando Guilhon, 1425



Tv. Dos Apinagés, 219



Tv. Dos Tupinambás, 275

**Apêndice S: Residências identificadas no Bairro de Nazaré.**



Al. José Faciola, 136



Al. José Faciola, 242



Al. Paulo Maranhão, 86



Al. Paulo Maranhão, 185



Av. N. S. De Nazaré, 641



Av. N. S. De Nazaré, 741



Tv. Dr. Moraes, 34



Av. Brás de Aguiar, 478

### Apêndice T: Residências identificadas no Bairro do Umarizal.



Av. Alcindo Cacela, 555



R. Antônio Barreto,  
790



R. Antônio Barreto, 795



Tv. Boaventura da  
Silva, 1201



Tv. Boaventura da  
Silva, 1309



Tv. Boaventura da  
Silva, 1594



R. Diogo Moia, 768



R. Diogo Moia, 853



R. Diogo Moia, 858



Tv. 14 de Março, 713



R. Domingos Marreiros,  
875



Tv. Dom Romualdo de  
Seixas, 1364



Tv. Dom Romualdo  
de Seixas, 1413



Tv. Dom Romualdo  
de Seixas, 1415



Tv. Generalíssimo  
Deodoro, 544



Tv. 14 de Março, 878

**Apêndice U: Residências identificadas no Bairro de São Brás.**



Tv. Francisco Caldeira  
Castelo Branco, 807



Tv. Francisco Caldeira  
Castelo Branco, 1439



Av. Conselheiro  
Furtado, 3453



Av. Gentil Bittencourt, 2450



Tv. 14 de Abril, 1967



Tv. 14 de Abril, 1983



Tv. João Balbi, 1404



Tv. João Balbi, 1414